
EX-LIBRIS
BORBA
MORAES
RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

GUERRA DOS MASCATES.

(O PROLOGO.)

Typographia — PERSEVERANÇA —, rua do Hospicio n. 91.

SENNIO.

GUERRA DOS MASCATES

CHRONICA DOS TEMPOS COLONIAES

(O PROLOGO)

VOLUME PRIMEIRO.

RIO DE JANEIRO.
Edictor — B. L. GARNIER — rua do Ouvidor n. 69.

1871.

ADVERTENCIA

INDISPENSAVEL CONTRA ENREDEIROS E MALDISENTES.

Alinhavou-se esta chronica sobre uma papelada velha, descoberta de modo bem esturdio.

Ia proceder-se á eleição primaria em uma parochia dos suburbios do Recife. Desde a vespera que o rabula politico do lugar tinha arranjado a cousa á bico de penna e conforme a senha; mas era preciso dar representação e mostra official da farça para embaçar uns escrupulos ridiculos do presidente calouro.

Para esse fim um grupo de governistas, com o competente destacamento policial, acampou na matriz, onde a opposição que tivera o cuidado de metter-se nas encospeas, não appareceu.

Na occasião de começar a encamisada, deu-se por falta da urna de que ninguem se lem-

brara. Felizmente lá desencavaram no fundo do armario da sacristia um cofre ou arca de jacarandá, que devia ter servido, no tempo de El-rei nosso senhor, para guardar os pelouros da vereança.

Havia dentro da tal arca tres antigualhas, dignas de uma memoria do Instituto Historico. Eram, uma cabelleira de rabicho que naturalmente pertenceu ao ultimo juiz do povo ; uma liga de belbute com atacadores de prata em fórma de corações, adereço casquilho de alguma Egeria dos tempos coloniaes; e finalmente um grosso rolo de escripta enleado com um cadarço de Lamego.

Sem o menor respeito atiraram essas preciosas reliquias á um canto, onde as descobriu dous dias depois o sacristão da freguezia.

Era este o Sr. Beltrão, que ao mister de enxotacães da matriz accumulava o officio de meirinho do subdelegado, combinação esta que dava boa summa das habilidades do nosso homem. Sentia elle tambem suas cocegas pela politica, e desde certo tempo andava chocando de longe como jacaré, o lugar de inspector de quarteirão. Até já lhe passara uma vez pela cachola a idéa de trocar a ópa vermelha por uma farda azul de alferes da guarda nacional ; e sahindo-lhe a cousa certa, porque não havia de entrar na lista de eleitores, e pilhar a subdelegacia ?

Commettera o governo de então o erro gravissimo de não prestar a consideração devida ao merecimento de um homem d'essa marca e a seus relevantes serviços, como phosphoro que

era e da melhor fabrica. Justamente offendido em seus brios, o Sr. Beltrão decidiu virar a jaqueta, pois ainda não se tinha mettido em casaca; e desandou em opposicionista de quatro costados.

Achando os objectos no canto, o girio de sacrista contemplou-os um instante com um sorriso manhoso e deitou-se a passo de rafeiro para a casa do escrivão, que era alli o tombo e conselho do partido. N'esse mesmo dia partiu para a cidade um proprio, levando pesado embrulho e uma carta com enderesso ao redactor do orgão opposicionista.

O tarelo escriptor andava a tinir com o malogro de sua candidatura. Ainda garraio em politica, tivera a ingenuidade de tomar ao serio a eleição e concebera a louca esperança de furar a chapa do governo, empreza mais difficil do que a de brocar o Pão de Assucar.

Foi receber a carta, e pular o tarouco do publicista á meza, onde cortadas as tiras de palpel almaço, desandou um artigo em estylo de bomba, no qual trovejava de veras contra o despotismo que opprimia o paiz.

No outro dia appareceu o presidente com cara de demissão, o que logo se conheceu pelas cerdas revoltas do bigodinho, que o excellentissimo esmerava-se em trazer sempre com um torcido dos mais elegantes. Podera não! Logo na cama tomara, á guisa de mingáo ou chocolate, a siribanda da folha opposicionista n'um artigo furibundo, sob a epigraphe — *Ubinam gentium summus!*... Era o tal sobre a eleição.

Depois de uns rasgos eloquentes acerca da depravação do systhema representativo, e da corrupção que lastra como uma lepra official (isso é lá do publicista pernambucano); descrevia o retumbante artigo os attentados inauditos praticados pelo partido dominante para tomar de assalto as urnas. Esse partido então dominante, confesso que não indaguei qual seria, mas cada um porá o que fôr mais de seu gosto; assim ficaremos todos contentes, e não haverá motivo de zanga entre conservadores e liberaes.

Ahi vai a amostra do tal artigo:

« Chegou á ponto a ousadia, a impudencia, d'essa horda de vandalos que não respeitaram as cousas mais sagradas, a santidade do templo, as cans de uma velhice honrada e a virtude do sexo fragil!

« O honrado capitão mór o Sr. A***, esse benemerito ancião, acatado em todos os tempos como um typo de sisudez e probidade, foi victima dos insultos e apupadas dos energumenos, que depois de tentarem contra sua existencia, tiveram a protervia incrivel de calcar aos pés a sua cabelleira, esse venerando symbolo da velhice gloriosa do grande patriota.

« Não escapou á sanha dos bandidos, a illustre Sra. D. B***, essa inclyta matrona pernambucana, digna dos melhores tempos de Roma, por sua virtude e austeridade. Talhada no molde de D. Maria de Sousa, a heroina brasileira, é adorada como uma providencia d'aquelles lugares, por sua caridade inexaurivel. Estando na missa foi ultrajada

sem respeito á santidade do lugar, e ao recato do sexo. E porque?... Pelo crime imperdoavel de ser mãe de um nosso amigo o Sr. C***, opposicionista importante. Para se avaliar quanto soffreu a illustre matrona, bastará saber-se que no meio do tumulto cahiu-lhe uma liga de preço, e esse penhor da castidade, veio á servir—*horresco!*... de joguete á canalha.

« No dia seguinte o corpo da igreja onde se fez a eleição apresentava aspecto igual ao theatro de uma bachanal. Rolavam pelo chão, de envolta com aquelles objectos respeitaveis, massos de cedulas arrancados a urna violada, e sobejos da opipara ceia com que banquetearam á seus janisaros.

« E o governo depois de se debochar n'essa orgia, ousará ainda com o maior cinismo fallar em liberdade de voto e pureza de eleição! Infeliz paiz, governado por lacaios a quem servem outros lacaios, e outros, desde a antecamara até a cocheira. »

Um esquisitão que havia em Pernambuco, republicano de 1817, convertido em commendador, ao lêr aquelle trecho sahiu-se com esta que—*não era escripto de penna, mas de chuço.*

Tinha uma nota o artigo, e assim concebida:

« Ficam em nosso poder, onde podem ser examinados, os objectos a que nos referimos, verdadeiro corpo de delicto da saturnal representada pelos esbyrros do governo. »

Muitas pessoas foram ao escriptorio da folha ver a cabelleira, a liga e o masso a que alludia o artigo. Emtanto era a toda pressa cha-

mado a palacio o chefe do partido. A conferencia esteve tempestuosa.

O presidente engrilou-se, declarando que estava disposto á fazer tudo, mas guardadas as apparencias. O chefe bateu-lhe o pé; deu-lhe tres gritos, e acabou por dizer-lhe que não faltavam presidentes para Pernambuco. Da secretaria ouviu-se a altercação: e horas depois assoalhou-se que as duas potencias estavam desavindas.

Por este tempo o capitão-mór e a matrona, sabendo do artigo, quizeram protestar. O primeiro, assegurava que sua cabelleira de rabicho ha muitos annos fôra roida pelos ratos, e lamentava esse desastre. A segunda, furiosa contra o escriptor e disposta a não aturar desaforos, jurava que tivera sempre sua perna bem grossa e carnuda para segurar a meia sem necessidade de ligas. Ambos declaravam que não tinham sahido de casa no dia da eleição.

Interpuzeram-se, porém, os oraculos da opposição, e usaram de todos os meios de influencia para obstar a declaração. Exigiam as conveniencias do partido, não se tirasse a força moral de um artigo, que produzira grande effeito e dera azo ao rompimento do chefe governista com o presidente.

O subdelegado da freguezia, cabo da eleição, desmentiu em officio e por cartas as accusações do jornal opposicionista; mas ninguem nem os seus proprios amigos acreditaram nas asseverações do homem, que sabiam capaz de maiores façanhas, useiro e vezeiro n'ellas. Não obstante, a imprensa do governo desfez-se em

elogios á imparcialidade e moderação do prestante cidadão a quem estava confiada a autoridade do lugar.

Um mez depois, cá na côrte, o ministro da justiça, voltava do despacho asoado com uma sabatina que soffrera a respeito da eleição da tal parochia, cuja existencia elle ignorava, pois era homem do sul. O official de gabinete ouviu no meio de um soliloquio tragico estas palavras inauditas:

— Não se póde ser ministro assim!...

Tirando então da pasta um quaderno de papel com o titulo de *extracto dos jornaes*, o pimpolho do estadista procurou um lugar marcado a margem com uma cruz sinistra riscada a lapis. Era nada menos do que o trecho eloquentissimo do publicista pernambucano.

Expediu-se n'esse mesmo dia um *reservado* ao presidente exigindo com urgencia informações á respeito dos factos escandalosos referidos pela folha. A opposição em Pernambuco teve logo noticia do que havia, e comprehendendo o partido que podia tirar do incidente, remetteu para a côrte os objectos á que alludira o artigo, afim de serem vistos por ALGUEM.

Foi portador o nosso jornalista. Chegando á côrte fez-me o favor de procurar como collega, e pedir que preparasse a opinião com um artigo de minha lavra, confiando-me para este fim o pacote onde estava o corpo de delicto do grande escandalo. Ha embrechadas de que ninguem se livra; era esta uma das taes.

Atirei o embrulho á um canto muito resolvido á desculpar-me com as minhas lidas, quan-

do o homem viesse buscal-o no sabbado proximo, para a audiencia que esperava. N'esse interim, porém, cahiu o ministerio; e houve mudança na politica.

Disseram nas camaras que tendo-se aggravado os incommodos do ministro do imperio este insistira pela demissão e o gabinete julgando inconveniente uma reorganisação resolvera retirar-se. O publico ouviu estas explicações com o mesmo ar do homem da boa sociedade quando o amigo se desculpa de o não ter visitado ainda, por causa de incommodos de saude. Sabe-se que é uma calva mentira; mas todos a aceitam e agradecem como uma prova de polidez.

A verdadeira causa da quéda do ministerio só muito depois vim eu a sabel-a; e como não me pediram segredo ahi vai sem tirar nem pôr.

Recebendo o reservado do ministro da justiça, o presidente de Pernambuco presentiu que ali andava dedo de mestre; e desenvolveu um zelo digno dos maiores encomios. E' preciso notar que n'essa mesma occasião o fedelho administrativo fôra honrado com uma *particular* do ministro do imperio, na qual o novo Mazarin insinuara habilmente esta maxima profunda : — *Aos reis como as crianças, é preciso enganal-os para seu proprio bem.*

Apezar de tão salutar advertencia, o presidente por ventura já fascinado pelo irresistivel prestigio do absurdo, tomou ao serio o reservado. No mesmo dia foi demittido o subdelegado da tal freguezia com todos os seis sup-

plentes; e o chefe de policia recebeu ordem de se dirigir immediatamente áquella localidade afim de sindicar dos factos graves occorridos durante a eleição.

Estes actos foram publicados na folha official. O chefe governista, que depois do rompimento resolvera contemporisar, bufou. No primeiro paquete veio o seu *ultimatum*. « A conservação do actual presidente é uma calamidade. Meus amigos estão sendo sacrificados ao capricho d'este moço enfatuado; e a lealdade exige que eu os acompanhe na adversidade. »

Andava o ministro do imperio muito desgostoso com os collegas porque não conseguira fazer o genro barão. A carta do chefe pernambucano foi um pretexto magnifico. Instou pela demissão do presidente, o que não obteve, como de antemão sabia: pediu então respeitosamente venia para retirar-se do poder, e foi-lhe graciosanente recusada. « Não havia motivo para *separar-se* de seus collegas; devia continuar a prestar bons serviços ao paiz, e juntos deixarem o governo quando lhes viesse a faltar o appoio do parlamento do que não havia receio. A sahida de um membro do gabinete isoladamente não era boa politica. »

Taes foram pelo menos as palavras que o ministro do imperio trouxe a seus collegas reunidos em conferencia na casa do presidente do conselho. O secretario da marinha, grumete de primeira viagem, expandiu-se como uma papoula, convencido de que o ministerio estava mais firme que rocha, e tinha vida para cinco annos, sinão dez.

Qual não foi seu pasmo, vendo que o matreiro do ministro do imperio apesar d'aquellas palavras graciosas, insistia calculadamente pela retirada, mas a pretexto de molestia; e que o presidente do conselho, annunciava com um riso jambico a resolução de acompanhar seu collega. « Estava cansado e velho; devia passar o fardo a hombros mais robustos. »

A' bom entendedor meia palavra basta. A trempe do gabinete manobrava para alijar o collega do imperio; mas aquella augusta sollicitude manifestada pela solidariedade ministerial, abriu-lhe os olhos. Soara o *buena cera*; cumpria se despedirem logo, para não representarem o papel de D. Basilio.

Assim operou-se a mudança politica. Mal sabia a essa hora o maroto do sacristão que elle tivera a honra de servir de pretexto a um acontecimento tão importante! Si o advinhasse, não limitaria suas ambições ao modesto lugar de inspector, que arranjou-lhe o escrivão, e á patente de alferes que o novo presidente prometteu-lhe.

Decorreram oito ou nove mezes.

A camara fôra disolvida. O joven escriptor tinha sido eleito deputado, e estava com assento na camara. Um domingo por manhã recebi sua visita, em retribuição do cartão que lhe deixara, á chegada. Conversamos a respeito de politica; o autor do artigo sobre a cabelleira do capitão-môr pensava que tinhamos demasia de liberdade; a imprensa especialmente carecia de um *correctivo salutar*.

Trouxe-me á memoria, o embrulho que

ainda atravancava uma gaveta de minha papelleira. Sem advertir que fazia um epigramma ao Cicero pernambucano, perguntei-lhe:

— Que destino devo dar aos objectos que V. Ex. me confiou? Quer que os envie á sua residencia?

— Oh! não vale a pena! respondeu com um rubor de primeira legislatura. A mudança, que se operou na politica, tirou a estes objectos sua importancia.

Ao sahir encontrou-se a visita com um individuo esguio, que subia a escada. O feto ministerial não se dignou abaixar o augusto e dignissimo olhar para a zumbaia do desconhecido, cujo ar beguino cheirava de longe a morrão de igreja.

Quem havia de ser o sugeito?

O marreco do sacristão, que já encaixado na guarda nacional vinha á côrte pretender um *empregosinho* para viver. Servia-lhe até mesmo o officio de seu amigo o escrivão, arriscado a perdel-o por certo desfalque no cofre de orphãos.

— Dizem, accrescentou elle; eu não creio; talvez não passem de calumnias: mas emfim tudo póde acontecer.

Trazia-me o mirifico alferes uma carta de recommendação, que lhe dava o direito de importunar-me uma hora, á contar sua genealogia, como prologo necessario e importante da biographia. Mas nunca um tagarela cahiu-me tão a proposito do céo como aquelle.

— Sr. Beltrão, meus pequenos serviços estão a sua disposição; mas não tenho valimento.

E' bom que procure os deputados de sua provincia.

— Qual, Sr. doutor. São uns ingratos; já estou escarmentado d'elles. Não viu este que sahia quando entrei? Depois que se encarapitou, faz que não conhece a gente. Não gosto de fallar... Mas si não fosse eu, elle não estaria hoje— *senhor deputado* !

— Trabalhou a favor de sua candidatura?

O escrivão olhou me com um sublime gesto de modestia:

— Foi eu que derrubei o ministerio passado.

— Ah! ..

O Sr. Beltrão tinha em um saguão ministerial travado conhecimento com o correio do ex-presidente do conselho que lhe referiu a verdade verdadeira á respeito da queda do ultimo ministerio.

— Ora, concluiu elle; quem metteu o capitão-mór na dansa fui eu.

— Então elle não perdeu a cabelleira na igreja?

— Qual cabelleira, Sr. doutor. Aquelles cacarecos velhos estavam escondidos n'uma caixa do defuncto vigario, que a tinha mettido no armario da sacristia. Eu é que arranjei a tramoia com o escrivão.

— Pois Sr. Beltrão; já vejo que hade ser bem succedido em sua pretenção. Um homem de seu talento deve ir longe.

Foi-se afinal o sacristão. Tornando ao gabinete, depois de uma manhã perdida, deu-me a curiosidade de examinar as antigualhas do embrulho, antes de mandal-as para o lixo. O

rôlo de papel, que o escriptor pernambucano, jurando na palavra do escrivão qualificara de masso de cedulas e como tal fôra visto por varias pessoas, era nada menos do que um thesouro.

Era o manuscripto de uma chronica inedita sobre a *Guerra dos mascates.*

Devorei o cartapacio e desde logo fiz tenção de o tirar a lume, espanando-lhe de leve as roupagens do estylo, que me pareceram um tanto poentas. Só agora, no remanso d'estas ferias, á sombra de umas jaqueiras que sem duvida competem com as faias virgilianas, se poude levar a cabo a grande empreza; e não sei como, lá se metteram pela velha chronica uns cerzidos ou remendos de estofo moderno, que seguramente lhe tiram seu ar carrança, o melhor sainete do manuscripto.

Esta advertencia, bem se vê que era imprescindivel, para evitar certos commentos. Não faltariam malignos que julgassem ter sido esta chronica inventada a feição e sabor dos tempos d'agora, como quem enxerta borbulha nova em tronco seco; não quanto á trama da acção, que versa de amores, mas no tocante as cousas da governança da capitania.

Pois não lográrão seu intento; que o publico ahi fica munido do documento preciso para julgar da autenticidade d'esta veridica historia.

Si os tempos volvem como as vistas de uma marmota, e as figurinhas cá do presepio da terra entram para sahirem, com os mesmos engonços e geringonças, embora mettidas em trajos differentes, d'isso não tem culpa o chro-

nista. Lá se avenham com o mundo que é o titireiro-mór de taes bonecos.

O que se tira agora á estampa fórma apenas a primeira parte da chronica, e bem se póde chamar o *Prologo* da comedia, que a seu tempo, quando houver folga e paxorra, tambem virá á lume.

Tijuca—Dezembro de 1870.

S.

GUERRA DOS MASCATES.

CAPITULO I.

A JANELLINHA REBUÇADA DO SOTÃO DA CASA NOVA DO PERERECA.

A tarde do dia 1.º de Outubro de 1710 não teve cousa de maior..

Foi uma tarde como qualquer, em fazendo bom tempo. O sol tinha a cara dos mais dias, ahi pela volta das quatro horas que seriam então; nada mais, a nao ser uma carapuça de algodão que lá as nuvens haviam encasquetado na cabeça do astro para guardal-o de constipar-se com o relento.

E o mais é que assim encarapuçado, Phebo, como ainda o chamavam então os poetas e os namorados, fazia a figura de um Xerxes trajado a moda de rei constitucional, de casaca e chapéo redondo.

O céo estava azul mais ou menos; o mar pelo mesmo teor; levantava-se a viração e as arvores tinham o verde do costume, misturado com alguns ramos seccos e folhas murchas. Tambem deviam de cantar pelos arredores alguns passarinhos; não fallando das flôres que sem duvida estrellavam o campo.

Agora si era de setim o manto do firmamente, e de safira a redoma do oceano; si as auras suspiravam amores nos seios das boninas; e arrulhavam saudades as rolas melancholicas; emquanto as açucenas abriam as suas caçoulas cheias de perfumes; não sei eu que não o diz a chronica.

Mas porisso não haja queixa. Tome cada um, de sedas, pedrarias, endeixas, e fragancias, quanta porção queira e vá enfeitando e arrebicando a minha discripção á seu gosto. Eu cá prefiro a simplicidade, que é o mais commodo de todos os estylos; basta ver que forrase a gente ao trabalho de phantaziar, e deixa isso ao leitor.

Ha nada como aquelle modo chão de principiar as historias da carouchа? *Foi um dia..* E cada um que imagine o tal dia á sua feição, de inverno ou de verão, de outomno ou primavera como lhe saiba melhor.

Pois era uma tarde... e a janella do sotão,

na casa do Perereca, abria manso e manso fazendo uma fresta, onde se mostrou á medo a ponta arrebitada do mais lindo narizinho retorcido de que ha noticia desde Agláe, a qual o tinha de primor, valha a fabula, como a graça que era do chiste e da malicia, donde veio chammarem-n'a os gregos de *esplendida.*

Agora vejo que não se conhece ainda a casa, nem o logar em que estava situada, sem fallar de outras particularidades, que não deixam de ser curiosas, com especialidade o dono; pois, e não digo novidade, si em geral os predios são cousa de seu proprietario, tambem donos ha que são accessorios de sua casa.

Estamos no Recife.

Andando a rua da Praia dos Coqueiros, no bairro de Santo Antonio, quem ia n'aquelle tempo do Collegio para as bandas das Cinco Pontas, quasi a meio caminho encoutrava um vasto edificio que ficava fronteiro á barra; ainda a rua da Maré com sua casaria não se tinha prolongado até aquelle ponto da ribeira.

Larga e baixa, a casa terreira acaçapava-se entre o arvoredo do quintal que a beirava de um e outro lado; mas dava logo nas vistas pela especialidade da pintura extravagante com que a haviam lambusado, pois outra qualificação não quadraria á incrivel borradella.

Tinha cerca de quatro annos o edificio. Acabada n'elle a obra de pedreiro e carapina, quando se teve de passar ao artigo pintura, vieram as tribulações para o dono, o digno Sr. Simão Ribas, mascate de peso e marca entre os principaes do Recife.

Não sei si já ahi por essa monarchia domestica tinham inventado o governo pessoal, e usavam as calças responsaveis metterem-se por baixo da saia inviolavel. Cá no meu alfarrabio só vejo que houve muita resinga e altercação, acabando o batebarba ou questão de alcova, como de costume, com o triumpho completo da trunfa, que era então, como o coque é hoje, a corôa domestica.

Sabidas as contas, decidira a Sra. Rufina Ribas que a fachada fosse de uma côr farpante e para vêr-se a legoas, lá do alto mar. Antes de surdir o navio pelo Lameirão a dentro, queria a respeitavel matrona que sua casa nova entrasse pelas vistas da gente que vinha da santa terrinha.

Nem por sombras occorreu ao marido a idéa de oppôr-se á vontade de sua dona. Era um marido constitucional, o Sr. Simão Ribas; e não ha ahi ministro cortezão, a que elle não levasse as lampas na arte insigue de fundir-se, como cera, em figurinhas moldadas ao

capricho mulheril. Não foram, pois, assomos de resistencia que perturbaram a paz domestica; ao inverso proveio tudo de excessos de zelo e obediencia.

Chamado a conselho o eximio borrador afim de dar alvitre sobre o caso, foi de voto, que não havia como o zarcão, para fazer o gosto a Sra. Rufina. Dito e feito: no dia seguinte amanheceu a parede assanhada com uma crosta do mais coruscante vermelho.

Muito ancho de si, o digno mascate já se regosijava de ter uma vez na vida feito as cousas ao agrado da querida metade, quando lhe veio ella deitar agua na fervura. Esguelhando á parede um olhar impertinente, espevitou o nariz, torceu o beiço, e deu um muxoxo, que irriçou os cabellos ao marido.

Barulho no caso: novo appello ao borrador que gisou a combinação do verdete com o zarcão: e assim, de resinga em resinga, chegou-se áquelle espalhafato de todas as côres, onde o azul brigava com o encarnado, o verde com o vermelho, e o roxo-terra com o amarello da oka. Era cousa indescriptivel, que o prospecto de algumas tabernas de hoje, ainda não conseguiu imitar.

Nos primeiros dias esteve a casa de mostra aos basbaques e pascacios que por lá iam, para

se pasmarem diante d'aquella maravilha. Por um mez não se fallou no Recife d'outra cousa; até que um dia lá appareceu pela manhã escripto á carvão, na frente, este distico maligno — *Perereca.*

Lavou-se da parede a tisna, mas a alcunha ficou ahi fisgada á casa, como si a tivessem gravado em bronze. Fôra o bregeiro de um rapaz que voltando á ave-maria da eschola, e ouvindo cantar a rã n'uma touça de bananeiras, lembrou-se da semelhança que tinha com a frente da casa, e escreveu-lhe o nome na parede. Ao outro dia antes que apagassem as lettras, succedeu passarem ahi, um frade, uma comadre e um soldado. Leu o franciscano em voz alta, se julgando á sós, e riu-se: ouviram-n'o os dous que atinaram com a graça.

Tanto bastou para que ao meio dia se soubesse em todo o Recife, do acontecido; e pelo plebiscito do motejo unanime, a casa sarapintada ficou sendo conhecida pelo nome expressivo de — *Casa do Perereca.*

Cobria o edificio um telhado de largas abas e alto cocoruto, que lançava em cada quina uma ponta de barro, com pretenções á figura de marreca. Nas duas faces lateraes erguiamse as aguas furtadas do sotão, que rasgava duas janellas, uma para cada banda.

Na janella da direita, que durante o dia estava aberta sempre, de costume estendiam em um cordel passado de uma á outra hombreira, certa colcha de chita de ramagens, que ao sopro do vento desfraldava-se á guisa de estandarte. Quem tinha a dita de conhecer a Sra. Rufina Ribas, acertando de passar por aquelles sitios e dando com o espantalho da tal coberta, adevinhava logo que era da garrida matrona essa janella.

Tinha outro ar e outros modos a janella da esquerda. Começava logo por uma latada que lhe haviam armado em volta, e lhe servia como de capuz, com as ramadas do maracujaseiro entrelaçado pelos esquaques do caramanchel. Dava-lhe isso, á tal janellinha, uns biocos de freira, mas de freira moça e bonita, que lá do remanso do claustro enfia pela grade uma olhadella curiosa e avida do borborinho do mundo.

Outra differença vinha de estarem as adufas da direita sempre cerradas, em horas soalheiras; n'isso pareciam-se com o calice de certas flôres e com os cilios da jurity, que fecham-se pela muita luz, e só abrem ao doce toque do crepusculo. Todavia não eram ellas tão recatadas do sol, que não se descerrassem lá uma ou outra vez, na calma do dia, sobretudo aos do-

mingos, para deixar que entrasse algum raio fagueiro pela camara do sotão.

No estreito eirado, rente com o peitoril, havia tres vasos de barro onde cresciam varias plantas. A mão que reunira ahi o alvo bogarim, a rubra cravina, o goivo amarello, e os bagos escarlates da pimenta ; esse conjuncto singular lhe estava denunciando a travessura. Si é verdade, e eu creio, que a alma imprime nos objectos que a cercam, a sua propria feição, podia-se ver n'aquelle grupo de plantas, o enigma de um coração.

Não seria o alvo bogarim, o reflexo da candidez, como as petalas da cravina, a imagem dos vivos rubores de uma petulante castidade ? O goivo, ali na mansão da juventude, não exprimia a descuidosa alegria, que orvalha de risos até as horas aziagas ? E n'aquelles bagos vermelhos e brilhantes da pimenta, não havia quiçá o emblema das unhas de nacar, habituadas a insinuar no affago o belisco traiçoeiro ?

A final de contas, quem sabe si apezar de todas as suas mostras encantadoras não estava a tal sonsa da janellinha enganando a gente que passava, como certas moças do tempo de hoje, cujo fraco é porém-se ás vessas ; quero eu dizer e sem malicia, que se empenham com todas as forças para fazerem-se outras, das que as creou a natureza.

Assim tosquia-se para fazer cachos, aquella que Deus ornou com a tunica mais bella, que é uma soberba madeixa. Si não a possuisse, havia de esmagar a cabeça com uma trouxa enorme de cabellos postiços. Estufa-se a magra com enchimentos para simular cortonos, como a gorda se espartilha e acocha para figurar de esbelta. E n'esse teor, enganando-se a si e aos outros, vae o mundo á rolar como uma bolá que é, levantando estes e abaixando aquelles, mas por fim esmoendo a todos.

Eis porque não seria caso de espantar, si n'aquella janellinha tão louçã viesse a apparecer uma velha encarquilhada, descobrindo-se afinal que o nosso narizinho retorcido, não passava da ponta fungada do cavallete septuagenario de um respeitavel par de oculos de tartaruga.

Tudo póde ser.

CAPITULO II.

A LEBRE NA TOCA E O VEADO NA MOITA.

Já batia a sombra no peitoril, quando se entre-abrira a adufa da janella, mostrando a ponta retrocida do gentil narizinho.

Dir-se-ia, que elle farejava como uma lebre arisca tal era sua volubilidade, si não fosse mais natural presumir um olhar, que ainda se não distinguia, coando pela fresta, á espreitar os arredores. Como nada apparecia de suspeito, as duas abas correram, escancarando-se de par em par com arrebatamento igual da timidez anterior.

Assim abrem-se tambem as azas do passarinho, que ha pouco titillava dentro do ninho, e já talha os ares com o vôo rapido.

No vão da janella, mostrou-se o busto de

uma menina; mas o que primeiro se viu, sinão sómente, pois arrebatava os olhos todos e a alma, foi a cabecinha, cheia de papillotes que se enroscavam entre os anneis do cabello negro. Nunca flôres, nem perolas, ornaram uma fronte fidalga como aquelles crespos de papel.

Trazia a menina os bolsos do avental cheios de gommos de canna, cortados a feição de chupar; e n'aquelle momento, seus dentes brancos e pollidos como o jaspe, mordiam uma talhada, que lhe arregaçava graciosamente os labios purpurinos. No prazer com que ella trincava a fibra da canna, sugando-lhe o mel, advinhava se o segredo d'essa boquinha faceira.

Não era boca para embeber-se na delicia de um beijo ardente, com a ancia da paixão que imbue uma alma na outra, fundindo-as em deliquios de amor. Não o era de certo; mas para trincar um coração, como si fosse um gomo de canna, ou para esgarçar a vida de um misero amante, como o bagaço que segurava entre os dedos; isto sim; podia-se jurar.

Quem admirou a fina polpa d'esse labio e não viu logo as semelhanças da petala de rosa cobrindo o espinho, ou do bago da pitanga onde acaso insinua-se o farpão da abelha? D'esses labios, quando elles alguma vez se abrocham em botão, não ha fiar; são beijos

de morder, os que elles sabem, caricias que pungem n'alma e a deixam em piques. Por isso estão sempre a rir, não tanto de alegria, como pelo gosto de mostrar o dentesinho branco, subtil e afilado como o dardo do aspide que se escondesse em um aljofar.

Mas n'aquelle rosto gracioso, o primor não eram, nem a boca brejeira e os cabellos cacheados, nem os olhos pretos que faziam cocegas no coração, nem mesmo a covinha da barba, que um poeta chamaria o ninho das graças. Era... Adevinhem?... Era o narizinho retorcido, que no meio d'aquellas gentis feições, parecia um anjo traquinas dentro de um berço de boninas.

Quando encontro um d'esses narizes arrebitados, já se entende, em rosto de moça; cuido estar vendo um passarinho, que arrufa-se de cholera, e empina a cabeça, prompto a lançar a bicada. Reparem bem; depois digam-me si n'esse retorcido gracioso de uma ventinha rosea e transparente, não está ahi esculpido na sua mais bella fórma, o *capricho.* E si não sabem o que seja capricho, posso confiar-lhes este segredo de minha invenção; é um colibri que tem o ninho no coração de certas moças, e chupa-lhes o mel de todas as flôres d'alma.

Chupando os gomos de canna, ia-os a menina dos papillotes arranjando um perto do outro, em fileiras, sobre o batente da janella ; no cuidado com que o fazia, e certo arzinho lesto, se estava denunciando do pensamento uma travessura, de que ella já saboreava o gostinho.

De vez em quando relanceava um olhar, pela praia fronteira do bairro do Recife, desde o forte do Mattos até a ponte, que unia as duas margens, e da qual os tectos das casas e arvoredos dos quintaes não lhe deixavam avistar sinão a extremidade opposta. Entretanto se acontecia farfalharem as folhas com alguma rajada mais fresca da brisa do mar, ou com o arranco de alguma rola assustada, estremecia a fingida e punha-se álerta.

Reparando nas plantas dos vasos, que formavam seu jardim, o narizinho arrebitado, achou-as languidas e tristes com o calor do dia, e lembrou-se de regal-as.

Foi dentro buscar um moringue d'agua, dos bojudos e pesados como os costumam fazer ainda hoje; e a custo, erguendo-o com ambas as mãos para vencer-lhe o peso, conseguiu deital-o no peitoril da janella. D'ahi inclinando-o, tomava ella os bochechos d'agua, que deitava sobre as plantas, debruços ao parapeito para alcançar o vaso.

Uma carriça, que tinha construido o ninho no vão de uma telha, desde instantes folgava defronte da janella, traçando no ar os adejos, como costuma, a vôar e revôar no mesmo lugar.

Convidada pela frescura d'agua, foi esconder-se entre as folhas rosciadas do bogarim; e bebeu uma gotta que tremulava dentro da nivea corola da flôr. Invejou a menina dos papillotes aquella travessura, e sentiu não ser passarinho para fazel-a.

Que é isso? Temos novidade?

Ergueu-se rapida a cabeça dos papillotes; os olhos vivos lhe cintilaram de prazer, fitando um objecto, lá da outra banda.

Seria acaso um rapazola que desembocava apressado da rua do Azeite na da Madre de Deus, e depois de quebrar a esquina, voltando a cabeça para assegurar-se que o não seguiam, deitára a correr na direcção da ponte?

Bem póde ser, porque os olhos buliçosos, agora atados, vieram seguindo passo a passo pela praia o sujeitinho, até passar o arco e entrar na ponte onde o esconderam as casas. Todavia continuaram os olhinhos caminheiros a andarem pelo ar uma certa vereda que lá elles conheciam de a terem batido muita vez, e que, era eu capaz de apostar, vinha cahir

ahi perto, entre os cajueiros e mangues do areal da Penha, mesmo n'aquelle claro para onde está olhando agora a curiosa.

Debruçada sobre o peitoril, com as mãos seguras ao batente onde apoiva o seio, o pescoço estendido e o ouvido alerta, tinha a menina o geito de uma lebre agachada á boca da toca sobre as patas dianteiras, com as orelhas crespas, de espreita ao perigo. Este não andava longe.

Atravessando a ponte e seguindo pela rua da Maré, o garoto ganhara o arvoredo além da corôa de arêa onde se elevava o convento de Nossa Senhora da Penha de França. Ahi parou um instante, com a ligeira hesitação da esperança que receia um mallogro.

Era elle um bello rapaz de dezesete annos; não obstante a pouca idade, mostrava no gentil parecer tal ardimento, e no talhe bem composto um donaire firme e resoluto, que imprimiam em sua graça adolescente uma encantadora bizarria.

Com um movimento que parecia habitual alisava um bigode ausente, o qual apenas se annunciava pela macia pubescencia do labio superior. Em falta dos longos pellos que repuxasse em momentos de enfado, á moda dos veteranos, pagavam os cantos da boca fresca e rosada.

Outro sestro que se lhe notava era dar á ilharga, em andando, certa descahida como o soldado que traz espada a cinta e furta levemente o quadril para não embaraçar a marcha. Bem diverso era o instrumento de que vinha elle armado; sobraçava um bastão chanfrado de jacarandá com a medida portugueza de vara e covado, e trazia ás costas uma bor jaca de couro de moscovia cheia de fazendas e miudezas, objectos estes de que não se podera antes desvencilhar com receio de perdel-os; mas n'aquelle momento vingou-se com usura.

— Arre! Não está longe o dia em que te heide metter no fogo! exclamou atirando a vara ao chão e dando-lhe por cima um pontapé, e o saco foi pelo mesmo caminho e teor.

Vestia o rapaz ao uso do tempo e de sua condição, jaleco, vestia e calções de belbute da mesma côr parda, com meias cruas apertadas abaixo do joelho e sapatos grossos de couro acamurçado, com fivella de estanho. Pelo trajo via-se que era filho da gente do meio, como se designava então a classe que nem era a nobre, nem a mecanica; mas ficava entre ambas; e se compunha d'aquelles a quem o officio ou arte liberal privilegiava com certa isenção. Deste numero eram os mercadores de tenda aberta.

Quem pois visse passar pelas ruas do Recife

n'aquelle tempo o esperto garoto com a vara embaixo do braço e a burjaca ao hombro, reconhecia-o logo pelo moço de um mascate, ou seu caixeiro de rua e balcão.

E não se enganaria, pois tal era o mister que tinha o Nuno na logea de seu pai, o mercador Miguel Vianna.

Curta foi a hesitação do rapaz. Metteu-se entre as arvores; e aproximou-se sorrateiramente, affastando os ramos para aprochar a casa. Si do lado da casa a lebre espiava, de cá era o campeiro que passava subtil atravez da folhagem, aspirando as baforadas do ar e presentindo um halito suspeito d'envolta com as emmanações da brisa e os efluvios das flôres.

Afinal, de espreita em espreita, lá chofraram-se os olhares de ambos, á modo de pellas que se encontrassem no ar e retrocedessem-se. Como figurinhas de artificio tocadas por mola occulta, tomaram de subito varia postura. O rapaz, voltando costas á janella, apanhava no chão um ramo seco, e partia-o em pedaços, que lhe serviam para atirar á copa das arvores, com o disfarce de abater algum fructo. Quanto á menina, de um apice escondera-se atraz da hombreira da janella, debulhando nos labios um riso malicioso, que ralhava com o

rubor derramado pelas faces, da mesma fórma que os dedos traquinas estavam ás voltas com os alamares do justilho.

Passado um momento, como o Nuno parecia em verdade occupado com as arvores, o narizinho retorcido que se animara a espiar com o canto do olho pela quina da hombreira, foi a pouco e pouco, de susto em susto, já ousado, e já tremulo, mostrando-se pela face interior até que afinal surdiu fóra de novo, embora um tanto arisco e desconfiado.

Ahi a esperava o fingido moço, que tendo visto de esguelha toda a mimica, voltou-se de sopetão; mas, si ouviu um gritosinho semelhante ao da carriça, não enxergou mais que uma sombra a desvanecer-se na obscuridade da recamara.

Tão viva e ligeira como elle, a menina frustou-lhe a travessura, escondendo-se de novo.

Duas ou tres vezes repetiu-se a pantomima, e o rapaz sempre logrado; até que amuou-se, e trepando em um galho d'arvore, sentou-se de costas para a janella, a balançar as pernas e a repetir a cantiga de um folguedo muito em voga então:

Uma, duas, argolinha,
Finca o pé na pepolinha;
O rapaz que jogo faz

Faz o jogo do capão,
O capão sobre o capão,
Conta bem, Manoel João:
Conta bem que vinte são;
E recolhe este pésinho
Na conchinha d'uma mão.

CAPITULO III.

ENTRAM EM SCENA A RONHA E A BILE DO GOVERNO DA CAPITANIA.

Debalde a faceira veio estouvadamente debruçar-se á janella; debalde começou a espantar os passarinhos com um certo *chô* dos labios que riam-se arremedando um *psiu*; debalde contrariada pela impassibilidade do rapaz, tirou do peito uma tosse fingida, que, si não me engano, acabou por um suspiro mavioso.

Não se abalava o rapaz, que era pirracento, sinão ardiloso. Mas que bigode, quando mais buço a pungir, ha ahi que vença em manha e teima, á um narizinho retorcido? Mostrem-m'o si são capazes.

Acaso tocara a menina com o cotovello na

ruma de bagaços de canna, que alinhara sobre o peitoril, e dos quaes se esquecera um instante. Segurou o primeiro na ponta dos dedos, e zás, fez alvo no rapaz que não se mexeu. Ao quinto ou sexto tiro todavia, o inimigo incolume, pois nenhum dos projectis acertara n'elle, deu signal de baleado, tombando de repente para traz.

Rodar sobre o galho como um corrupio, virar no ar uma cambalhota, e cahir de pé, em frente da janella, foi para o rapaz negocio de esfregar um olho. Quando a travessa o procurava no ar, já estave elle quasi embaixo da janella, fazendo-lhe por despique um momo de simulado espanto.

— Hanh !...

Já era tarde para fugir, si é que ella nunca teve tal idéa, e não se deixara muito de proposito apanhar d'essa calculada sorpreza. Comtudo fez menção de hesitar, enleiada no melhor partido: e foi elle soltar a risada gostosa que lhe estavam provocando os gatimanhos do moço.

Começou então o desafio das risadas, e das ligeiresas; porque ella procurava acertal-o com o bagaço de canna, que elle evitava com saltos e furtadellas de corpo; d'ahi as negaças e os enliços de parte a parte: até que partia

o tiro: si errava o alvo, como quasi sempre acontecia, Nuno fazia uma careta:

— Uh! uh!...

E eram gargalhadas da menina e trejeitos do moço, que se devertia com aquelle folguedo apto ao seu genio trefego e petulante.

Acabados os projectis, metteu a menina a mão no bolso e tirou um gomo de canna, mas em vez de o jogar, começou com elle a fazer foscas ao moço, ora fingindo que o chupava, ora acenando que lh'o queria dar em mão.

— Quer? perguntou afinal.

— Atire!

— La vai!

Aparou o moço nas mãos o gomo de canna, e chupou-o logo: depois outro e outro até o ultimo.

— Não tem mais! dizia a menina virando os bolsos.

— Que pena!

Desde que não havia mais travessuras sentiam-se os dous enleiados; já não se animavam a olhar um para o outro, nem a trocar palavra.

O rapaz estendia os olhos para o caminho e suspirava; a menina já não se debruçava á janella, e de vez em quando voltava-se para dentro.

D'esse lado da casa havia um tapume tosco e em muitos pontos aberto pela gente que para encurtar caminho atravessava os terrenos da quinta, na direcção dos Affogados. Favorecido pelos habitos dos moradores que deixavam essa parte da habitação deserta n'aquellas horas, Nuno se approximára sem despertar a attenção; e como cada tarde ia conquistando mais terreno; estava então junto ao tronco de uma pinheira que lançava os galhos para o telhado.

Lembrou-se de trepar; era uma travessura. N'isso uma voz aguda chamou do interior:

— Martha!

Correu para dentro a menina, e com pouco voltou, comendo uma cocada que a mãi lhe dera, e com a qual se preparava para fazer figa ao camarada: mas não o viu. Cançada de procural-o entre as arvores, e despeitada da peça que lhe pregára, ia retirar-se murmurando:

— Deixa-te estar, marotinho!

Eis que surge-lhe pela beirada do telhado a cabeça do estouvado rapaz, trepado na pinheira, d'onde conseguira alcançar com a mão as travessas ou cachorros, como lhe chamam os carpinteiros. Com o susto que soffrera e o receio de que descobrissem o rapaz n'aquella posição, Martha acenou-lhe com a mão que descesse:

— Um ninho! disse Nuno olhando pelo intersticio das telhas.

— Aonde? perguntou a menina já picada pela curiosidade.

— Aqui. E' o da carriça!

— Tem ovos?

— Dois!

— Ah!...

— Quer?

— Não!

Esse não, disseram-n'o vivamente os labios de Martha, mas os olhos a desmentil-os estavam morrendo de desejos de ter o ninho com os ovos dentro. Já este passara do vão da telha para a mão do rapaz que o mostrava:

— Olhe!

— Que bonito! exclamou a menina com o prazer supremo da criança, que se atira para o brinquedo, e parece metter-se por elle para melher o possuir. E' talvez por esse vehemencia do goso infantil, que os meninos quebram logo as tetéas de que mais gostam.

— Tome! disse Nuno fazendo menção de levar-lhe o ninho.

— Não; não! respondeu Martha com espanto, querendo fugir da janella.

— Então levo para Isabel.

— Pois sim!

Desconsolado mettia Nuno o ninho no peito da vestia, e preparava-se para descer, emquanto de seu lado Martha arrufada comsigo mesmo, olhava á surrelfa o camarada, com sorriso insosso. O rapaz cogitava um pretexto para ficar; a menina tinha medo que elle o achasse, mas sentia que se fosse tão depressa.

De repente uma voz de tom imperioso soou perto, que produziu nos dous o natural espanto e sossobro de se verem sorprehendidos em flagrante delicto de travessura:

— Que fazes tu ahi, garoto?

Com estas palavras, resoou tambem o estrepito de uma brilhante cavalgata, que se aproximara sem rumor por causa da areia, e estava agora parada na rua, aquem do canto da casa, onde passava a scena anterior.

A figura proeminente do troço, era um cavalleiro de grande porte e alta estatura, que então occupava o centro na testa do primeiro grupo. Orçaria pelos quarenta annos; tinha olhos pequenos e ornava-lhe o rosto alvo, densa barba cinzenta fina e macia, que disfarçando a aspereza das linhas inferiores, corrigia-lhe o oval do semblante.

De perfil porém accentuava-se a projecção do queixo, bem como a proeminencia da fronte,

que se distinguia sob a aba do chapéo de castor, guarnecido á cairel de ouro. N'essas duas saliencias da phisionomia, estava como em relevo, desenhado um caracter.

A pertinacia, não a da perseverança como a praticam os animos robustos que sabem querer ; e sim a da obstinação, propria de naturezas timidas, que se afferram ao pretexto ; a resistencia da duvida, alimentada pela indole da contradicção ; o molde da parte posterior do rosto o estava retratando.

Annunciava intelligencia a fronte aberta ; e todavia a testa bombeada, accusava n'esse contorno arredondado do craneo um traço feminino. Via-se ahi a fôrma do talento do detalhe, ou melhor, da malleabilidade do engenho, que se presta á varios misteres no mesmo tempo, com tanto que todos colhem na bitola.

Era nobre e viril o parecer do cavalleiro, especialmente em repouso ; mas desde que se punham em acção suas faculdades, despendia-se d'ellas um prurido de actividade soffrega e volubil, que desconcertava a compostura do semblante, como do talhe. Fallava rapido, com a palavra diffusa e a voz estridente ; demasiava-se no gesto ; e em todos os seus modos punha tal alacridade, que devia-lhe

algumas vezes o espirito titubear, enleiado n'aquella meiada de idas e vindas, de passos e voltas, em que se comprazia o seu genio infatigavel.

Casaca de velludo castanho com mangas de bota e guarnecida, como o chapéo, de cairel de ouro; volta de renda, laçada ao pescoço, e da qual lhe cahiam as duas pontas largas sobre o peito da vestia de setim azul com ramagens brancas estampadas; talim de velludo que suspendia a rica espada; broches de pedraria na presilha do chapéo, nos punhos do camisote e na atadura dos calções de brocado amarello: assim vestia o cavalleiro.

Trajo esse para fidalgo de grande estado, novo e aprimorado da fazenda como do feitio, bem longe de sobresahir na compleição bem proporcionada do cavalleiro, parecia, pelo deleixo com que o trazia elle, já amarrotado do muito uso.

Tal era Sebastião de Castro Caldas, governador e capitão general de Pernambuco.

A' direita ficava-lhe o capitão Barbosa de Lima, secretario do governo; á esquerda o capitão Negreiros, primeiro ajudante de ordens. Seguia-se o tenente Bernardo Allemão, segundo ajudante de ordens, com o alferes André Vieira, que mandava o piquete de cavallaria

da guarda do governador; por ultimo quatro creados em libré de seda amarella com forro verde dobrado nas golas, no canhão e ponta das abas, tendo as armas dos Castro Caldas bordadas no alto da manga do gibão á guiza de dragona.

Eis a cavalgada que parara no canto da casa, com espanto do Nuno, que lá de cima da sua pinheira, quasi encarapitado no telhado esgaseava uns olhos d'onde coava-se atravez do susto o chasco ardiloso do bregeiro.

CAPITULO IV.

DO PERIGO DE TIRAR NINHOS DOS TELHADOS NO TEMPO DE EL-REI NOSSO SENHOR.

No momento em que a luzida cavalgada, avançando a passo moderado, defrontou com a janella do sotão, um ligeiro sorriso perpassara nos labios do governador, erriçando de prazer o fino bigode, que sua mão branca e esmerada alisou com um gesto rapido.

Tinha percebido o vulto gracioso de Martha, que destacava no vão da janella, como a figura de uma sylphide na téla escura de eximio pintor. Ao sopro da brisa as roupas transparentes de garça verde gaio lhe fluctuavam em torno como azas de gaturamo, especialmente as mangas soltas, d'onde se lançavam os lindos braços, imitando lirios hasteados entre a folhagem.

4

Um justilho preto, curto e chanfrado cerrava-lhe a cintura mimosa, que dobrava-se como a haste da flôr com as inflexões do talhe.

Breve se apagara nos labios do governador o sorriso, percebendo que a menina não estava só, mas praticando com alguem. Ao ver o intruso, a posição em que se achava e a casta de gente que era, carregou-se-lhe o sobrolho; e por uma leve depressão do labio superior, dir-se-hia que mordera um fio do bigode.

Todavia não se alterou em geral a calma de seu porte; e a ligeira perturbação passou desapercebida para todos, com excepção dos dois officiaes que ladeavam o governador.

Foi então que o capitão Negreiros, justamente irritado contra o temerario que ousara cahir no desagrado do poderoso governador, não só lançou contra o Nuno aquella apostrophe accentuada com a mais ôca retumbancia de sua voz, porém ficou-o fulminando com a sombria catadura.

Como não respondesse o rapaz, e estivesse lá de seu poleiro a miral-o com ares de mofa, arremessou-lhe de novo estas palavras :

— Não tens boca, mariola ? Que fazes tu ahi ?

— É um ninho de carriça, sim, meu senhor !... respondeu o menino atarantado.

— Um ninho, grandissimo peralta!' bradou o ajudante com suprema indignação e a mais possante emphase oratoria. Um ninho no telhado!...

No animo do nosso ajudante um crime de lesa-magestade dos capitulos de primeira cabeça não produziria tamanho horror, qual mostrava, e devemos crêr que ás véras, diante da enormidade d'esse attentado inaudito contra a innocente prole da carriça e a inviolabilidade do telhado do Perereca.

Em verdade era grave o caso; assassinato em massa e invasão na propriedade alheia. Si um rei ou um governador, se lembrasse d'isso para distrahir-se, inventando uma guerra ou algum monopolio que dizimasse o povo na vida e na bolsa, avisaria o nosso ajudante a excellencia da medida; pois qual é o fim da republica sinão divertir aos principes? Mas quando era um galopim que ousava atacar as telhas e os ninhos!... Oh! protervia!...

Arremessou o capitão o cavallo contra a cerca no intuito de alcançar o artelho do rapaz e derrubal-o da arvore; mas este que lhe adivinhou o plano, apoiando-se na beirada, galgou o telhado e se poz a salvo.

— Safa rascada! gritou o bregeiro.

Affastara-se o governador e entretinha-se á parte com o prazenteiro secretario, parecendo de todo alheio á scena que alli se passava. Mas quem o observasse attento, perceberia o olhar rapido que a furto relanceava para a janella do sotão, onde se eclipsara a estrella, com o apparecimento da cavalgada.

— Desce, biltre!... intimava furioso o ajudante.

Mas o marotinho do rapaz gingava no telhado, bamboleando o corpo, e fazendo-lhe gatimanhos de zombaria:

— Babáo, Sr. capitão! Babáo!

— Eu te esbandalho, pedaço de um bargante! berrou o ajudante.

— Isca! Isca!...

— Olá, um! Agarrem-me já este espirro de gato.

Apeou-se um dos lacaios para cumprir a ordem, o que comprehendendo o Nuno e vendo a estreiteza do caso, lançou em torno uma vista indecisa; nisto sentiu que lhe puxavam a aba do gibão. Voltando-se, deu com a carinha travessa de Martha um tanto amarrotada do susto, a mostrar-lhe a recamera como um asylo. Não havia hesitar.

Corriam-se as adufas da protectora janellinha, justamente quando apparecia a cabeça do

lacaio por cima das telhas. O ajudante estava no delirio da raiva ; si a principio se mostrava irritado por conta do governador, agora era pela sua propria que esbravejava como um possesso.

— Maráo, gambirra, fundilho de Judas, lendea do Cão Tinhoso, fedelho de Satanaz!...

Por este geito vociferou durante algum tempo o ajudante, notavel pela fertilidade dos epithetos mais pittorescos e originaes, com que nos seus momentos de sanhuda eloquencia elle enriquecia o idioma das regateiras.

Observando o governador que seu ajudante começava a exceder-se, deu de redea ao cavallo e passou adiante com o secretario, cujo eterno sorriso se encrespara com um ligeiro tom de ironia ao ver o destampatorio do capitão.

Quando passavam pela frente da casa abriu-se a porta, e sahiu um homunculo, armado com uma cabeça de pitorra e enfaixado em um quimão de primavera. Desbarretando-se até ao chão, desfazia-se em cortezias tão rasteiras, que mais pareciam dirigidas ao cavallo do que que ao cavalleiro.

— Boa tarde, Sr. almotacé.

— Aos pés da muito alta p*l*osopopéa do Exm. Sr. Gove*l*nado*l* !

A esse tempo por uma fresta da gelosia do meio, a Sra. Rufina, que empurrara o marido pela porta, espreitava de dentro.

— Não sabe o que acontece? perguntou o governador.

— Sabe*l*ei, meu Senho*l*, si a bondade de V Ex. concede*l*-me essa g*l*aça.

— Capitão! disse o governador com os olhos no secretario.

Este, comprehendendo a intenção, tomou a palavra:

— Agora mesmo, ao passar, vimos um galopim que trepou no telhado de sua casa e entrou pela janella do sotão.

Ouviu-se o estrepido da gelosia que batera, e logo uma voz correndo para o interior;

— Virgem Santissima! No quarto de Martha! Accudam, gentes!...

Quanto ao Sr. Simão Ribas ficara estatalado com o caso; mas afinal pondo as mãos na cabeça exclamou em tom pathetico:

— Um sica*l*io, aff*l*ontando a minha autho*l*idade! Que at*l*evimento!..

Voltando-se depois a custo, porque as pernas lhe fugiam, disse para a casa:

— A minha va*l*a, senho*l*a *L*ufina!

Entretanto Nuno e Martha espiavam pelas frestas bem conchegados pelo susto e tambem

por esse gozo ineffavel de transviver-se em outro, o que já em criança todos pressentiamos com o prazer de innocente folguedo. Qual, no jogo da manja, não procurava de preferencia a parceria da menina mais bonita, para atracar-se com ella no cantinho e tão apertados, como si quizessem esconder-se um no outro!

— Que caiphaz tão feio que é aquelle sujeito! dizia Martha mostrando o ajudante. Cruzes!

— Ah! si eu tivesse já a minha durindana! dizia Nuno com recacho militar; você veria como eu havia de tosar o pello áquelle barbaças de centurião. Olhe; vá a pequena lá a baixo e busque-me o estoque do pai.

— Deus me livre! Para a mamã ralhar-me!...

— Agora sim! exclamou o rapazinho batendo as palmas de prazer.

— O que é? perguntou curiosa Martha, enfrestando o olhar.

— Cá chega o Vidal.

— O primo?

De feito entrara na scena do quintal um novo personagem, bem disposto e elegante cavalleiro, no viço dos annos floridos, pois já andava nos trinta. Sombreavam-lhe o rosto oval, fino bigode e pera que elle trazia contra

a moda do tempo, e destacavam-se com do naire na tez de suave moreno. Os olhos tinha-os grandes, cheios de brilho e ardimento, como lumes, que eram, de um coração bravo e generoso. Nos cantos da boca, apagava-se o sorriso em uma plica ligeira, indicio da preoccupação constante que absorvia-lhe o pensamento.

Muita louçania dava a essa phisionomia intelligente e ao garboso talhe, o apuro das roupas que trazia com especial gentileza o cavalleiro. De lemiste com forro de setim azul era a casaca bem talhada, que dobrava a gola sobre uma linda almilha de tela alcáchofrada, e espalmava as abas pela anca do brioso cavallo, mostrando os calções estreitos de velludo cereja. Collarinhos e punhos de renda de Veneza atacados com rubis; luvas de pelle acamurçada; alva pluma de garça no chapéo de castor pardo; borzeguins altos com rosetas de filigranna de prata, iguaes ao tope do chapéo e ás borlas do florete; completavam o casquilho vestuario.

Desde algum tempo, que o cavalheiro parado a curta distancia, observava occulto pela ramada das arvores, a ridicula scena ali representada pelo ajudante Negreiros. Approximando-se afinal, saudou o official com um gesto de mofa.

— E' certo pois, Sr. ajudante, que afinal romperam os de Olinda?

— D'onde o sabe? atalhou o Negreiros tomando a nova ao serio e já alvoroçado com o prazer de espatifar os do levante.

— Agora vejo que me enganei. Ao chegar, dando com todo este azafama da gente de El-rei, devia pensar que os nobres tinham assaltado a casa do meu parente Simão Ribas!

— O caso não é para chascos, nem eu sou homem para elles, bem o sabe o senhor! replicou o ajudante com senho de ameaça.

— Que se ha de fazer á comedia, senão rir d'ella? Esbarra-se a gente no caminho com um ferrabráz de espada desembainhada, a esgrimir contra os telhados, dando caça a um pirralho: e quer o Sr. ajudante que se fique sério como um burlão?

— Sr. Vidal Rebello! exclamou o capitão acceso em ira.

— Sr. ajudante Negreiros! disse o seu interlocutor sem alterar-se, como si respondesse a uma benevola interpellação.

A ponto sobreveio um lance para atalhar a disputa que promettia azedar-se; e foi que a janella do sotão abriu-se de sopetão e d'ella espirrou o Nuno acossado por um inimigo que lhe tomara a retaguarda. Mal saltara o rapaz

no telhado, que a Sra. Rufina assomara ao postigo, empunhando á guisa de lança um cabo de vassoura, armado da competente brocha de palha.

Convencido de que, na estreiteza do caso, só uma resolução prompta e destemida o podia salvar, o mascatinho atravessara de corrida, mais veloz do que um gato, a aba do telhado até a extremidade da casa, e ahi de um pulo, travou os ramos de um cajueiro, d'onde alcançou facilmente o chão, e desappareceu entre o arvoredo.

Tão rapido foi o incidente que deixou pasmado o ajudante Negreiros; mas recobrando emfim o impeto, arrancou no encalço do fugitivo, e por certo o alcançara si não lhe atravessasse o passo Vidal Rebello.

— Caminho!

— Não se passa.

— Á ordem do Sr. Governador!

— Da parte de El-rei!

— E quem, estando eu, falla aqui em nome de El-rei meu Senhor?

Pronunciara estas palavras Sebastião de Castro, que se approximara advertido da altercação.

— Fallo eu, disse Rebello com um tom respeitoso e digno; e fallo a V S. a quem

El-rei poz de governador n'esta capitania para reger-lhe os povos o guardar-nos os foraes; que não para montear os filhos de seus vassallos como caça bravia.

Pareceu o governador um instante perplexo ante aquella resposta, onde ressumbrava não só a altivez dos brios, como a consciencia de um direito; logo, porém, replicou em tom moderado e conciliador.

— Talvez tenha razão, Sr. Vidal Rebello; mas si algum excesso houve, que eu não creio, da parte de nosso ajudante, foi sómente no zelo com que se emprega no serviço de El-rei meu Senhor e da nossa pessoa.

Cortejando com a mão a Vidal, voltou-se para a comitiva, com estas palavras:

— Vamos, senhores, que de sobra já nos demorámos.

Desfilou a cavalgada pela frente da casa onde o digno almotacé, ainda engasgado com o caso que lhe acontecera, gritava pela vara para intimar a sua authoridade ao malfeitor.

CAPITULO V.

TRES CANDIDATOS Á GLORIA, UM RABISCA-PAPEL, UM FERE-FOLHA E UM ROEDOR DE UNHAS.

Ao tempo em que Nuno escapava-se da embrechada, outro mancebo pouco mais idoso que elle assomou na extremidade da ponte que então ligava ao Recife a ilha dos Pescadores, onde era o bairro de Santo Antonio.

Já não existe aquella ponte construida no tempo da dominação hollandeza pelo conde Mauricio de Nassau. Em 1737 a reformou o governador Henrique Luiz Pereira Freire, que teve a engenhosa idéa de levantar ao longo d'ella dous renques de pequenas logeas para os quincalheiros, d'onde provinha ao real erario boas propinas. Desabando esta segunda ponte em 5

de Outubro de 1815, foi substituida por outra que chegou aos nossos dias.

Vinha o rapaz do Porto das Canôas onde acabava de desembarcar.

Representava elle maior idade do que os 26 annos que tinha; era de mediana estatura e compleição fornida. Por cacoete ou vicio de conformação faziam as espadoas uma leve corcunda, que o privava de apresentar o rosto bem de face; o olhar do interlocutor encontrava um semblante escorregadio e resvallava por elle sem o penetrar.

Caminhava com um piso miudinho, mas indeciso, imprimindo á marcha certa sinuosidade. Percebia-se, reparando-lhe nos movimentos, que antes de abrir o passo hesitava em avançar; e que andando vacillava constantemente, como um pendulo, entre a direita e a esquerda.

Ao mesmo tempo os olhos quasi redondos e espantadiços enfrestavam-se pelas pestanas de uma á outra banda e faziam um como crivo de olhadellas rapidas e subtis. Dahi lhe viera o appellido de Pisca-pisca porque era mais conhecido do que pelo proprio nome de Cosme Borralho. N'esse estrabismo artificial estava o cunho do rapaz. Em tudo vesgava elle; na vista, no andar, na physionomia e até na falla. Ressen-

tia-se a voz de singular desafinação, pelo que ora sahia-lhe machucha, ora menineira.

Seu trajo compunha-se de roupeta, vestia, calções e piugas, tudo preto, muito rapado e já serzido em varios lugares. Mas a escova lhe espoara escrupulosamente o fato, e os fios mais desbotados do estofo pareciam retintos de fresco a bico de penna. O mesmo esmero se notava no velho casquete surrado e nos grossos sapatões de couro alaranjado.

Indicava esse vestuario um de tantos moços que então escreviam para os tabelliães do publico, judicial e notas, e ahi se amestravam na rabulice. O povo chamava-os pela alcunha expressiva de *fuinhas de cartorio*, que lhes assentava ás mil maravilhas.

Enterravam-se no sombrio aposento como em um buraco. Desde creanças, curvados sobre o telonio e affeitos á busca dos autos e papeis velhos, adquiriam certa inflexão e prolongamento de pescoço acompanhado de furtivos esgares que lhes davam em verdade boas mostras do animalejo furão e bisbilhoteiro.

Sahiam-lhe do bolso da vestia um rolo de papel cheio de garatujas e as ramas compridas de duas ou tres pennas de ganço, matizadas de varias côres. Semelhante garridice, unico vislumbre de vaidade n'aquella

figura sombria e estrambotica, a inspirara o carinho da profissão, que de ordinario crea os melhores operarios do espirito como da materia.

De quando em quando por um gesto rapido passava pelos beiços a unha polegar da mão direita e a esfregava com soffreguidão ao peito da roupeta. Parecia dominado da idéa de humedecer a corôa do dedo, afim de tirar pelo atrito uma nodoa de tinta, ali permanente desde muitos annos.

Não era pela gola, que atacava a gordura do casco, nem pelos cotovellos roçados no bufete de escrever, que ia-se a roupeta do Pisca-pisca. Vinha-lhe a ruina do peito, onde trabalhava a unha impertinente. Homem de recursos pozera em pratica todos os meios de vencer o terrivel cacoete. Chegara até a amarrar á cinta o dedo rebelde; porém quando a unha lhe começava a comer, e era justamente no meio de suas cogitações, lá se ia o atilho. Ao dar fé de si, o escrevente via com desespero o brejeiro do dedo tocando viola no peito da roupeta.

No momento em que o avistamos sob o arco do Bom Jesus vai elle sem duvida muito preoccupado, pois, o atrito attingiu sua maior velocidade. Com effeito, assim atravessou a

ponte, e já sahia em Santo Antonio, quando o Nuno esbarrou-lhe a passagem.

— Vem de Olinda, Cosme?

— Agora chego.

— Quando estoura o negocio?

— De qual negocio falla você, Nuno? retorquiu o escrevente envesgando um olhar que fez zig-zag á direita e á esquerda e veiu cahir sobre o bolso da vestia, onde apparecia o rolo de papel.

— Vamos cá! disse o mascatinho puxando o fuinha pela aba da roupeta.

— Pois não estamos bem aqui?

— Nada, que não me faz conta me bispem os taes malandros! Si me pilham!...

Assim fallando, puxava o Nuno ao compa nheiro para baixo do primeiro olhal da ponte, que a maré deixara em seco.

— Então não sabe que negocio é, hem?

— Podia jurar que não!

— Ora! Quer-se fazer de bom. Pois olhe, aqui está tudo cheio da nova; desde Fóra de Portas até Arrombados não se falla sinão do levante que os de Olinda pretendem fazer.

— Muito ha que se rosna a este respeito; mas são boatos que dão em nada. Ha certa gentinha enredeira que inventa estas cousas para ter de que mexericar.

— D'esta vez a cousa é séria, digo-lh'o eu, Cosme, que tambem vou metter-me na dansa. Oh! si vou; hei de ensinar a uns certos marrecos, inclusive um barbado cá do meu conhecimento! Tomára já vei[illegible]do no sarilho.

— Não acredite n'essas caraminholas, Nuno. Que lucrarão os de Olinda com o levante?

— Então você está muito atrazado. O plano é empolgar o marmanjão do Sebastião de Castro como se fez ha tempos com o Xumbregas, e recambial-o para Lisboa com uma queixa a El-rei.

— E conseguem lá isto? Não ha de sahir como pensam. Os do Recife são gente de peso, mercadores ricos, e têm por si o melhor povo da capitania.

— E os nobres então? Não foram elles que conquistaram ao flamengo esta terra?

— Assim apregoam; e comtudo, pensando bem, Nuno, que valeria a terra, sinão fossem os mercadores que a tem enriquecido? Mas nenhum como o Sr...... Vianna.

— O pai tem juntado boa chelpa, não ha duvida; mas tirante d'isso não serve para mais nada. Eu cá é que não estou pelo ajuste. Em começando a guerra, hão de ver para quanto presta este fedelho, como dizia o mono ha pouco.

— Quem? perguntou curioso o fuinha.

— Aquelle focinho de caitetú do tal de Negreiros... Mas isto cá é comigo.

— Então, vistos os autos, está você aborrecido de mascatear e prefere a milicia !

— Pois é minha paixão ! Não sei porque já não atirei no mangue esta burjaca.

— Assim é a sorte. O que você rejeita, outros invejam. Eu, *verbi-gratia*, eu que ha sete annos garatujo no cartorio do Mathias, para ganhar uns magros tostões... Si pilhasse um arranjozinho de mascate, n'alguma logea. Bem podia você, Nuno, si quizesse, arranjar-me em casa de seu pai para o lugar que vai deixar.

— Está dito ; você toma conta da albarda, e o pai ganha na troca, porque fica com um bom latagão ! Vamos a isto ; eis-ahi o surrão !

Para fazer ao vivo a entrega do fardo, o Nuno chimpou com elle no toutiço do Cosme, que titubou.

— Arre lá ! As cousas fazem-se com geito. Você primeiro deve fallar de mim ao velho ; e para inquirições elle póde tiral-as do capitão Miguel Corrêa e padre João da Costa, o da Recoleta. Ambos hão de assegurar que eu dou conta da obrigação, como si fosse devoção. Não ha tarefa que me metta medo ; e para remate fui sempre pelos do Recife.

Já não o escutava o Nuno, que esguardava

na ribeira do Recife alguma cousa. Reparando n'essa distracção voltou-se o Pisca-pisca e logo percebeu-lhe a causa.

Havia d'aquella banda do bairro uns muros de quintaes com serventia para a praia. O sol, transmontando, projectava larga sombra ao longo da parede. Ahi, na zona opaca, um sujeito ia e vinha em continuo giro, a não ser que o interrompia acercando-se do muro e gesticulando, como se estivera com elle em pratica animada.

— O Lizardo!...

Murmurou o escrevente este nome com um meio sorriso de mofa, prompto a se transformar de subito em sorriso de prazer. Tudo n'este rapaz era assim duplice. Nos olhos, como nos labios, sua alma só apresentava-se aos outros de perfil; para que não lhe vissem a divergencia das duas faces.

— Psiu!... Psiu!... fazia no entanto Nuno agitando a mão.

— É debalde!... acudiu o Pisca-pisca zombando.

— Vamos bulir com elle?

— Ja vai sendo tarde, e tenho de voltar a Olinda antes de Trindades.

— Qual, para o escurecer ainda falta muito! Toca a avançar... Lança em riste. Arranca!

Vergou-se o petulante rapaz enristando a vara como si fôra um virote, e empurrou para diante o escrevente em rota batida. Assim atravessaram rapidamente a ponte, e contornando a praia, foram sahir no lugar onde arruava o solitario passeiador.

Era tambem um rapaz; e parecia não ter ainda vinte annos. Ia e vinha ao longo do muro, repetindo em tom soturno palavras sem nexo. Acompanhava o trabalho mental uma gesticulação energica. Todo o corpo concorria para aquella mimica, desde a cabeça que pontuava a phrase até ao pé que batia a cadencia.

Tinha entre os dedos alguma cousa que se lobrigava confusamente no meio do gesto pathetico. Quando parava para conversar com o muro percebia-se então perfeitamente que era um prego enferrujado. Servia-lhe de estylete para gravar na caliça da parede as rimas de uma decima em cuja composição suava o jovem arcade.

Alli na pagina aberta d'esse album dos meninos de eschola liam-se já algumas palavras alinhadas no fim de um risco.

—————————— nascer
—————————— instante
—————————— inconstante
—————————— soffrer.

O sitio não era dos mais apropriados para a poesia. Além da sua já suspeita posição nos fundos dos quintaes, visinhava com a praia suja e coberta de cisco. Havia alli uma transfusão de cheiros terrestres e marinhos, capaz de asphixiar a mais robusta inspiração. Alguns velhos cascos de navios, que desmanchavam para lenha, alli amontoavam-se na vasa, fechando o horizonte.

São os poetas uma especie de caramujos, ainda mais admiraveis que os outros; pois estes apenas levam comsigo a casa, e aquelles nada menos do que um mundo, no qual vivem. Não se admirem, pois, que apezar de tudo não estancasse a veia poetica do nosso rimador. Elle tinha lá na sua cachola, de sobresalente, uma tal provisão de flôres, de matizes e de perfumes, que debalde o assaltavam as impressões extériores.

N'aquelles olhos tudo eram prados; n'aquelle olphato tudo rescendencia a jasmim.

Estava o sujeito muito apurado a escrever a deixa do seu quinto verso, quando desastradamente appareceram Nuno e Cosme no cotovello que formava a praia. A areia solta, abafando os passos, permittiu que se approximassem, antes que os pressentisse o outro.

Sempre estabanado, annunciou o caixeiro sua

vinda de uma maneira estrepitosa. Arremessou com força o surrão, que foi esbarrar nas canellas do poeta.

— Rende-te, cavalleiro das beldroegas!...

O susto que teve o camarada, sorprehendido por aquella imprevista sortida, não se imagina. Todo o individuo foi abalado, como se dentro d'elle puxassem um cordel para fazer dansar cabeça, braços e pernas de arlequim. Logo, porém, que tornou a si do choque, compoz nos labios um sorriso de bondade extrema para saudar os recem-chegados.

— Que maricas!... exclamou Nuno a rir-se. Quero ver como te aviarás agora com a guerra.

— Que diz você, Nuno? Pois temos guerra?

— Não acredite!... soprou o Pisca.

O caixeiro levantou com a ponta do pé o balote pondo-o a prumo para lhe servir de tamborete.

— Pois não sabes? Vai haver um levante dos de Olinda; e leva tudo a breca.

— Quem lhe disse, Nuno? Será serio?

— Não leva tres dias a arrebentar! Quem disse foi o Tunda-Cumbe.

— O Manoel Gonsalves? acodiu o Pisca-pisca.

— Você bem sabe a gana que elle tem aos nobres, por causa da sova que lhe pregaram.

Houve um instante de silencio.

O poeta scismava:

— Estou bem aviado com estas brigas. Ou Ceres ou Venus!

Resmungava o escrevente:

— Diabos me levem si entendo este mascatinho a cortar na sucia do pai.

Entretanto Nuno, lobrigando no muro as palavras escriptas pelo companheiro, exclamara:

— Oh! temos rima?

Frustrada a esperança de apreciar a obra do Lizardo, apanhou na areia uma casca de marisco e poz-se a garatujar n'aquella pagina do album popular, onde o galopim soberano exerce a liberdade da gaiatice.

CAPITULO VI.

COMO EM TODOS OS TEMPOS SE FORMAM OS PARTIDOS.

Lizardo estava succumbido.

Era elle mancebo de vinte annos; tinha uma cabeça grega em talhe arabe. Os cabellos castanhos annellados cahiam-lhe sobre as espaduas, moldurando o bello semblante.

Seu gibão verde era do melhor velludo de Alcobaça, mas já bastante usado; os calções apenas de belbute de algodão côr de azeitona. Contrastava, pela novidade e frescura, a vestia escarlata, embora feita de uma serafina bem ordinaria.

Semelhante anomalia no trajo, não a deve estranhar quem sabe como viviam os rimadores d'aquelle tempo. Si algum não se recorda,

leia Nicoláo Tolentino, o grão-mestre da ordem dos poetas mendicantes do seculo XVIII. Que somma de engenho se não despendia então para arrancar dos ricos uma propina que hoje se obtem com uma simples folha de papel e a epigraphe *subscripção?*

Foi o Nuno quem reatou o fio á pratica interrompida.

— Então, Lizardo, ficou você ahi tão murcho. Tudo isso é medo?

— Ou cousa que se parece! accrescentou o fuinha piscando.

— Bem sabem vocês que eu não sou para estas cousas. A culpa, si ha, minha não é; mas de quem me fez assim.

— Fique você descançado, que o ponho sob minha guarda, tornou o mascatinho em tom de importancia.

— Estava eu bem aviado! respondeu o poeta sorrindo.

— De uma cousa porém ainda não cogitaram vocês, e me parece a principal, observou o escrevente.

— Vá dizendo!

— Demos que se embrulhem as cousas ainda mais do que já estão e haja realmente um levante. Notem bem que eu não asseguro; é uma simples supposição.

— Com a breca!... Asseguro eu; exclamou o Nuno.

— Pois sim; caso appareça o barulho, cada um de nós ha de tomar seu partido. O do Nuno já se sabe; ha de ser o da familia.

— Quem lhe disse?

— Assim parece.

— Vêl-o-hemos. E você, Lizardo, por quem hade ser?

O poeta estremeceu; tinham-lhe tocado na tecla.

— Eu?... Vejo o caso bem intrincado. Todo o meu individuo desde a raiz dos cabellos até a pontinha dos pés devia ser pelos senhores de Olinda, pois são elles que abrigam e mantem este physico. O verso lá na cidade é moeda corrente: paga o jantar na mesa dos Cavalcantis e Figueiredos e de vez em quando rende um vestuario que o dono já não usa, porque desmereceu na côr, mas que ainda faz sua vista cá no Recife. Os senhores mercadores, são excellentes pessoas....

— Todos reconhecem!... atalhou o escrevente.

— Mas d'estas bandas os sonetos e decimas não valem um ceitil. Podia correr o bairro todo, que não acharia por elles dez réis de cominho.

— Menos essa! interrompeu Nuno. Sei eu de certa pessoinha que tem seu fraco por umas rimas, especialmente por certo acrostico...hem! certo acrostico...

E piscou o olho para o companheiro.

Perturbou-se o poeta, e acrescentou logo para disfarçar:

— Os senhores mercadores, como é de razão preferem Mercurio a Appollo e ás nove irmãs.

Não escapou ao fuinha, nem a allusão de Nuno, nem o vexame de Lizardo.

— Mas afinal de contas, disse elle, em que fica você?

— Sim; dizia que todo eu estava em Olinda; mas cá me ficou por meus peccados n'este Recife um bocadinho do tal eu, que pelos modos póde tanto, sinão for mais do que o resto, não obstante ser este um quasi todo. Ora, por mais que eu faça para desatar este nó d'aqui, creio que antes de o conseguir primeiro me romperia a mim. Portanto o seguro é concertar-me com as duas vontades, para que me deixem ficar neutro na contenda.

— E caso não queiram ellas estar pelo ajuste?

— Porque não, si bem nem mal faço a qualquer das duas?

— Não gosto de ser leva e traz; mas olhe que já em casa do capitão-mór um d'estes dias se cochichou: « Tenho notado que o Lizardo vae muito pelo Recife. » Bem entendido contaram-me, que eu não ando lá pela casa d'esses senhores. Mas no cartorio sabe-se de tudo.

— Pois si não houver outro meio que melhor acommode as cousas, n'esse caso vencerá a força maior.

— A barriga? perguntou o Cosme com uma mimica expressiva.

— Barriga não passa de vasilha: força é a fome; mas vence a do coração, por maior. Sinão vejam, ainda não jantei hoje; e comtudo estou bem contente de minha vida.

— Assim pende você decididamente para o Recife! concluiu o Cosme.

— Si não houver outro remedio?

— Pois então, atalhou Nuno, erguendo-se de um salto, comigo se ha de haver o Sr. Lizardo de Albertim, poeta d'agua dôce, que me anda esgravatando versos no monturo para garatujal-os nas paredes! Está entendendo!...

Aquelle pequeno repouso de uma natureza impetuosa devia ter breve sua explosão. Emquanto o macio poeta o contemplava maravilhado, e o escrevente lhe espreitava os movi-

mentos por detraz de uma cara sonsa, o caixeiro prorompeu:

— Que estão ahi vocês embasbacados a olhar-me? Cuidaram que por ser filho de mascate, e dos graúdos, havia de entrar na sucia? Pois enganaram-se, digo-lhes eu. Si fosse com outra gente, nada mais natural que ajudar os seus... Regra do Matheus! Mas com a tal mascataria... Pensam fazer n'este Pernambuco com os filhos o mesmo que lá na santa terrinha fizeram seus paes delles, que os empurraram para cá, no porão de um navio, com uma restea de cebolas e um par de tamancos! Vejo cavallos que nascem da mesma besta, e uns são marchadores, outros chotões; uns levam albarda, mas outros tem arnezes de velludo. Só o filho de mascate é que ha de ser mascate por força! Uma figa!.. Este muro fallará, si me virem mais regateiar!

Neste ponto de sua vigorosa allocução, avistou Nuno o pacote, e travando-o com impeto, imprimiu-lhe tal rotação que o arremessou na praia.

— Vae-te, perseguição! Assim heide eu fazer a todas as drogas que me cahirem nas mãos, e tambem aos donos e vendedores das ditas!

Animou-se o poeta a introduzir uma palavra no meio d'aquella impetuosa loquella:

— Mas..

— Olhe! Eu não sou versista como você... Não tenho veia para a cousa; mas cada um se arranja como póde. Já fiz um mote para mim; ha de ser minha divisa n'esta guerra! Vejam!..

Agarrando os dous cada um pelo braço, levou-os o caixeiro ao muro onde riscara o Lizardo duas rimas. Enchera as linhas o Nuno, tendo cuidado para lhes dar igual comprimento de graduar a letra. Sahiu a seguinte composição, que se remette aos modernos fabricadores de poemas em todos os metros:

Para mascate não valia a pena nascer
Não supporto mais um instante!
Oh!... sorte inconstante!
Arre que estou cançado de tanto soffrer.

— E mais é que tem seu geito! exclamou o fuinha extatico ante a obra. Você dá para poeta, Nuno?

— Então, que diz á quadra, Lizardo?

O poeta estava horrorisado:

— Quadra!... Quadrada seria a sandice si a escrevesse de outra fórma!

— As que você tem mandado á mana Bellinha, sô pateta, não são melhores!...

— Nuno!... modulou o Albertim em dous tons,

sostenido e bemól, ao mesmo tempo que lhe indicava com o olhar a presença do escrevente.

— Ora! Que bem me importa?

Felizmente Cosme n'aquelle instante parecia muito apurado a reler a bella producção de Nuno, a qual decididamente lhe dera no goto. Era de jurar que nada percebera, pois, mostrou-se inteiramente alheio ao caso. Si porém as observações fossem cousas corporeas, o buxo do escrevente já estaria tão bojudo, que o não podera elle de certo conter no cós das bragas.

Seguira-se naturalmente uma pausa no dialogo. Os nossos camaradas formavam então um triangulo, cujo vertice era o Cosme ao pé do muro. Quando este se convenceu que estava de todo passado o episodio do namoro, voltou-se para os companheiros:

— Lizardo, você ha de ensinar-me tambem a fazer a minha quadrinha. E' bom a gente saber de tudo.

Não o attendeu o poeta, que estava ruminando, mas em prosa d'esta vez. Ao cabo sahiu-se com esta:

— Ouça, Nuno; sou mais velho que você dous annos; e portanto estou no caso de lhe dar conselhos, como é dever dos mais idosos para com os mais moços.

— Que apoquentação do diabo! gritou o Nuno. E todos elles a darem-me com a matraca!.. Muito moço, muito moço!

— Você não póde tomar n'esta contenda as partes de ninguem mais, sinão d'aquelles com que estão os seus. Não lhe parece, Cosme?

O fuinha attento á altercação foi sorprehendido por aquella interpellação directa, da qual bem desejava fugir. Mas Nuno de seu lado voltara-se para elle esperando seu alvitre: força era da-lo.

— Eu, sim, eu, quero dizer.. pensando bem, entendo que... você (*para o poeta*) ...você (*para o caixeiro*) tem razão.

— Está ouvindo! exclamou Nuno.

— Estou!... O Cosme concorda comigo!

— Não ha tal.

— Justa...mente!... disse o fuinha gaguejando e escandindo a palavra de modo a enderessar cada syllaba a um dos companheiros.

Tinha o Cosme esse habito de gaguejar nas occasiões difficeis.

— A primeira patria, continuou o poeta sentenciosamente, é a nossa casa; pois está mais junto de nós. Traz-nos dentro d'ella toda meninice, como nos traz no ventre durante nove mezes aquella que nos deu o ser. Que se diria de uma creança que rasgasse por

vontade o seio materno para sahir á luz antes de tempo? Pois este é o caso do filho menor que abandona a casa de seu pae. E' um máo filho: e Deus lhe retira a benção.

Taes palavras ditas com sinceridade e energia não deixariam de commover o caixeiro em outra occasião; mas n'aquella tarde estava elle tocado da furia guerreira.

— Porque não fazes tu outro tanto do que dizes?

— Bem atirado! murmurou em aparte o fuinha.

— Não tenho casa, nem pai, Nuno! respondeu o poeta com sorriso merencorio.

— Mas tem lá em Olinda quem lhe agazalha, e não obstante...

— E' differente!

— Qual differente! Diga que o coração lhe puxa de cá!..

— Elle o confessou! acodiu o Cosme.

— Pois coração, tambem eu tenho, que bem me puxa, e a arrebentar.

— Lá para Olinda? replicou Lizardo pasmo.

— Para lá mesmo!... Ah! voçê não sabe ainda, que lhe não contei. Pois o almotacé não teve o descoco de me dizer hontem quando lhe fallei de casar com a filha, a Martha, que eu ainda era um criançola, e que havia de

contar ao pae para elle ralhar comigo!...

— Ora essa!... ponderou Cosme, e acabou a phrase com um geito que fez rir a um dos olhos, o do lado do poeta, e choramingar o outro, que pozera ao serviço de Nuno.

— Tambem você madrugou! disse o Lizardo.

— Com os seiscentos! Ando nos dezoito annos!...

— Desesseis, Nuno!

— Que seja! Já me nasceram todos os dentes, tenho mais um palmo de altura do que este carrapeta do Cosme!

— Nem tanto! replicou o escrevente empertigando-se.

— E não sou um homem?... Que me falta?... Barba?... Não é essencial; o Camarão tem a cara lisa como uma melancia e já está madurão!

— E o primo, o grande Camarão, dizem que era o mesmo. Nem um fio na cara; na cabeça, sim, com fartura.

— Com isso que nos conta, Nuno, mais me enche você de razão. Si o seu cuidado está cá no Recife não é pelo caminho de Olinda que ha de chegar.

— Isso depende do modo de caçar de cada um. Você, Lizardo, vae se chegando devagarinho para não espantar a rola. Eu cá atiro

de longe, em campo aberto. O Perereca tem de haver-se comigo, e mais o pato choco do governador, com o seu ajudante. A pé, na estacada, a lança ou a espada com o ferro na gorja os obrigarei a restituir-me a dama de meus pensamentos. Sempre desejei uma guerra; e a queixa que tenho de minha mãe é não me haver parido no tempo dos hollandezes. Aquillo, sim, é que foi tempo!

— Com esta me vou! disse a rir o escrevente.

— Mas você, Cosme, ainda não disse por quem é? Olinda ou Recife?

— Eu sou por ambos!

— Como póde ser isso?

— Si cada um de vocês vae para sua banda, que remedio sinão dividir-me por ambos? Eu cá não tenho quem me prenda a estes ou áquelles, e nada espero de uns nem de outros. Pelo meu gosto deixava a terra. Mas vocês podem precisar de mim, e então careço de estar em posição de lhes prestar.

Dois apertos cordiaes, cerraram ao mesmo tempo a mão que o Cosme levantava para enxugar os cantos dos olhos, humedecidos por um liquido humoral que em anatomia se chama lagrima.

CAPITULO VII.

ENCANTOS QUE TINHAM PARA O NOSSO POETA UMA SAIA REMENDADA E DUAS CANELLAS COR DE AZEVICHE.

Seriam 5 horas da tarde.

Os dois companheiros se tinham ido; ficara o poeta de novo solitario na erma praia. Com pouco levou elle a cabo a decima principiada. Repassando-a então uma e muitas vezes na memoria, tratava de a limar com uma paxorra horaciana.

N'esse trabalho, avançara contornando a praia na direcção de Fora de Portas. Ahi desdobrava-se um painel encantador. Na cupula, docel magnifico de ouro franjado a purpura; em baixo, uma alcatifa immensa de chamalote azul recamada de brancos lizes. No centro, um perystilo magestoso for-

mado por grupos de elegantes columnas e rematado em ojiva pelas verdes arcadas.

As tintas d'este deslumbrante painel dava-as o sol no occaso, o mar em bonança e os ramalhetes dos coqueiros que ensombravam a formosa ilha d'esse nome, tambem chamada do Nogueira. Esse berço gracioso de palmeiras, com as oscillações que a brisa da tarde imprimia ás longas hastes e aos frondosos pennachos, parecia embalar-se no seio das ondas.

Aquém appareciam as ribas arenosas onde brinca o travesso Capiberibe tecendo lindos meandros e cingindo as quintas pittorescas do Monteiro. Finalmente pelo mar estendia-se o negro cordão do recife. Enroscando-se pelos abrolhos e cobrindo-os de grossos rolos de espuma, davam as vagas áquelle dorso granitico, feições de enorme serpente do mar preposta á guarda das formosas hesperides de Pernambuco.

Passava o Sr. Lizardo de Albertim em face de todos estes primores da palheta divina, sem os ver sequer. Não é isso de estranhar em poetas, anomalias de carne e osso que fazem o desespero dos physiologistas e dos alfaiates.

Mais deliciosos que todos esses lanços de vista sobre o mar, achava elle uns taboleiros de

matapasto que bordavam a areia n'essas abas da povoação, destacando sobre as faxinas das cercas vizinhas. Aquellas varinhas ligadas com embiras tinham especial encanto para o nosso poeta, que enfiava por ellas uns compridos olhos e deleitava-se na contemplação... do que, não sei eu; mas alli não havia sinão umas gallinhas a ciscar, umas goiabeiras encarquilhadas e umas panellas de borco no terreiro.

Peior foi quando bruxulearam entre a faxina as dobras de uma saia azul de algodão tecido na costa da Mina, em Africa. Nunca vestuario de baile, apontoado por mãos francezas e recheiado de meia duzia de ninharias parisienses, com esdruxulas designações, objecto da pasmaceira da gente do tom, teve no salão do Cassino, poder igual ao d'aquella saia, para excitar em tão alto gráo as emoções de um poeta.

Aquelle azul era celeste; uns gadanhos de carvão e gordura o tisnavam aqui e alli, mas eram justamente esses laivos que traziam presa a alma do mancebo. Tinha a saia um remendo de serafina; quando o percebeu, elle não se poude conter que não soltasse uma exclamação de jubilo e ficasse em um extasi indefinivel.

Assim, agachado entre o matapasto, com os olhos n'aquella bemdita apparição esteve bom pedaço. A saia tinha-se entrouxado perto das marmitas; e pelo movimento d'estas, assim como pelo xiar do punhado de palha e coaxar d'agua, parecia haver alli uma lavagem de panellas.

De repente o poeta começou a tremer; batia-lhe o coração com palpitações violentas.

Dera causa a essa repentina commoção um novo incidente. Observara o Lizardo que dois tornozellos pretos e suas competentes canellas moviam-se debaixo da tal saia, na direcção da cerca, onde havia uma portinha para o matapasto, bem defronte do nosso rimador. Em sobresalto, lançou elle os olhos ao redor para ver si o espreitavam e escondeu-se por traz das moitas.

A faxina da porta entreabriu-se. Uma preta de meia idade, que tinha geitos de cosinheira, estirou o pescoço pela fresta e olhou para fóra. Não vendo o que esperava ia a recolher, quando ouviu rumor na moita e cuidou ver um vulto agachado. Logo apoz soou um *psiu* baixinho, e logo outro mais alto; afinal animou-se a apparecer o nariz do poeta e a mão do mesmo acenando.

Poupo ao leitor os tregeitos, negaças e re-

quebros que de parte a parte se trocaram os dous antes de chegarem finalmente á falla.

— Está bom, sô moço, acabe com isso que eu tenho que fazer.

— Então, Bemvinda...

A lingua do poeta tremia como folha de bananeira.

— Então, você fallou?...

— Pois então! Não fallára!...

— E ella que disse?

— Que sim.

Aqui teve o Lizardo um soluço que de todo embargou-lhe a voz. Só a muito custo recobrou a falla, não a natural, mas uma sumida e fanhosa, que era pena ouvir.

— Devéras, Bemvinda? Ella disse que sim?...

— Disse, sô Lizardinho.

— Como foi que você fallou? Onde estava ella?

— Meio-dia, quando ella veiu no quintal apanhar goiaba, eu cheguei devagarinho e perguntei assim: «A menina Belinhas sabe?... sô Lizardo, aquelle moço que lhe manda os versos, tem um segredinho para dizer á menina.»

— E que fez ella então, Bemvinda? Conte-me tudo timtim por timtim.

— Deu uma rizadinha gostosa e ficou ver-

melha que nem um tomatinho; depois deitou a correr para a cosinha.

— E não respondeu?

— Nem palavra.

— Mas então como disse você... Ah! Bemvinda, que não imagina o mal que me fez.

— Espere lá, moço, que ainda não acabei, Quando ella chegou na porta da cosinha, voltou-se, chamando pelo meu nome, e bateu tres vezes com a cabeça, assim!

— Adorada Belisa! murmurou Lizardo engalphinhando as mãos e pondo os olhos no céo.

De repente assaltou-o a duvida:

— Mas, Bemvinda, está você bem certa que ella consentiu!

— Pois, moço, a menina é lagartixa para bater com a cabeça á toa?

— Quem sabe si ella queria dizer outra cousa! Talvez você não percebesse bem.

— Pois eu não sei o que faço? Sô Lizardinho em casando com a Belinhas me põe forra logo, não é assim?

— Antes disso mesmo. Olhe; eu tenho um planozinho em que ando cogitando ha dias. Vou mandar um memorial em verso ao duque de Cadaval, pedindo a vara de meirinho do sertão que está vaga. Em apanhando o provi-

mento, como espero, trato logo de vender o officio por boas patacas; e então póde contar com a alforria. Si quer empenho-lhe os meus sonetos, que já andam em cento e quarenta.

— Nada, não precisa; basta que prometta!

— Dou-lhe minha palavra.

— Então já se vê que eu hei de tratar do meu beneficio, fazendo que sô Lizardinho falle cá á menina. Escute: não tardam trindades. Vá-se chegando aqui pelo lado da casa, encostado á ultima janella, e espere um instantinho, que eu vou arranjar tudo.

— Agora mesmo? exclamou o poeta espavorido.

— Já; é aproveitar a occasião, emquanto as velhas estão occupadas fazendo fartens lá dentro porque esta noite ahi vem cear muita gente. Si não fôr hoje, ninguem sabe quando será.

— Mas póde ella não gostar!...

— Deixe por minha conta.

— Não, o melhor é...

O dialogo foi interrompido por uma voz paxorrenta que chamava em escala chromatica:

— Bemvinda!... Bemvinda!... Bemvinda!...

O Lizardo quiz metter-se pela terra a dentro só de ouvir aquelle chamado. A preta acodiu ás pressas, acenando-lhe de longe que fosse para o lugar aprazado.

Começa agora um quarto d'hora que eu desisto de historiar; um livro era minimo espaço para descrevel-o. O celebre quarto d'hora de Rabelais, em que a barriga cheia curtia o martyrio da bolsa vazia; e aquelle outro chamado quarto d'hora de pontualidade que, a titulo de cortezia, supportam os convidados de certos jantares marcados para as quatro e postos ás sete; nada d'isso se compara ao tranze referido.

Quero ver comtudo si por meio de uma imagem dou ligeira idéa.

Não ha quem não tenha visto voar no seu terreiro uma penna de gallinha. Ludibrio do vento, o subtil objecto sobe e desce, vae e vem, foge e torna, avança e recua, gyra sobre si, pára e move-se para afinal esbarrar-se contra algum obstaculo.

Pois em vez da penna, imaginem um rapaz enamorado; e ajuntem em alta dóse os tremores nervosos, os subitos calafrios, os suores gelados, de mistura com os repetidos fogachos; e terão uma idéa do que foi o tal quarto d'hora de espera para o nosso Lizardo.

Afinal o encontramos na parede do oitão, uma braça distante da janella, e oscillando ainda como uma pendula entre o desejo de ficar e o impeto de fugir.

De repente a banda mais proxima da rotula entreabriu-se; dous dedos mimosos enfiaram pela gelosia, e um olhar negro e avelludado filtrou das estreitas frestas como um esguicho de mil centelhas miudinhas, desferidas por todos os lados. Viu Lizardo o enxame de faiscas e ficou deslumbrado e quedo.

Vão-se acabando aquellas antigas rotulas que escondiam tão guapos amores; si algumas ainda restam pelas grandes cidades, já perderam o suave perfume de castidade que dava a essas flores recatadas um arzinho de violetas. Agora a rotula será canteiro de arrudas e mentruzes.

Muitos inventos modernos se introduziram em compensação: os véos de filó, os crepusculos artificiaes, as mascaras de setim, as gazes transparentes e outros engenhosos systhemas do ver e do não ver; mas a rotula, cá para mim, hade sempre deixar saudades. Uma linda moça atravez da gelosia é a imagem das mais bellas creações de Deus, a flor entre a folhagem, a estrella entre o azul.

Mas nada como o encanto que a rotula dava ao olhar! Quando se movia brandamente emballada por mão descuidosa, parecia que estava peneirando aquelles relanços d'olhos em um pó subtil. Si Deus me concedesse pul-

verisar uma estrella e passal-a por um crivo bem fino, podera eu pintar a trepidação graciosa de uns olhos negros por entre a rotula.

Esquecia-me advertir. Olhos para rotula deviam de ser negros. Os azues, querem-se limpidos, serenos e desnublados, como os puros céos de uma alma angelica. Os outros, castanhos, pardos, verdes ou gaseos, que arrangem-se como poderem e melhor lhes for; porém escusam de ter saudades da rotula.

Eram pois uns olhos negros, do mais bello negro, que se coavam pela rotula do oitão.

A principio derramaram-se em torno; mas logo recolheram para se atirarem ao mancebo, como uns punhados de alfinetes. Devia de ser assim realmente, porque o pobre Lizardo sentiu o rosto a fervilhar.

Tão flexixel antes, qual folha de canna, estava agora o nosso poeta estatalado á parede e rijo como estafermo. Fincava as costas ao muro, a ver si podia sumir-se por elle a dentro; os olhares esparramados pelo mato fóra tinham geito de disparar; e de certo houveram já deitado a correr por ahi além, caso não estivessem amarrados ao poste.

Os olhos negros e os dedinhos brancos cuidaram que os não tinha percebido o poeta. Abriu-se um tantinho a rotula; tornou logo a

cerrar, rangendo de leve; boliu a aldraba de vagarinho; emfim ouviu-se um rufo mavioso de unhas rosadas no gradil.

Estes rumores significativos, mais espavoriam o poeta. O rispido som do gatilho de um arcabuz que lhe apontassem ao peito não lhe causara por certo maior pavor.

CAPITULO VIII.

A DEXTRA E A SENÈSTRA DO HOMEM EM MAISCULO.

Separando-se do nosso poeta, os dois companheiros se dirigiram para o lado da ponte. Cosme tinha destino, embora não lhe fizesse conta confessal-o. Quanto ao Nuno esse aproveitava a companhia para pautear, e ter um pretexto de demorar-se fóra da logea.

— O que você disse, Nuno, não passa de brincadeira? insinuou o Cosme.

— Pois ainda duvida? Não tarda a estralada, e si não andarem com isso depressa, eu cá darei geito á cousa.

— De que modo?

— Ainda não sei; mas heide achar.

— Em verdade nunca faltam meios de ba-

rulhar as cousas; o accomodal-as, sim, é o difficil.

N'esse ponto do dialogo, o Nuno deu um salto, arregalando os olhos para a ponte. Sem mais ambages, quebrou a esquina e barafustou pela rua a fóra, deixando sorpreso o Cosme, mas contente porque o forrava ao trabalho de se desvencilhar d'elle.

O que assim espantara ao caixeiro era a cavalgada do governador que já de volta das Cinco Pontas, atravessava para ir ao Forte do Mar, como costumava.

Vinha Sebastião de Castro pensativo; o que não deixava de inquietar ao secretario e ajudante, os dois braços do governo da capitánia, collocados á direita e esquerda do excellentissimo tóro.

Não será fóra de proposito esboçar aquellas figuras de ministros coloniaes; até mesmo porque podem servir para o parallelo com as illustres cariathides modernas, que ahi andam em quadros de apotheoses.

Alto, bem apessoado, o capitão Barbosa Lima, florescia, apezar dos annos que lhe tinham despovoado a fronte, sem fanar a rosada frescura do agradavel semblante, nem estancar o perenne sorriso que manava dos labios suasivos, como fio de um favo; e elle o tinha na palavra insinuante.

Dos olhos pequenos e redondos lhe escapavam as chispas de um espirito á scintillar, como lentejoula que era do seu engenho superior e adextrado no manejo dos negocios. A' cavallo, as pernas mais compridas do que exigia a justa proporção do corpo dariam a outro postura ingrata, sinão ridicula; mas o secretario com tal geito conduzia esse trambolho, e tamanha seducção crescia em torno de si, que lhe esqueciam a prorogação das gambias, para sómente verem a affabilidade das maneiras.

As moças que todas tem no mendinho sua unha de Dalila e gostam da juba para a tosquearem, todavia achavam bonita a calva do secretario; e os rapazes invejavam-lhe a estatura pernalta, a que se attribuia o ter galgado tanto pela escada da fortuna. Quanto aos homens bons da governança da terra, velhos e moços, nobres e plebeus, todas a uma o affagavam e todos o queriam por companheiro. Razão tinham elles pois era cavalleiro de boas manhas, como se dizia então; e pagava os deffeitos de que ninguem está isento, com prendas, de que poucos se ornam, ainda mais em vida de tamanha porfia como a tivera.

Fazia constraste com essa feição prazenteira, a fosca e sombria carranca do ajudante Ne-

greiros, coberta de livido pergaminho e crivada por espesso molho de cerdas.

D'entre a barba hirsuta destacavam os grossos labios de uma boca flacida e lorpa, que estava debuxando na balofa carnosidade a gula insaciavel de todos os apetites. Se ha nos traços phisionomicos uma expressão, essa boca fôra talhada, não só para inchar a palavra, arrotando petulancias e indigestos improperios, como para atolar-se no tarro da sensualidade.

N'esse homem de pello hispido e couro adiposo, ressumbrava certa expressão e gesto suino, que chegava algumas vezes até o grunhir. O tronco parecia Diogenes puro, mas lardeado de D. Quixote, e trufado com Aretino. O todo afogado em grosso unto de Tartufo, mas com uma rija codêa de Catão, que formava os folhos do grande pastellão de carne e osso.

O antagonismo dos elementos aggregados no individuo, o traziam em tamanha anarchia, que se lhe desarticulava o pescoço a cada instante em torcicollos e tregeitos, como si a cabeça lutasse por despegar-se do corpo estranho ao qual por engano a tinham ligado. D'esse cacoete lhe proviera uma volta do congote, que o tornava um tanto corcunda.

Os que mais de perto conheciam o aju-

dante tinham-n'o em conta de homem as direitas, e fiavam tudo de sua inteireza. Tamhem disso damos testemunho; mas era para lamentar que a natureza não tivesse virado ao avesso tão excellente pessoa, mostrando-a antes pelo forro.

Descendia o ajudante do illustre André Vidal de Negreiros, do que muito se enfatuava; e havia arranjado para seu uso um extenso rosario de nomes, que apregoavam sua antiga e remota linhagem.

Ao avistar a cavalgada á boca da rua da Moeda que sahia na Ribeira, volveu D. Sebastião um olhar ao ajudante Negreiros, e perguntou-lhe com ar que si não era, bem parecia distrahido e indifferente.

— Não é na rua da Moeda que mora o mercador Miguel Vianna?

— Ahi mora, Sr. governador; acodiu o ajudante attento ao menor gesto de D. Sebastião. E si V. Ex. concede, vou-me já á casa d'elle agarrar o mariola do filho!

— Em casa do Miguel Vianna? perguntou o governador no tom do maior espanto.

— Pois que é o pai do bigorrilhas!

— Ah!

— O Sr. governador não sabia?

— Deixe em paz o moço, Negreiros; tornou D. Sebastião esquivando a resposta.

— Em paz o quero eu; atalhou o ajudante com um regougo de riso, mas é no Forte do Brum, aos tirantes de uma peça de 64. Não ha, como isso, para amansar o lombo d'esta canalha de birbantes.

— Tamanho rigor não pede o caso. Uma rapazia de moço brejeiro... Basta que o pai lhe passe um repellão e lhe traga tente as redeas.

— Aquelle?... Não toma caminho, a não ser o do pelourinho, onde certo vae parar, si não o amarrarem á carreta e sem demora.

— Si o mandassem á Lisboa estudar, não cuida o ajudante, que se havia de fazer gente? Lembre ao mercador, como cousa sua; verá que elle abraça logo o alvitre. Vá, vá ter com o homem.

Fallara D. Sebastião com a habitual volubilidade; mas na leve resistencia que despontara atravez da ultima replica, percebeu o ajudante Negreiros o pulso da vontade occulta, que á semelhança da odalisca de um serralho, nunca se mostrava á rosto descoberto.

Quando porém, o fidalgo, sobre despedil-o com a palavra e o gesto voltou-se de todo para o secretario, impedindo assim qualquer replica, comprehendeu nosso ajudante que a ordem era peremptoria e rasgando uma cortezia com a

cabeça inclinada á tocar as ovelhas do cavallo e o chapéo desbarretado até a garupa, separou-se da comitiva para enfiar a rua da Moeda.

Pouco faltava á comitiva para enfrentar com a rua do Azeite em cuja esquina ficara de plantão o Cosme, depois da escapula do Nunes, esperando a passagem do governador para fazer-lhe a sua reverencia.

Respondeu o fidalgo á zumbaia do escrevente com um sorriso animador e á meia voz disse para o capitão Barbosa Lima:

— Ahi está um rapaz de recado, que bem merece ser aproveitado.

— Já tinha pensado nisso; respondeu o secretario que nem vira a sonsa figura do escrevente. Consta que é de animo cordato; ainda que o suspeita o almotacé de pender para os de Olinda.

— Que mal vem d'ahi? perguntou o governador com um sorriso melifluo.

Lembrou-se o capitão que tambem elle antes de tomal-o o governador á seu serviço, andara extraviado e fóra do bom caminho, tendo sido um dos mais respingados entre os do partido olindense.

Com o barrete na mão, e o espinhaço reverencialmente curvo, acompanhou Cosme a cavalgada, até que a viu sumir-se por traz da

Madre de Deus. Arrancando então um suspiro que lhe estava entalado na garganta, deitou-se o rapaz a trote na mesma direcção da cavalgada, para atravessar a ponte e ganhar a outra banda d'onde já podia estar de volta, si não lh'o estorvasse o trapalhão do Nuno.

Seguindo de longe o governador, embalava-se o escrevente em fagueiras esperanças, e sentia lá dentro do coração umas cocegas deliciosas. Parecia-lhe que sua estrella ia emfim raiar do seio das aguas turvas que se estavam encapelando.

A occasião faz o homem, como o choco faz o pinto; sem ella, o homem é um ovo goro.

Tal era o conceito em que se embebia o espirito do nosso escrevente, pouco poetico, se o quizerem, mas profundo na philosophia, não a especulativa, que se deleita em chilras utopias, mas a pratica e solida que é a verdadeira sciencia da vida.

Chegado á outra banda encaminhou-se o Cosme a casa do almotacé, onde esteve de cochixos com a Sra. Rufina, na janella do canto.

Do que ahi o levou, e da especie de commercio que havia entre a matrona e o escrevente, saberemos a seu tempo; sendo que n'este momento mal podemos acompanhar o rapaz na disparada em que vae, já de volta para o Recife.

Eil-o que enfia pela rua da Cadeia, e chegado á casa que procurava, encostou se á ombreira da porta, encolhido para que não o avistassem de dentro; assim ficou a espreitar pelas fasquias da rotula.

Na camera servida por essa porta achavam-se em palestra animada duas pessoas, uma cuja voz fornida retumbava pelo tecto, e outra de falla submissa embora rouquenha.

O sujeito do verbo alto trazia as vestes dos Recoletos, e esquadriava o pavimento de tijolo com umas pernadas, que nada tinham de ecclesiasticas, e mais pareciam guinadas de espadachim. Ás vezes parecia que a batina o tolhia, e dava-lhe tal safanão acompanhado de um tregeito da boca e dos olhos, que bem se via quanto lhe custava a arrastar aquelle trambolho. Si não fôra a utilidade que lhe prestava, com certeza já o houvera lançado ás ortigas.

O ardego padre tinha a cabeça batida; o rosto largo, olhos redondos, e labios carnudos, que estavam denunciando a temulencia da carne, não castigada convenientemente pela abstinencia, e menos pela disciplina. Apezar do freio de santarrão com que elle havia bridado o carão moreno, e do cuidado com que lhe amansava a braveza; não raro, mostrava-se ao na-

tural a catadura, e via-se então que era homem de dar e tomar, como se dizia no sertão.

E no sertão deixara o padre João da Costa, no tempo que por lá andara, memoria de suas proezas. Entre outras cousas dizia-se que na festa de uma freguezia, apresentara-se no largo, e puxando da faca, arremettera contra um pimpão para lhe bifar a rapariga com quem estava; e conseguiu, porque era o frade faquista de fama, e o outro sentiu bater-lhe a passarinha. Tomando então a moça de garupa, sahiu o fragueiro do reverendo pela povoação a fóra, mui ancho de si.

E' verdade que estas e outras anedoctas vinham de Olinda, onde o padre João da Costa era abominado, como a alma da conspiração dos mercadores, e o espirito damninho que o estimulava contra os nobres e moradores da terra. Convem portanto dar á taes murmurações o devido desconto da paixão partidaria, tão accesa n'aquelles tempos.

O outro personagem era homem de seus trinta annos, bem fornido de carnes, com uma d'essas construcções maciças, que se podem bem comparar na architectura humana, aos edificios de pedra e cal, solidos e elegantes. Tinha bella presença; e uma compostura, a que dava realce, a galhardia marcial, rara em um mercador, como elle era.

— Ouça o que lhe digo, Sr. Miguel Corrêa. Antes de tres dias decide-se a cousa.

— Pois eu aposto, Padre João, que ainda não é d'esta vez!

O frade soltou uma risadinha:

— Veremos! Amanhã a noite em casa do Miguel Vianna ha de mudar de parecer!

— Qual! Os mecos são espertos!

— São! São!.. Não ha duvida!

D'estas frases ditas em tom claro e compassado, pilhou o escrevente algumas palavras. Infelizmente botando-se o Miguel Correia para a janella, não pode elle escutar o mais. Bateu então á rotula devagarinho, como quem acabasse de chegar.

— Ah! é você rapaz? disse o mercador levantando o postigo da rotula que era de bater. Entre!

Emquanto arredava a porta para dar passagem ao gaguinho, voltou-se para annuncial o ao frade:

— É o Cosme Borralho, Reverendo!

— Bem apparecido, moço, disse o padre João; já sei que nos traz alguma nova importante?

— O reverendo e mais o Sr. Miguel Corrêa dirão: respondeu Cosme com modestia.

Sacando então do bolso da soutaina o masso

de papeis, escolheu um cheio de garatujas que apresentou aos dois. Logo apoderou-se o frade do manuscripto e acercou-se da janella para o decifrar.

— Han!... han!... fazia o reverendo, durante a leitura. Bravo!... Que malandros!

Exultava o gaguinho por baixo da sonsa, vendo o effeito que produzia o papel. Quanto ao mercador, depois de ter debalde tentado soletrar as garatujas do escrevente por cima do hombro do frade; achou mais proveitoso consultar as reverendas boxechas; e como ellas se expraiavam em riso gostoso que serpejava enroscando a papada, tambem o bom do mercacador se poz a gargalhar, esfregando as mãos de contente.

— Aposto que são obras do matreiro do entrevado?

— Foi o licenciado que o escreveu ainda esta manhã; respondeu Borralho.

— O David de Albuquerque? perguntou o mercador.

— Grande ronha!... Tem mais peçonha por dentro do que lhe sahe por fóra das chagas do corpo! proseguio o reverendo tornando á leitura.

O mercador tentou segunda entrada nos gregotins do manuscripto, porém debalde.

— Optimo!... continuava o padre João.

— Boas noticias, eim?... Bem dizia eu que o Borralho era um rapaz de truz. Mas então as cousas vão bem?...

— Ás maravilhas, Sr. Miguel Corrêa, futuro Procurador do senado recifense! exclamou o frade, com emphase, terminada a leitura.

Arrufou-se o mercador de prazer, como um perú de roda, quando o garoto rapaz lhe assovia no terreiro.

— Qual!...

— Digo-lh'o eu. O mez se não acaba sem que tenhamos pellouros abertos n'este Recife.

— Pois já tão proximo?.. tornou o Miguel. Pelo que vejo este papel é algum arranjo que os *pés rapados* nos propõe?

— Este papel?...

Um riso desdenhoso borrifou a respeitavel belfa do frade, que inchou as boxechas, para soltar a palavra retumbante com a emphase do costume.

Aqui para nós, leitor, o reverendo preparava-se para representar o papel de tribuno, que é o apostolado politico; e por isso não perdia ensejo de pôr os pontos á sua eloquencia.

— Este papel?... É o *mané*, *tecel*, *pharés* da orgulhosa Olinda!.. Como Babylonia cahirá para não se levantar mais, a famigerada ci-

dade! Este papel?... É o documento da conjuração que tramam os pharizeus d'este Pernambuco, contra a authoridade do Rei, na pessaos de seu Governador, á quem trabalham com damnada tenção por deitar fóra da terra, afim de porem a governança na mão de seus apaniguados, embora se derrame o sangue de innocentes, com tanto que satisfaçam ao seu nefando proposito de abater esta Sião do Recife, o que tenho fé não hão de conseguil-o...

O reverendo tomou folego, e enroscando no dedo index o fim do longo periodo a maneira de carapito, outra vez encheu os folles da boxecha para apontoar devidamente o fim d'aquella rajada de eloquencia.

— ... jamais!...

Sahiu o gaguinho dos biocos humildes e silenciosos em que se mettera para manifestar por modos significativos sua admiração á oratoria do padre João. Piscando os olhos de enthusiasmo, e batendo a cabeça como o lagartho, animou-se a murmurar a meia voz:

— Nem o padre Vieira!

Lançou o frade ao gaguinho o olhar de protecção com que hoje em dia o ministro na camara affaga os intimos que engastam em *apoiados e muito bem* as perolas, por elle desfiadas na tribuna.

Entretanto passava o Miguel Corrêa um momento bem attribulado. De todo aquelle soberbo jacto da reverendissima eloquencia, não tirára o seu bestunto sinão uma cousa ; mas essa de arripiar.

Era o topico de sangue derramado tão junto ao nome do Recife. Ora, havia no digno mascate invencivel repulsão por tudo quanto attentava contra a integridade da pelle humana, e sobre tudo da que lhe forrava o individuo.

Não se conhecia ainda n'aquelle tempo a causa de semelhante phenomeno. Medo ; nem por sombras podemos conjecturar que o sentisse um homem da polpa do Sr. Miguel Corrêa Gomes, capitão no terço dos brancos, e escolhido pelos mascates como um de seus cabeças, para levar a cabo a grande empresa em que se haviam empenhado.

Actualmente, abençoado progresso, qualquer estudante de medicina, explicaria de uma maneira clara e decorosa aquella exquisitice, diagnosticando uma affecção nervosa. Fique pois assentado que o Sr. Corrêa, bem apessoado de corpo era não obstante a fartura de musculo e fevera do seu todo, um organismo essencialmente nervoso.

Tal frouxidão produziram n'elle as palavras

referidas, que as pernas faltaram ao tronco; os hombros affundaram sob a cabeça; e o homem se aboborou sobre o tamborete.

CAPITULO IX.

COMO A CONSPIRAÇÃO POR MAIS RODEIOS QUE FAÇA VAI SEMPRE DAR NA ROTULA DOS OLHOS NEGROS.

Afinal recobrára o mascate a falla.

— Deveras, Padre João, você julga que elles são capazes de praticar estas maldades?..

— Capazes eram, e demais, si os deixassemos! Mas elles que façam o levante, e lhes mostraremos?

— Um levante?... conseguiu balbuciar o Corrêa com a lingua perra.

— Pois então homem!... Não está aqui a copia do manifesto que contam remetter para Lisboa, com o governador?

— Virgem Santissima!

— De que se espanta você?

— Ah! Padre, que desgraça!

— Diga que fortuna.

O mascate não tugiu; porém a cara agalgada retorquiu por elle com uma eloquencia irresistivel.

— Que mais desejamos nós, os do Recife? Que os phariseus de Olinda ponham em pratica seus perversos intentos! Então o seu governador acreditará no que lhe havemos dito; e fará respeitar a vontade de El-Rei, capturando os mais famosos, entre os taes fidalgotes de meia cara.

— Mas o levante?

— O levante, abate-se! respondeu com fleugma admiravel o padre.

— Mas quem? O Padre, com os seus congregados da Madre Deus?

— Nada; lá isso é da sua competencia, Miguel Corrêa, e dos outros da militança. Nós os acompanharemos com as nossas preces...

— Sim; bem fechados no convento!

— Porque assim o exige o meu santo ministerio, que por gosto estaria a frente dos nossos guerreiros, para bater a brecha em Olinda.

— A brecha!.. A brecha!.. Pois olhem comigo não contem! gritou Miguel Corrêa furioso á medir de uma á outra ponta a comprida sala com uma desencadernação de passos inconcebivel. Não é lá por medo; ma

eu não posso ver matar aos meus semelhantes. No fim de contas sou christão, antes de ser mercador; e uma villa de mais ou de menos na terra não é razão para se estar a gente á comer como cães esfaimados!

Tendo n'este soliloquio energico feito sua declaração de voto, o nervoso mascate barafustou pela casa a dentro; meio peremptorio de impedir a replica do frade e assim melhor se convencer da verdade do proprio dito.

O reverendo o acompanhou com um olhar de zanga:

— Si todos forem d'este jaez, estamos aviados. É cada um ir tratando de arrumar a trouxa e deixar a terra aos senhores d'ella. Perder a melhor occasião!

— O Reverendo então acredita que os de Olinda fazem o levante!

— Pois este papel? perguntou o padre sorpreso.

— André de Figueiredo, bem sabe o Reverendo, que é de todos o mais empenhado contra o Recife. Foi elle quem encommendou o manifesto ao licenciado David de Albuquerque, que o dictou, e eu tirei á geito esta cópia, quando o passava á limpo.

— Então?

— Olhe, Sr. Padre, pelo voto d'elle, amanhã

já se punha o motim na rua ; mas é que a melhor gente está em duvida por causa do velho capitão-mór João Cavalcante. Então se emprazaram para um dia d'estes em casa do dito, afim de accordar-se no melhor.

— Pelo que vejo, ainda não é negocio resolvido ! Que pena !

— Agora, uma cousa me parece á mim, que ao Reverendo sem duvida já lembrou. Si o governador sabendo do manifesto, mandasse prender alguns..

— É verdade ; occorreu-me ha pouco. Optima idea. Vou já tratar disto !

Ergueu-se o padre e despedindo o rapaz foi em procura do Miguel Corrêa no interior da casa. Conseguiu explicar-lhe o novo plano, ou como si diria actualmente em linguagem parlamentar, a ultima phase da questão olindense.

O mercador apoiou com enthusiasmo a emenda substitutiva. O expediente da captura effectuada pela tropa de guarnição, em nome de El-Rei, alem de não atacar os nervos do capitão do terço, podia ser um poderoso tonico, livrando-o dos constantes sobresaltos em que vivia.

Assentaram pois de communicar o plano aos amigos que se ajuntavam quasi todas as noites na calçada do mercador Vianna ; e como já

estavam a pingar trindades, foram de passeio se encaminhando para ali. A companhia de ordinario começava a reunir-se com o escuro; porém o Miguel Corrêa tinha suas razões para chegar cedo.

Pozeram-se os dois á caminho pela praia fronteira a Madre Deus quando os apanhou o toque de *Ave-Maria.* Depois de recitada a oração, deram-se mutuamente as boas noites e continuando o passeio foram sahir nas immediações da rua da Moeda. Os quintaes separados formavam um becco estreito por onde se entrava da praia para a cidade. Houvera ali outr'ora uma pequena porta, fabricada pelos hollandezes, mas já em ruinas.

A um dos lados da travessa estava o outão com a rotula dos olhos negros. O Miguel Corrêa estendendo os olhos n'aquella direcção, viu cousa que o poz álerta. A gelosia estava entreaberta; e proximo da janella, encostado á parede, havia um individuo gesticulando. Tornou-se pensativo o homem; e seu companheiro teria reparado na torvação, si não fosse uma figura de rethorica das mais retumbantes, e cujo effeito n'aquelle momento ensaiava o padre sobre o mascate, pensando que este o escutava.

Quem era o individuo da rotula, já o sabemos.

Ainda alı está onde ficou, o nosso poeta; mas parece que não perdeu seu tempo, o maganão. Quando o deixamos, estava elle em suores frios por causa de uns rebates de unhas rosadas que vinham da rotula.

Isso porém nada era á vista do que tinha de vir. De repente escapou-se d'entre as persianas, aquelle som mavioso, que só tem duas cousas n'este mundo, a brisa no seio da rosa e o halito nos labios de uma moça.

Um suspiro!... Haverá na mulher outra expressão que se lhe compare? O olhar é a centelha; o sorriso a corolla resplandecente; o beijo a polpa deliciosa. Nada porém como essa fragancia melodiosa á distillar no seio da flôr celeste, que se abre n'alma da virgem.

Felizmente para o Lizardo cahiram do sino do Carmo as primeiras badaladas de trindades. O beato amante logo se poz em attitude de cumprir com o dever religioso; nunca elle se desbarretara com tamanha presteza, nem rezara com tanto zelo como n'esta occasião. Tambem a gelosia se recolhera ao batente; e um silencio respeitoso derramou-se por aquelles lugares já de si pouco ruidosos.

Quando se desvaneceram ao longe pelos ares, as ultimas e gemedoras percussões do bronze o Lizardo levou o arrojo ao ponto de voltar

o canto do olho para a rotula, prestes a retiral-o com velocidade de relampago. Continuava cerrada a gelosia. Esta observação reanimou o mancebo, que se metteu a fallar entre si.

— Com certeza ella não volta mais; foi resar junto das velhas. Portanto posso me ir escapulindo. Que mais faço eu aqui? Pódem bispar me e depois... Ella mesma talvez não goste e tanto que já recolheu-se...

Não acabara; rangeu de leve o gonso da rotula, que se entreabriu; e os olhos negros começaram de novo a scintillar de modo, que faria crer estavam apostados com a estrella da tarde, á qual luziria mais.

Lembrem-se d'aquelles moldes feitos em velho papellão, que as rendeiras pregavam outr'ora na almofada com espinhos de macaúba, e farão idéa justa da figura do meu pobre Lizardo cosido á parede por aquelle molho de crivos.

Instante depois resoou ali um canto suave. Os olhos negros fallavam:

— Já está escurecendo; são horas de ir para dentro!...

Foi este áparte proferido com certa lentidão paxorrenta, de quem procura um pretexto para retardar o cumprimento de obrigação; com o mesmo vagar começou a rotula de fechar-se, e

o Lizardo immovel. Quando cuidava elle ouvir o correr do trinco, abriu-se de novo a banda da gelosia, e os olhos negros se pozeram á janella, mas d'esta vez zangados, porque diziam:

— Ah! tambem!... Já me vou!..

Estiveram pouco tempo; de repente d'ali partiu um grito de susto, e a rotula puxada batera com força o batente que a repelliu:

— Ai, Jesus!... Um homem!...

Começando na janella continuou a voz no interior:

— E eu aqui sósinha!

Entraram os olhos negros á jogar o *esconde, esconde*. Iam-se chegando a rotula, e de repente furtavam-se com uma timidez cheia de feitiços.

O medo, e o acanhamento outra cousa não é senão medo de certas ninharias, desapparece como por encanto, quando se acha em face de outro maior. É capaz então de ir até a petulancia. Si os olhos negros sabiam disto, não posso affirmal-o; mas que os olhos negros são melhores phisiologistas do que os doutores arvorados em mestres de tal sciencia, não haja duvida.

Assim foi que o Lizardo vendo a moça ter medo e vergonha d'elle, se encheu logo de certa importancia. A coragem a pouco e pouco lhe aqueceu o animo; despregou-se a lingua

do palato e recobrou alguma flexibilidade. Teve dó dos olhos negros, lembrando-se da afflicção que n'elles havia de produzir sua audacia.

Tossiu o nosso Lizardo; afinou de leve a garganta, e com o gesto mais arredondado, entrou a recitar para umas estrellas defronte:

DECIMA !

Disse elle com voz de epigraphe e proseguiu:

Entre um morrer e viver
Que me assalta á todo instante,
Traz-me sempre uma inconstante
Só constante em meu soffrer.
Quando me cuido morrer
Dá-me Belisa uns carinhos;
Torno á vida aos bocadinhos,
Eis logo me deita uns olhos
Que o foram, mas já são molhos
De enfados por entre espinhos.

Apenas começou o recitativo, os olhos negros bruxulearam atravez da gelosia, e foram á pouco e pouco se enfiando tanto pelo gradil que já se via junto d'elles uma testa branca de leite e um narisinho afilado do mais puro typo pernambucano.

— Ai, ai!.. murmuraram no fim os labios que se advinhavam em uma sombra rosea por entre o crepusculo da rotula.

Comprehendeu Lizardo que este monosylabo suspirado era a resposta eloquente á sua decima: e que devia elle para travar o dialogo replicar. Mas não se tendo preparado, ficaria em secco, si lhe não occorresse uma lembrança feliz. Repetiu os versos com um accionado mais correcto.

Desgraçadamente desembocava pelo becco o Miguel Corrêa com o padre. Ao espanto da rotula que fechou-se de repente, percebeu o poeta a causa. Com tal cara de estatalado ficou elle, que o Miguel Corrêa sentiu uma agastura no estomago, e coseu-se ao reverendo. Mas á distancia sufficiente, voltou-se com um gesto mal encarado e escarrou duas vezes.

—Que lhe parece aquelle sujeito encostado á rotula, Padre João? perguntou ao frade em dobrando o canto.

— Não reparei, não, homem. Mas então desconfiou de alguma cousa?

— Eu sei!.

— Si a menina estava na rotula o caso não é para graças. É preciso que indague disto?

— Quer você meu conselho? Não indague de cousa alguma.

— Essa é boa. Então si a rapariga andar de namoricos pelo quintal, eu não devo curar disso?

— Para que? respondeu o frade com um riso magano. Si por força você tem de cazar, não é melhor que ignore o mais? O que olhos não vêm, coração não sente. O Vianna ajustou dar-lhe a mão da menina quando ella entrar nos vinte annos; e eu, é preciso que saiba, já me preparei para abençoar o consorcio e trinchar o perú das bodas. Por tanto que mais quer o amigo?

— Quero saber a casta da mulher que levo para casa.

— Lá isto nunca hade saber, nem que viva com ella cem annos.

— Mas em todo o caso sempre será bom advertir o pai.

— Disso me incumbo eu, como capellão da casa.

CAPITULO X.

TEM O LEITOR A INESPERADA FORTUNA DE SE AVISTAR COM UMA NYMPHA OLINDENSE.

Emquanto passavam no Recife estas scenas, outras do mesmo drama se desdobravam na proxima cidade.

Era Olinda então a princeza d'aquelles mares. Reclinada sobre os verdes outeiros, ainda olhava ella com desdem a nova povoação que surdia-lhe aos pés longe em uma nesga de terra safara. Ainda sorria altiva aos esforços da humilde serva, que tentava quebrar o preito e obediencia devidas a legitima suzerana.

E tinha razão. Olinda, a fidalga, a cidade nobre e de mais antiga linhagem n'aquellas partes, sinão em todo o Brasil, conservava nos principios do seculo dezoito a flôr de sua

belleza. Incendiada embora em 1630 pelos hollandezes, renascêra das cinzas, e augmentára com o novo influxo que recebeu a capitania depois de restaurada. Quem pela vez primeira, a avistava do mar, emergindo do seio das ondas, comprehendia como a absurda tradição de seu nome tanto se vulgarisou. Realmente era para exclamar:— « *Oh!... linda, linda cidade!*

O outeiro se elevava como um triclinio romano; voltada a cabeceira para o sul, e os pés estendidos pela dilatada campina. Ahi n'esse leito voluptuoso se recostava a americana cidade. Suas ruas subiam as encostas e serpejavam pela esplanada, á cavalleiro do mar. Era este um dos encantos de Olinda, e que raras cidades possuem.

De ordinario o viajante que chega não vê logo, senão o vulto indeciso das cidades; a sua feição está no interior das ruas e praças; para conhecêl-a é preciso atravessar a orla de trapiches ou quintaes, que lhe formam a crosta. Com Olinda não era assim; a faceira, garbosa de sua formosura, vinha ao encontro do viajante e abria o seio para recebêl-o. Quem se aproximava de suas ribas alcantiladas, logo via do primeiro lance o coração da cidade, bem como o fluxo e refluxo da vida no centro da povoação.

Provinha esta singularidade do córte abrupto da montanha pelo lado do mar. Parecia que a cidade fôra fendida a meio pelo desabo da eminencia. Tinha esse aspecto alguma cousa de scenico que redobrava-lhe o encanto; como nas vistas do theatro, o ponto visual era no foco do sitio representado.

Outra graça especial de Olinda era a lou çainha, campestre com que ella, cidade nobre, se adornava. Os campanarios erriçados de suas bellas igrejas, assim como os tectos vermelhos dos edificios, surgiam de um massiço de verdura. Não havia grupo de casas que não tivesse uma cintura de ramagem e flôres. O campo e a cidade, como dois amantes se uniam em apertado abraço. A civilisação, assim vestida á americana, tinha uns ares de louçania e gentileza que a embellezavam.

Dizem que tão bonita era Olinda de longe, quanto feia e incommoda dentro. Si essa tradição nasceu de gente invejosa filha das outras terras, ou de algum chronista vendido aos mascates; é cousa impossivel já de averiguar-se. Mas em todo o caso não desabona a cidade; ha bellezas para serem admiradas de longe; outras se querem vistas de perto.

Infelizmente, aquelle viço da altiva formosura não tardava se desvanecer. Lá estava

ao sul, n'uma orla de praia a mingoada povo ação de pescadores, que fora crescendo desde a invasão hollandeza, e devia em breve dominar essas regiões.

Tinha Olinda todas as superioridades. Situação magnifica, ares saudaveis, agua em abundancia, terreno fertil, e vegetação opulenta; esses eram os dons da natureza, aos quaes o homem juntara outros; as tradições da primeira colonisação, os edificios bem acabados, e os meios de deffensão.

Recife era uma ponta de areia, esteril, despida de arvoredo, fétida e doentia, sem outra agua potavel além da pessima fornecida por cacimbas. A proxima ilha de S. Antonio estava nas mesmas condições. Mas havia ali um ancoradouro, porta aberta ao commercio. A industria que já se estreava para um dia se apoderar da civilisação e subjugal-a, devia arrastar a população do alto das verdes e risonhas collinas ás praias sujas e infectas do Mosqueiro.

Assim á pouco e pouco minguou a seiva á altiva cidade; suas casas foram desamparadas; tornaram-se ermas as ruas; e o cadaver da formosa Olinda permaneceu como secca mumia entre a verdura das arvores e as palmas dos coqueiros, unicas de suas galas antigas que não desbotaram ainda hoje. Para consolo d'essa

velhice prematura fizeram-n'a beata: deixaram-lhe a supremacia espiritual.

Quando a vi de primeira vez, tranziram-me o silencio e melancolia que a habitavam. Pareceu-me penetrar o vasto ambito de um templo christão. Tal era o profundo abatimento de Olinda, que não podiam reanimal-a a inexhaurivel jovialidade e o habitual rumor da colonia academica então, para ali rejeitada.

N'aquella tarde de 11 de Outubro de 1710 resplandecia Olinda entre os fulgores do occaso. A rosea tez das nuvens reflectia na branca fachada dos edificios, e algumas chispas do ultimo raio do dia abrasavam os corucheos das torres, Ao meio da rua principal que se prolonga pel. dorso da montanha, e então como hoje se chamava de S. Bento, do mosteiro situado em frente, sobresahiam ás outras duas casas nobres, da melhor apparencia n'aquelle tempo.

Tinham sobrado ambas, com janellas de sacada, revestidas de altas cortinas de rotulas, pintadas de vermelho. A primeira mais larga e de cinco portas, pertencia ao capitão-mór João de Cavalcante, pessoa da melhor nobreza de Pernambuco. A outra, de tres portas sómente era da propriedade e residencia do capitão André Dias de Figueiredo, morador d'entre os principaes de Olinda.

Na primeira sacada da ultima casa percebiam-se entre as gretas da rotula, por onde coavam-se as derradeiras resteas do sol cadente, dois vultos, que pareciam de mulher; e o eram de feito. Estava sentada em cadeira e mais recolhida, uma já revelhusca; a outra, moça e formosa, em estrado e pendida para a sacada, afim de aproveitar a claridade; pois trabalhava na trama de uma bolsa de retroz.

— Não se amofine com isto, menina! dizia a matrona.

— Pois, tia, não me hei de queixar de minha sorte, que me fez donzella e casada, sem que o seja nem uma, nem outra? Não me pertenço a mim, que sou de quem me disse o coração; não me pertenço ao meu marido, que d'elle me tem separada. Ah! soubera eu do que me esperava, que não teria consentido! Afinal de contas elle é meu esposo e eu devia acompanhal-o...

— Que diz você, Leonor?.. Queria então ajudal-o na guerra que faz aos nossos?

— Quem falla d'isto, senhora? Sou tão boa pernambucana, como a que melhor fôr; e tambem, lhe juro, ninguem se disvella tanto de amores por esta Olinda, onde nasci e me criei, e parece que tudo me conhece, porque brincamos juntos, quando era eu criança; e vae a

ponto que viver fóra d'aqui, creio que não é mais viver, e sim morrer-se em vida aos poucos.

— Si pensa por esse teor, de que se arre pende então?

— Eu sei, tia? Tenho cá uma cousa comigo, a dizer-me que si não fossem ao Sr. Vidal Rabello logo na mesma noite em que nos desposamos, á intimar-lhe para morar em Olinda, elle se não havia de agastar; e depois com o tempo, pedindo e rogando, como era meu dever, tudo alcançariamos d'elle. E agora!...

Curvou Leonor ainda mais a cabeça, dando ao collo alvo e flexuoso uma ondulação de cysne, afim de esconder da tia a lagrima crystalina que tremia nos cilios e veio a cahir no regaço. Mas a voz não a pode esconder; viera aquella ultima palavra rosciada de prantos.

— Está bom, tornou a senhora; console-se que breve tudo isto acaba. Em vencendo nós aos taes mascates...

— Comtanto que lhe não façam mal? replicou promptamente a moça.

— D'isso lhe dou fiança menina; basta ser seu marido e meu sobrinho.

— Mas quando acabará?

— Qualquer d'estes dias.

— Ah ! Deus lhe ouça, tiasinha de meu coração: exclamou a donzella esposa, erguendo ao rosto as mãos juntas para o céo.

N'esse movimento as madeixas do cabello castanho descahindo para as espaduas, mostravam em toda a pureza natural o bello semblante de Leonor. Entre a limpida alvura coavam uns reflexos de luz rozada que annunciavam a aurora da esperançada ventura.

D. Severa, lançou-lhe um olhar de castellã.

— Ai ! Quem me dera outra vez aquelles bons tempos em que as damas e donzellas sabiam arrostar os perigos e davam aos senhores homens o exemplo do heroismo ? Tambem por isso eram mais respeitadas e queridas do que são hoje, que vivem encostadas ao canto que nem traste velho e fóra do uso. Si não era outra cousa bem differente das de agora uma fidalga ainda mesmo do tempo de minha avó, que pelejou em Porto-Calvo com D. Clara ? E por signal que atravessou dois hollandezes com uma só lançada !

— Jesus !... Que mulhersinha !

— E eu sou capaz de outro tanto, o ponto é me acompanharem.

— Uih, tia; não se lembre d'isto. Já estas cousas andam tão baralhadas, sem nós mulhe-

res andarmos ahi as voltas, quanto mais si nos fossemos tambem metter com ellas? Então é que ninguem mais se entenderia; por força que havia de vir muita desgraça, sem contar a que já estou prevendo de me ver casada e descasada tão sem graça e de repente!

— Não digo! Para choramingas e resas é que servem hoje as mulheres. Si fosse uma dama do bom tempo, que se apartasse, como você, Leonor, de seu esposo para seguir a seus parentes; em vez de ficar em casa á fazer meias ou bolsas, punha-se em campo com seus acostados e gente d'armas; e havia de não menos vencer o inimigo a ponta de espada, do que render o esposo com um bote de lança, que não com um requebro d'olhos.

— Nossa senhora me defenda de tal tentação!

— Ai, saudades!... Aquillo é que era viver! continuou D. Severa enthusiasmada. A gente sempre adorada, cavalleiros de todas as partes que cercavam a dama de seus pensamentos, e bastava um aceno para que elles fossem ao fim do mundo, e isso só em troca de um sorriso de longe em longe, ou quando muito de uma flôr, de modo que assim a formosura de uma fidalga podia chegar para fazer a tantos felizes; e não é como hoje que

vive fechada dentro de casa, para uma só e este mesmo nem com ella se importa!.. Ai, tempos, bellos tempos dos torneios, das justas, das crusadas! Tempos de constancia em que a gente não se dava de esperar dez, vinte, trinta annos, que seu esposo voltasse da Palestina! È para se comparar!..

Aqui vejo-me obrigado á dizer alguma cousa sobre o physico da Sra. D. Severa de Sousa, para que o leitor não se deixe ir a supposições arriscadas.

Tinha a fidalga cincoenta annos bem puxados: os cabellos, ainda não grisalhos, mas de um preto russo, trazia-os ella em diadema, enastrado de fitas verdes, amarellas e escarlates. Nas faces, onde a natureza poz aquelle dôce pomo rubescente que nossos paes com propriedade chamaram as maçans do rosto, havia outra variedade de fructo, duas noses.

Formavam estas saliencias em conjuncção com o queixo não menos proeminente a triangulação da belleza de D. Severa, que se contava no rol das *nymphas* olindenses. E não era vaidosa, não. O nosso amigo Lizardo que tinha entradas no Parnaso, e privava com as musas lhe dedicara á tempos um madrigal n'este gosto:

— « Onde vaes correndo assim?
Pergunto á Flora chorosa
Diz-me a deusa: « Busco a rosa
Que fugiu do meu jardim. »
Acode amor: « Oh! não penses,
Que volte a ser flôr mimosa,
Clelia, a nympha mais formosa
Entre as nymphas olindenses. »

Ah! poetas, poetas!... Porque vos deu a natureza um estomago?... Sem essa viscera exigente, não serieis forçados, vós os sacerdotes do bello, a cantar as donas Severas de todos os tempos, e a incensar as torpezas de ambos os sexos, que por ahi pullulam como rans, n'este grande charco, chamado mundo!

Observava Leonor com um arzinho zombeteiro o enthusiasmo cavalheresco da tia, e o sorriso que lhe brincava nos labios já abrochava para soltar algum remoque innocente, quando um tropel de cavallo soou na rua, que a distrahiu. Enfiando o olhar pela fresta da gelosia, teve um sobresalto e se arremessou de encontro á rotula com irresistivel impulso.

— O que é? O que é? perguntou D. Severa estendendo o longo pescoço, que no madrigal do Lizardo devera representar o pedunculo da rosa.

CAPITULO XI.

O PRIMEIRO SANGUE DERRAMADO NA FAMOSA GUERRA DOS MASCATES.

Um cavalleiro bem parecido, e trajado com lindas roupas, que descia a rua na direcção da Misericordia, fôra causa do sobresalto da moça.

Quasi fronteiro a janella, o fogoso cavallo em que montava caracolou-se voltando rapidamente sobre os pés; e durante um momento lutou o mancebo, que mostrava ser excellente escudeiro, para subjugar o animal. N'esse tempo o tinha visto Leonor, que se lançara para a janella.

De certo percebera elle o vulto da moça e a reconhecera, porque fitou n'ella um olhar expressivo acompanhado por um gesto rapido.

Entre abrira a mão direita erguida; e um pequeno objecto mais alvo que as rendas do punho, appareceu na palma. Logo apoz, dando de redea ao cavallo, seguio a passo pela rua adeante.

— Não é nada, tia; disse Leonor ainda tremula, sem retirar os olhos das frestas.

Mas não se é nimpha debalde. A experta da D. Severa não podera ver já as feições do cavalleiro; mas admirando-lhe o talhe airoso que moldava a casaca de lemiste, indusiu pela perturbação da sobrinha quem era o guapo mancebo.

— Sonsa! Cuidas que não o conheci?

— A quem, senhora?

Já livre da sorpreza a moça volveu os olhos em torno como si procurasse alguma pessoa.

— A quem mais, senão a teu marido que passou n'este momento! Peior é si me queres fazer de boneca!

— Bem vi um cavalleiro, mas si era o Sr. Vidal Rabello não digo, porque não reparei; estava olhando para outra cousa.

— E o susto que você teve?

— Ah!... Cuidei que me tinha cahido o fio da seda: respondeu a moça mostrando o novello.

— Estes olhos não me enganam!

— Está bom!

Dizendo isto com um tomsinho de arrufada, Leonor se absorveu completamente no trabalho apezar de estar quasi escuro. A matrona continuou:

— Agora, porque nega você não sei, não é tão natural que seu marido, vencido de saudades, quebre os protestos de esquivança, e espie as occasiões de ver sua esposa e senhora? Assim praticava-se antigamente. As damas encerradas em seu castello viam ás vezes passar um cavalleiro mysterioso, de viseira calıida; ou então á noite callada, pelo claro da lua, ouviam alguma serenata embaixo da sua torre. Batia o coração á castellã: « Quem será? » perguntava baixinho para a aia. E ficava n'aquelle sobresalto da duvida, si por ventura seria o esposo que tornava, ou algum outro cavalleiro enamorado de sua belleza, que n'este vae e vem da esperança, é que estava o maior gosto. Qual era n'aquelle tempo o marido que depois de uma ausencia entrava em casa, como hoje, tão sem graça, que a gente já sabe o dia e hora em que chegam e a cara que trazem?

— Mas, então, n'esse tempo as esposas viviam sempre ausentes, ou ainda peior, desquitadas de seus maridos?

— Pois ahi estava a galanteria, menina! Amarrem um ao outro como uma caçamba na corda, duas creaturas, e agora vejam que aborrecimento não é este de se aturarem á todo o instante, que por fim de contas, ambos já se sabem um ao outro de cór e salteado; e de mais a mais, está se vendo que a gente não póde receber as finezas e requebros dos cavalleiros, mesmo nas barbas do homem?... Não tem geito nenhum. Como era, sim, que os maridos nunca perdiam o garbo de namorados, e as damas viviam até morrer sempre requestadas, com mil gentilezas. Minha bisavó tinha setenta annos quando D. Jorge de Albuquerque, n'um torneio aqui mesmo n'esta Olinda, lá no pateo de palacio, com o punhal na gorja obrigou tres cavalleiros a confessarem que ella era um *bogarim*.

— Por causa dos cabellos brancos? observou ingenuamente Leonor.

— Fosse pelo que fosse. Ainda ha quem ouvisse fallar do quanto era formosa então; e dizem que em mocinha se pareceu comigo.

As observações sensatas de D. Severa suscitam uma reflexão curiosa á respeito da semelhança entre os costumes cavalherescos, na parte conjugal, e os actuaes costumes realistas. Excepção feita de algumas circumstancias minimas, e substituidos os torneios

pelos bailes, as serenatas pelos presentes ; parece que o fundo é o mesmo.

Escutava Leonor à matrona sómente com o ouvido esquerdo, porque o direito o tinha ella alerta ao menor rumor de fóra. De repente a conchinha côr de rosa, meia occulta pelas madeixas castanhas, ardeu com subito rubor. O som da pata de um cavallo batera ao longe o chão duro e secco da rua.

— Ai, querida tia, me conte do torneio. Então D. Jorge de Albuquerque... E' o donatario, o filho de D. Brites, o que pelejou na India, não é tia ?.. Mas então elle atirou a luva por minha tataravô !... Não é ? Como havia de ficar a dama toda cheia de si ?... As côres... quaes tinha D. Jorge ? Eram negras as armas sem duvida ? E o mote ?..

Taes perguntinhas cahiram sobre a matrona como um enxame de abelhas, e a atordoaram um instante ; recobrando logo seu ar solemne e cheio de dignidade, começou D. Severa a narração pittoresca das scenas do torneio, em que fôra sua bisavô proclamada o *bogarim* de Olinda.

Entretanto se aproximara o tropel, que cessou de repente por baixo da janella. Si D. Severa estivesse menos preoccupada com as reminiscencias cavalherescas da fa-

milia, não lhe escapara de certo, nem essa circumstancia, nem o curioso ponto de malha que a sobrinha apezar do escuro acabava de inventar. Julgo conveniente dar ás minhas amaveis leitoras, si as tiver, a explicação d'esse ponto elegante, porque estou certo a não encontrarão em nenhum jornal de modas.

Faz-se volta sobre a mão direita, enfia-se a agulha subtilmente pela fresta da rotula; um cavalleiro na rua amarra um bilhetinho na agulha e estica o retroz; colhe-se então docemente a volta, e de novo trançando as malhas remata-se o ponto de laçada. Ha actualmente muitos outros pontos de croque mais em voga; porém nenhum tão elegante como aquelle.

Muito antes de terminar D. Severa o episodio da bisavô, tinha Leonor rematado seu ponto; e sentindo a fazer-lhe cocegas no seio um papelsinho dobrado, tornou-se inquieta e desassocegada. Nem mais escutava a narração d'aquella famosa aventura do bogarim que tão viva curiosidade lhe despertára pouco antes.

Afinal se não poude conter:

— Eu volto já, tia D. Severa; um instantinho emquanto arranjo meu toucado que se desmanchou, não sei como.

— Pois juntas iremos.

— Para que ter esse trabalho? Não me demoro nada. Espere a tia.

— Porventura, Leonor, quer você esconder de mim alguma cousa?

— Eu?... Esconder!... Ora que lembrança esta agora da tia!

— Pois está você com tantas partes por uma cousa atoa!

— Já não digo nada; a senhora tia faça como fôr de seu gosto.

— Venha então para a alcova se compôr.

— Não é mais preciso; aqui mesmo arranjarei.

Contrariada, Leonor, alisou os cabellos com as pontas dos dedos, e deu pelo aposento alguns passos a esmo, indecisa sobre o que havia de fazer, e ao mesmo tempo impaciente de tomar uma resolução.

Soaram passos no corredor; entrou um escravo com uma candeia de garavato para accender o lampeão da sala; e logo em seguida, o dono da casa, que n'aquelle momento chegara da rua.

Representava o capitão André de Figueredo ser homem de trinta e sete annos; toda a sua pessôa respirava exuberancia de energia e arrebatamento, que dizia com a organisação musculosa e o adunco perfil.

Ao entrar dardejou um a outro canto da

sala, olhos que não buscavam somente, mas iam já cheios de iras, para affrontar o objecto procurado. Reconhecendo que estavam sós as duas senhoras, soffreou um tanto os impetos; e se dirigiu para ellas dando as boas noites.

— Traz-nos alguma boa nova, capitão André?

— Nenhuma, senhora prima.

— Disso já eu sabia que era bem escusado perguntar-lhe, porque nada havia de saber. Os homens de agora assim é que nos tratam, de resto. Já se foi o tempo da galanteria, em que as damas eram as primeiras consultadas sobre os negocios; e não se sahiam por isso os cavalheiros mal das emprezas, antes não sei que diga, que muito melhor do que hoje em dia, e a prova ahi está na nossa rainha.

Aproveitou Leonor o ensejo para ganhar furtivamente a alcova. Como de costume crepitava na cantoneira aos pés da Virgem a luzinha da grizeta de prata, que era a devoção da moça, lá por uma certa promessa que fizera.

O bilhete que tantas cocegas lhe fizera, continha poucas palavras:

« Senhora, que esposa não devo chamar quem se roubou ao juramento que a fizera minha. Forçoso é que vos veja e falle pela derradeira vez. Si de todo ainda não se apagou em vosso

coração aquelle affecto, que já vos mereci, e antes nunca o merecesse, por vosso bem e meu socego, interceda elle em meu favor para que obtenha de vossa crueldade, esta mercê. »

Devorou a moça com os olhos primeiro, depois com um alluvio de beijos, a carta; e cerrando-a entre as mãos cruzadas, levantou para a Virgem uma prece eloquente, ainda que muda. Outro pensamento porém a reclamou; desejava responder; e as difficuldades lhe occorriam á mente.

Actualmente, não ha mocinha de dez annos, outr'ora se chamavam meninas ás de vinte; não ha, dizia eu, bonecrinha de carne e osso, que não tenha sua *papeterie* com papel de varios tamanhos, desde o de palmo para cartas de negocio até o de pollegada para os bilhetinhos assucarados. E não só papel como sobrecartas, fechos emblematicos, lacres perfumados, pennas diamantinas, areia de ouro, emfim todo o arsenal de ninharias indispensavel á sciencia epistolar, a mais transcedente e sublime d'este seculo.

A bem dizer a *carta* é a mais poderosa alavanca do progresso: nem o jornal lhe chega. Quem se propozesse á estudar sua physiologia; e systhemar as especies de que são principaes a carta de empenho, a circular dos

candidatos, a de credito, a de namoro, de felicitação, de comprimentos, a reservada, reservadissima e confidencial, escreveria uma bella obra, um livro pratico, dos mais justamente apreciados na actualidade. E faria fortuna o author, principalmente si o governo lhe ficasse com a metade dos exemplares, no intuito de promover a colonisação.

No tempo d'esta historia a sciencia epistolar estava ainda no embrião. Cada casa, e das fidalgas e abastadas, era mobiliada com um tinteiro unico, mas respeitavel.

Esse traste importante, acompanhado dos seus accessorios, o arieiro, duas pennas de ganço e uma ostia ou obreia encarnada, estava debaixo de chave, e sob a guarda immediata do dono da casa, como o responsavel pela honra e segurança da familia.

Lembrou-se portanto Leonor da resposta por escripto, sómente para reconhecer a impossibilidade em que estava de usar d'ella. O outro meio, mais corriqueiro, o dos recadinhos, bem sabia ser impraticavel, assim de repente, em uma casa onde a traziam espiada. Soffrega, correu os olhos por todos os cantos e moveis do aposento, procurando um meio, ou pelo menos uma inspiração.

Com a cabeça inclinada em attitude pensa-

tiva, engastando entre os dentes de perola a unha rosada do polegar, e estremecendo de impaciencia, estava encantadora a donzella. Dir-se-hia que ella esperava tirar da corôa d'aquelle dedinho mimoso o fio do enigma, como costumava puchar com os dentes a ponta da linha para desembaraçar a meada.

Eis que desperta com um pulinho de contentamento. Estende o seu lenço de baptista sobre o donzel, e tirando uma agulha de bordar do açafate de costura, picou a veia azul do braço esquerdo.

Uma gotta, e da mais fina purpura, borbulhou na tez alva e assetinada. Ahi molhando a miudo a ponta da agulha, pôde escrever na cambraia estas palavras :

« AMANHÃ NA CERCA. »

Machucou o lenço na mão que mal o escondia, e disfarçando esta entre os fofos da saia, voltou á sala onde encontrou ainda em conversa animada D. Severa e o capitão. As outras senhoras da casa estavam sentadas em roda de D. Lourença, respeitavel matrona pernambucana, que muito se avantajou nas lettras e virtudes. Era irmã de André de Figueredo, e viuva.

Achando já reunida na sala a familia, a qual esperava antecipar-se, hesitou a moça ;

a resolução porém não se fez esperar. Acercou-se do grupo, dizendo:

— Quem me dá um lugar?

E sem esperar resposta:

— Está bom; tenho meu estrado.

Encaminhou-se então para a janella com o pretexto de arrastar o estradinho em que estivera sentada a tarde. Do primeiro lance viu ella parado em frente da casa um vulto. Observando que não reparavam, abriu rapidamente a aldraba da rotula, e arremessou o lenço.

Ao voltar-se de todo para melhor empurrar com o pé o estrado, viu em frente André de Figueredo, que se aproximava d'ella:

— Sabe quem andou hoje por Olinda, Leonor?

— Como posso saber, eu que d'aqui não saio nunca? respondeu a moça tremula.

— O Vidal Rebello!

— Não disse eu? acudiu D. Severa.

— Bem minha tia teimava que o tinha visto! continuou Leonor.

— Que terá elle vindo buscar? perguntou D. Lourença.

— Não sei; mas queira Deus não seja o que suspeito! replicou o capitão com surda voz de ameaça.

— Que vem fazer? acudiu D. Severa. Pois,

Lourença, não tem elle d'estas bandas a dama de seu coração?

— Tomara eu que me elle deixe socegada! balbuciou Leonor.

Pallida e demudada, foi a moça tomar lugar na roda das senhoras, disfarçando para esconder seu terror. Mil vezes arrependida do que fizera, bem desejava si fosse possivel resgatar com um anno de sua vida aquelle momento de irreflexão. Quantas desgraças talvez não ia causar a sua imprudencia?

CAPITULO XII.

ONDE SE ENCONTRA NOTICIA DO SOFÁ QUE TIRAVA O SOMNO AO GOVERNADOR.

Era noite cahida.

Illuminou-se a rua com o clarão dos fachos, agitados pelos pagens, que precediam os nobres cavalleiros e suas damas.

Das bandas da Misericordia e Varadouro, retroava o chão com o estrupido de animaes, que se aproximavam; e com pouco levantou-se debaixo das sacadas o borborinho que produz o vozeio soturno de muitas pessoas.

Eram bandos de cavalleiros, que chegavam acompanhados de seus pagens, e alguns precedidos de palanquins, onde vinham as donas e filhas dos nobres moradores de Olinda, para

o serão quotidiano das casas do capitão-mór João Cavalcante.

Ficavam estas casas á direita e parede meia das outras em que morava o capitão André de Figueiredo; eram porém mais vastas e avantajadas, assim na fórma da construcção, como no custo das alfaias e moveis que a adereçavam.

Occupava dois terços da frente, a peça principal, a casa do sofá, larga sala em quadro, com as paredes revestidas no terço inferior de almofadas de brasilete e o resto de colgaduras de panno de raz.

De meia volta em abobada, era o tecto pintado a fresco, com tarjas douradas que cercavam os varios paineis ovaes dispostos em symetria pela precinta e representando episodios guerreiros da descoberta de Olinda, ou fructos e aves de Pernambuco.

No centro do tecto, em obra de talha, via-se enroscada uma serpente, mastigando nas prezas a corrente d'onde pendia uma grande lampada de prata cinzelada com sete luzes, que bastavam para esclarecer o vasto aposento.

A's quatro janellas rasgadas para a rua correspondiam tres portas de communicação interior sendo a entrada pela camara da direita donde se descia ao vestibulo, e ficando á esquerda, ao longo da parede, o sofá.

A' noite de ordinario conservava-se fechada a porta larga do fundo, que era do oratorio; salvo quando se tinha de festejar algum santo de particular devoção da casa, como era o Evangelista, seu padroeiro; ou quando celebravam-se casamentos e baptisados de pessoas da familia.

Nos quatro angulos da ampla sala, desciam até a meio da parede trophéos com lambeis volantes, em cuja apiciadura resaltavam suspensos á cornija quatro escudos em metal com os brazões de alliança que D. João tinha o direito de trazer e eram os dos Barros, Souzas e Bezerras.

De jacarandá preto, trabalhado á torno, e de sola vermelha com pregaria de metal amarello, era toda a mobilia. Nos espaldares das cadeiras coroados pelo elmo aberto em obra de talha, esculpira dextro artifice o escudo das armas do capitão-mór.

A' essa casa concorriam regularmente todas as noites os moradores principaes de Olinda, parentes pela maior parte ou adherentes do capitão mór, para colher informação das cousas da governança e andamento da republica; e tambem combinarem os melhores alvitres na estreitesa em que se achavam, com os negocios da terra bem intrincados, e o go-

vernador tão desviado do bom caminho, pelo máo conselho dos que o cercavam.

Era João Cavalcante n'aquelle tempo o chefe da grande familia Cavalcante, que em Pernambuco data da fundação da colonia, e provem de troncos nobilissimos; pela linha materna sahiram da estyrpe dos Coelhos e Albuquerques, flôr da fidalguia portugueza, e, pela linha paterna remontam a Arnaldo Cavalcanti, que se alliou na casa dos Medicis, a mais illustre de Florença; de cuja linhagem nasceu Felipe Cavalcanti que se passou a Pernambuco, nos primeiros tempos da povoação.

De grandes posses, senhor de muitos engenhos, vivendo á lei da grandeza, com todos os regalos da vida; bravo, cortez e generoso, embora presumido de sua fidalguia; liberal até a prodigalidade, de bolsa aberta sempre para quem a elle recorria; era de razão que tivesse o capitão mór grande sequito não só entre os moradores nobres, como na gente meuda da terra.

Não havia, entre os *mazombos insignes* d'aquelle Pernambuco, outro mais acatado do que este, e tão poderoso; pois só com os seus escravos e os acostados de seus engenhos, sem fallar das suas ordenanças e dos inumeros sequazes que tinha pelos povoados,

podia levantar da noite para o dia um bom terço de tropa, mais decidida, senão melhor armada, do que a milicia de governador.

Mazombo era o titulo popular que tinham n'aquella epocha os principaes, entre os nobres pernambucanos. A historia, que nos conservou o vocabulo, hoje caduco, descuidou-se de transmittir a origem, de modo que a não ser o precioso manuscripto d'esta chronica, não poderia o Instituto Historico apesar de profundas e sabias investigações, assentar opinião segura em tão escabroso assumpto.

Tinha a destruição dos *Palmares* divulgado boa copia de nomes africanos, empregados pelos negros na sua republica. *Zambi* chamavam ao cabo supremo, a quem todos obedeciam; e *muzambi*, eram os grandes officiaes, do serviço do maioral, e seus ministros.

Por despreso, entraram os mercadores portuguezes a alcunharem os nobres pernambucanos de *mazombos*, como para inculca-los de cabecilhas de negros, querendo com isso lançar-lhes o labéo de gente de cor. E' peco esse de nossos irmãos, que mais tarde inventaram com a mesma intenção o epitheto affrontoso *de pé de cabra*.

Repitiu-se o que sempre succede em taes casos. Os filhos de Pernambuco, e especial-

mente a gente de côr, trocando em honroso mote o nome que lhes haviam lançado os contrarios como affronta, timbravam em designar por *mazombos*, as pessoas principaes da nobreza pernambucana; e tornou-se o titulo de *mazombo insigne* a maior gloria a que poderia aspirar um fidalgo na terra de seu nascimento.

Quando entrou a familia de André de Figueredo, já achou a sala povoada dos parentes e visinhos que eram certos ao serão.

Atravessando por entre as mais pessoas, que se moviam no aposento para tomar lugares, ou recostarem-se ás sacadas das janellas, o bando chegado por ultimo aproximou-se do sofá.

Não era qualquer sofá o da casa do capitão-mór, nem se parecia em nada com o movel tão conhecido e corriqueiro, que hoje em dia trasteja a mais pobre das salas de visitas, ou alfaia o rico palacio, com a differença apenas da madeira e da forma elegante.

N'aquelle tempo esse requinte de luxo oriental, que os portuguezes trouxeram de seu commercio das Indias, poucos se animavam a goza-lo; e não tanto pelo custo das alfaias, como pela especie de pompa real, que tal uso communicava ao aposento. Nas colonias porém, nunca as pragmaticas foram tomadas ao serio; os ricos moradores ou fidalgos das capitanias

zombavam dos ciumes da magestade, e de suas leis sumptuarias.

Corria no fundo e ao longo da parede, um largo estrado, com alcatifa de velludo escarlate, e resalto de dois degráos sobre o soalho da casa, guardado todo elle por um esparavel de brocado azul, que se elevava em cupola, suspensa á parede com um florão de bronze.

Na face exterior d'essa cupola apainelava-se o escudo oval dos Cavalcantes, com as armas de prata coticadas de negro, em campo de palla, prata no fundo, vermelho em cima, floreteado tambem de prata. Por timbre um cavallo com azas, mãos suspensas, pés sobre o elmo, volante por entre chammas.

Sobre o estrado havia uma camilha de couro rendado em arabescos e flôres que deixavam coar-se o ar pelos recortes; fresco ripanso que em clima ardente como o de Olinda convidava os lassos membros ao repouso. Era brasil a madeira do custoso movel, e as pregarias, da melhor prata.

Em frente á camilha e tomando-lhe a vista, um bufete, coberto por cima de charão da India com embutidos ou marchetarias, e fechado dos tres lados de fóra por bambolins de couro de Moscovia com illuminações de prata. A' volta do bufete, algumas cadeiras e tam-

boretes rasos offereciam assentos aos poucos admittidos n'esse logar de honra.

No momento em que se aproximavam D. Lourença Cavalcante e André de Figueredo com os de sua casa, achava-se recostado na camilha, com o corpo derreado sobre a almofada de couro, um velho de sessenta annos, alto, magro, de feições descarnadas, olhos vivos e scintillantes, cabellos grisalhos, e tez acobreada que denunciava o sangue americano.

Era o capitão-mór João Cavalcante.

N'aquelle instante acabava elle de apear-se á porta da casa, donde partira quatro horas antes para acabar a tarefa começada pela manhã de correr os engenhos proximos da cidade; lida com que se entretinha, quando não havia outra cousa em que passar o tempo.

Depois de cinco ou seis legoas a cavallo pelas margens do Capiberibe, póde-se avaliar da boa fadiga e appetite que devia trazer. Assim ia elle accommodando-se na camilha, com as pernas estendidas pela prateleira do bufete, emquanto não lhe punham ali mesmo a ceia.

N'esse intermedio, iam chegando os da obrigação de todas as noites, que logo se encaminhavam para o estrado á saudal-o e desejar-lhe as boas noites. Aos parentes mais moços dava

elle por antigo costume a mão a beijar; fossem descendentes ou simplesmente collateraes remotos e talvez improvisados, nenhum prescendia de lhe tomar a benção, e julgariam ter decahido do seu agrado, si lhes elle recusasse aquella mostra de submissão e respeito.

As pessoas mais qualificadas tomavam logar no sofá, junto ao bufete; e ahi durante a primeira parte da noite, praticava-se ácerca das novas mais importantes do dia, e preparavam se os futuros successos que deviam perturbar o socego da capitania.

D. João Cavalcante pouca parte tomava nos planos e alvitres; o mais do tempo ouvia, e quando instado para dar seu aviso, sempre eximia-se com a velhice, que já lhe tinha gasto a tempera. E não era por modestia, sinão por um presentimento da verdade que o dizia.

De feito n'esse caracter de antes quebrar que torcer, relaxara-se a rigida fibra e quiçá pela tensão que lhe dera outr'ora uma vontade impetuosa e o genio em extremo arrebatado. Chegara a ponto, que fóra de seus habitos inveterados, os quaes já tinham adquirido força mecanica e materialidade de instinctos, não era mais homem para decidir-se por si, no mais importante negocio da vida.

Não accudisse alguem para incutir-lhe uma

resolução, que elle deixaria ao azar o encargo de remover a difficuldade.

E' do homem perecer assim aos poucos, á semelhança da arvore, que em se aproximando do termo de sua duração, começam-lhe a tombar as folhas primeiro, após os ramos, e por ultimo fende-se o proprio tronco e esbroa carcomido pelo tempo. Da mesma sorte ao velho, morrem-lhe os cabellos, quando lhe despem a fronte, ou encanecem; despovoa-se a boca, e a obra melhor do Creador não é mais do que uma ruina que de dia em dia se desmorona e desfaz no pó de que se formou.

Conservara o capitão-mór sua integridade physica e aos setenta annos era um velho ainda verde e rijo. A eiva ali penetrara no cerne; fora ao moral, e consumira as poderosas faculdades, que outr'ora animavam esse organismo, deixando-lhe apenas o exterior.

Com especial demonstração recebeu o capitão-mór á sua sobrinha D. Lourença Cavalcante; era a pessoa de seus extremos.

Depois que lhe deu a mão a beijar, e a abraçou com muito carinho, sentou-a perto de si na beira da camilha.

— Então D. Lourença, sempre quereis que se rompa, filha? perguntou a rir e com maneira affectuosa o velho.

— O que eu quero, bem o sabe o senhor tio, que é ver esta nossa terra livre da praga de aventureiros que a infestam, e restituida á seus legitimos senhores.

— Bem fallado, D. Lourença! exclamou Leonardo Bezerra.

— Melhor seria para todos que isto se fizesse sem briga, nem contendas. Mas si não póde ser por outra fórma, e força é defender e sustentar no campo nossos privilegios e foraes; os nobres de Pernambuco devem lembrar-se que descendem dos que restauraram á patria e á liberdade esta capitania, muitos dos quaes ainda ahi estão como o senhor tio, e Deus os conserve ao nosso amor por muitos e dilatados annos, para exemplo aos seus e estranhos.

— Lembrem-se tambem as damas pernambucanas, do que devem á terra onde floresceram uma D. Clara Camarão, e uma D. Maria de Souza; acudiu em tom espevitado D. Severa.

— Ai, que esta ainda é mais guerreira que a D. Lourença, pois não se contenta só com instigar, mas quer ella mesma sahir a campo, e batalhar! Assim, D. Severa! exclamou o velho capitão-mór galhofando.

— Por mim já teria lançado um cartel a D. Sebastião de Castro; e em vez de estar aqui todas as noites a levantar planos que é

um não acabar, e nunca vão por diante; eu houvera chamado o governador em repto de honra á pé, a cavallo, na estacada, ou em campo aberto...

— Olá de dentro!... gritou D. João; tragam-me já d'ahi sem detença a armadura de meu avô, para esta cavalleira andante. Quanto a nós, senhores, vamos ver si nos dão uma roca ou uns bilros, e nos arrumamos no estrado a dobar o algodão e a fazer rendas. Porque, as cousas da republica, cá a D. Lourença as destrinça melhor que um lettrado, e no que toca á assumpto de guerra, lá a D. Severa com tres botes de lança põe tudo em debandada.

Já a esse tempo estavam os assentos proximos ao sofá occupados pelas pessoas do costume.

Das principaes eram, além das já nomeadas, o coronel Domingos Bezerra Monteiro, o sargento-mór Leonardo Bezerra Cavalcante com os dois filhos, Cosme e Manoel, alferes ambos: o sargento-mór Christovão d'Hollanda, o capitão mór Mathias Coelho Barbosa, e o licenciado José Tavares d'Hollanda, os quaes todos applaudiram com risadas, a sahida do velho Cavalcante, e mofaram dos recachos marciaes de D. Severa.

Appareceram na sala os pagens, mas não acu-

dindo ao chamado; sinão a porem a meza para a ceia, que estava pingar a hora canonica.

Estendida sobre o charão uma colcha de damasco de seda franjada, pois o capitão mor não admittia, como já era uzo, comer sobre roupas de linho ou algodão, cobriu-se a meza da fina louça de porcelana, com ramagens verdes e tarjas douradas. O serviço era todo elle de prata lavrada, com o brazão da casa.

Foi lauta a ceia. Varios assados de vitella, peixe e aves; peças de caça do monte e volateria; carvonadas de carneiro e gallinhas; chacinas de porco e uma grande torta de mariscos; formavam a parte succulenta da refeição, o que bem se podia chamar a armação do edificio culinario.

Havia demais, para debicar-se nos intervallos, e preparar o estomago para novo assalto, murcellas de Arouca, enxovas, pastelinhos de cabidella, o picante caril, azeitonnas, alcaparras, e outras golozinas n'aquelle tempo inventadas pela arte cibaria para regalo dos glotões.

Entre essas iguarias da cozinha portugueza appareciam os novos quitutes brasileiros, primicias da nacionalidade que já despontava n'esse tão importante mister da vida, como em tudo o mais. Viam-se ali os covilhetes de

passoca e inhames, as muquecas enfolhadas, os bolos de cará, acepipes ensinados pelos indios, sem fallar das corbelhas de filigrana de prata cheias das mais saborosas fructas do paiz, ananazes, pinhas, mangas e bananas.

Tambem a par dos bons vinhos das Canarias e do Reino, figurava o mosto do genipapo e a garapa; assim como não se desmerecia entre os pães de varias fôrmas e receitas, quaes o mimoso, o sovado e o commum, a nossa farinha d'agua, e as alvas tapiocas, em lindas cestas de palha matizada, trabalho dos caboclos.

Acabavam os pagens de pôr a ceia, e preparavam-se para servir aos convivas, quando notou-se do lado da entrada certo alvoroço, ainda que mui ligeiro entre as pessoas ali agrupadas.

Dera causa á essa animação, a chegada de um cavalleiro, que reproduzia-se em mesuras a um e outro lado, para logo após desfazer-se em mil abanicos e finezas acompanhadas de partes magicas. A cada um saudou com apuros de cortezia, e umas inflexões de talhe, por modo requebradas, que tinha geito de se estar enroscando pela gente.

— Ahi chega o Felipe Uchoa! disse o capitão-mór que lubrigara o cavalleiro atravez de suas floretas. Ainda bem! Cuidei que o não teriamos hoje á ceia!

— Não lhe falta que fazer; acodiu o sargento-mór Bezerra; mas de tudo se desempenha a tempo e pelo melhor. Não sei de outro de mais conselho, nem capaz de tanto e em tão poucos annos.

Expandiu-se o capitão-mór João Cavalcante com o elogio feito ao sobrinho.

— Chegaes a ponto para a primeira investida, Uchoa, como bom cavalleiro que sois.

— Aprendi em boa eschola, como não quero que a haja melhor, em toda a christandade; respondeu o Uchoa, affagando a vaidade do velho.

CAPITULO XIII.

UM RASCUNHO DO SECRETARIO DA CAPITANIA COM PRESUMPÇÃO DE ESTAMPA.

Arrastando os tamboretes, acercaram-se os convivas da meza, ou *taboa*, como diriam João de Barros e Frei Luiz de Souza, com um de seus tão frequentes gallicismos.

Felipe Uchoa, tomou o seu logar do costume, á esquerda de D. Lourença Cavalcante; e passou logo á exercer o seu mister de trinchante, no que era de consumada pericia. Muitos lhe invejavam, mas nenhum ousava disputar-lhe o honroso mister, em que fazia as vezes do dono da casa, como o parente de seu especial affecto entre os homens, da mesma sorte que D. Lourença entre as damas.

— Senhores e parentes, assaltemos este cas-

tello roqueiro que nos está affrontando. A' brecha, Felipe Uchoa! Depois veremos o que se ha de fazer ao Brum e ás Cinco Pontas, que são os baluartes do governador.

Affincara o bacharel a faca do trincho no empadão de caça; e cortou para o tio uma naca formidavel, servindo em seguida aos outros convivas, na proporção da valentia gastronomica de cada um; o que elle conhecia pela pratica do officio e experiencia adquirida.

— Não tivesse elle outros baluartes, sinão esses, que não seria façanha, rende-lo com os fronteiros que temos, observara o Uchoa.

— E quaes outros, cuidaes que elle tenha, senhor bacharel?

— E' principal, o ouro dos mascates, que vae semeando a traição entre os naturaes, de sorte a não se poder já contar com a fé do mais seguro.

— Si até ao Sr. capitão-mór João de Barros nosso tio se atreveram os picaros á fazer-lhe um tiro á queima roupa, mas de mil crusados, que d'outra especie de bala não entende, nem quer saber a cafila dos forasteiros; atalhou o capitão André de Figueredo.

— Já não tornam aos tempos, em que davam os naturaes exemplo de uma constancia e heroismo que não tem inveja aos mais

decantados das antigas éras; exclamou com fervor o licenciado José d'Hollanda. Aquelles eram pernambucanos, e sabiam servir á patria e á religião, que livres desamparavam a casa e a familia para não se curvarem ao jugo de hereges; e captivos rejeitavam a liberdade, porque tinham em mais valia do que tão precioso dom; guardar á fé a seus senhores.

— Depois que a ralé da mascataria, mal peccado nosso, lastrou por está terra, já ella não póde ser o que foi, o Pernambuco de nossos maiores; nem afogado como anda de más hervas e pragas, pódem mais ahi medrar as virtudes, que rebentavam outr'ora com tamanho viço.

A pouco e pouco foi cahindo a pratica, embargada da tarefa de destrinçar no prato as varias iguarias, mais agradavel e avisada n'aquelle momento do que a de razoar sobre cousas já tão discursadas.

Terminado o primeiro pasto, retiraram os pagens as iguarias que transportaram á casa de jantar, onde já estava posta a mesa para o restante da companhia. Entrou então a ultima coberta dos dôces e conservas de assucar para o *desser*, como já se dizia n'essa epocha á moda franceza em vez de *postre*.

Veio o infallivel manjar branco; em seguida as castanhas de cajú confeitas, as tortas de

matury e crême, as trouxas d'ovos tão decantadas pelo bom Filinto, as conservas de fructas, e a deliciosa cocada em tigelinhas de crystal, tudo acompanhado de vinho Palhete e de Candia.

No centro campeava uma pyramide de prata lavrada, formando por andainas uma pinha de belliões de abobora e batata, pucarinhas finas de geléas de araçá e pitanga, trebelhos ou flôres de alfenim, e as saborosas queijadinhas, preparadas pelas mãos mimosas de D. Lourença para o velho capitão-mór, o qual lambia os beiços de gosto, depois que devorava uma boa duzia d'ellas.

Era n'essa occasião da sobremeza, que os principaes dos parentes, conhecidos como os de melhor discurso e conselho, ficavam sós entre si; porque o mais da assembléa acodia por sua vez á ceia, que já os estava esperando na casa de jantar, presidida por Alvaro Cavalcante, o filho do capitão-mór, um desbragado que levava a vida a pautear, não cuidando sinão de jogo, mulheres, e comesainas.

Por isso achava-se mais a gosto ali em liberdade e fóra das vistas do pai, do que no sofá, onde nada lhe interessava do que se tratava, e sentia-se tomado de uma como bebedeira de aborrecimento e somno.

Antes que se entre a tratar de negocios graves, aproveitemos a curta pausa, para assentar os traços mais salientes do bacharel Felipe Uchoa, que teve parte mui proeminente nos successos d'aquelle tempo,

A' figura, serviria um furo abaixo, e com differenças minimas, o mesmo molde por onde se tirara o secretario do governador, o capitão Barbosa Lima. Por primeiro contraste logo se notava que n'este a cabeça era sobre o largo, emquanto no outro se alongava direita; no que por ventura alguem entendido na abstrusa sciencia do homem, verá um symptoma de que no bacharel dominava exclusivamente o prurido de subir-se ao mais alto, ao passo que no secretario a ambição não lhe tolhia as expansões generosas.

Afóra essa particularidade, no mais era Felipe Uchoa o escorço de Barbosa Lima, de modo que ver um tanto valia, como ter conhecido o outro em moço, antes que os annos bem surtidos lhe houvessem dado todo o corpo. Da mesma avantajada e pernalta estatura, com uma calva que no secretario chegara ao apogeo, e no bacharel se estreava tão promettedora, como a sua entrada nos negocios; dotados da mesma abundancia do gesto e mobilidade de compostura; bem podia·

se tomar estes dois nobres pernambucanos como o primeiro e segundo esboço lavrado em gesso para servir á fundição de um molde.

Nas maneiras, em que ambos primavam á lei de cortezes, reparàndo-se bem lá se lobrigava um cambiante. Assim, no secretario a affabilidade espraiava-se, como as ondas de um manancial perenne; no bacharel ao contrario sahia aos esguichos, quanto bastava para filtrar na vaidade alheia. Era sincero o primeiro, e obedecia ao impulso de sua natureza; ao passo que no segundo havia mais affectação, do que indole.

Não perdoava Felipe Uchoa ao Barbosa Lima o ter este conseguido grangear a confiança do governador e encartar-se no logar tão cobiçado de secretario. Trabalhava pois, e com affinco, para derribal-o do posto, e rendel-o n'elle, trazendo D. Sebastião á boa causa, de que andava transviado. Si porém fosse preciso para entrar nas graças do homem, algum arranjo com os mascates, salvo o direito de metter-lhes os pés á seu tempo, é mui de crer que não hesitasse o bacharel, como habil politico.

N'esse empenho, muito si valia da boa sombra que lhe davam o nome e fama do tio, o capitão-mór Cavalcante; e para melhor o levar,

não se esquecia de grangear a boa vontade de D. Lourença, em quem o velho principalmente empregava o seu affecto.

Era de ver como refinava galanterias no favoneiar as presumpções da prima que se tinha na conta de uma duqueza d'Alba, capaz de empunhar as redeas do governo da capitania, si fosse necessario, para o que se julgava com mais lettras e melhores bofes do que toda a parentella junta e refundida.

Para acabar o parallelo entre os dois competidores, falta ainda um traço. Era o secretario homem de engenho superior e filho de suas obras; donde vinha o não sentir inveja do merito alheio. O bacharel, garfo de extensa parentella, tinha o talento preciso para manter se na altura em que o plantara a fortuna, e desconfiado de que não podia subir além, cuidava que só abatendo os outros, conservaria a proeminencia.

Ninguem se queixara jámais de um acto menos leal do secretario, embora não faltassem muitos a lançar-lhe a pecha de pendores e mobilidades nos alvitres, como modo de ver as cousas. Do bacharel nada se fallava ácerca de volubilidade, porque sempre esteve elle adstricto ao feudo da familia e jungido ao carro da fortuna; mas a copia que dá a chronica quanto ao

refolho, é de tão insigne, que chegava ao ponto de enganar-se a si proprio.

Tocava ao termo o pospasto no sofá, como bem o indicava a postura do capitão-mór, já um tanto derreado sobre o espaldar do espriguiceiro, pelo qual ia-lhe aos poucos resvallando o mal sustido corpo.

Aproveitou André de Figueredo o ensejo da privança para tratar de assumpto de ponderação, que o trazia preocupado desde o começo da noite.

— Meu tio e senhores parentes; sabereis que tenho para propôr á vossa prudencia consummada, negocio de muita e grande monta.

E com estas palavras que a todos pôz de aviso, tirou o capitão do peito do gibão um rolo de manuscripto, que empunhou na dextra a guiza de bastão de commando.

Não escapou esse meneio do primo á Felipe Uchoa, que era perito na arte de tirar pelo semblante as inquirições do que ia lá dentro. E todavia o gesto de Figueredo não era sinão um assomo rijo por ventura, de seu animo franco e resoluto.

Distrahido como parecia a contemplar o topazio liquido de um calix de palheta, que ia gostando aos goles, relanceou o bacharel por cima dos oculos um olhar obliquo a uma e outra banda.

Esqueceu esse pormenor, como por ventura outros que se irão pelo diante tirando á limpo. Trazia oculos o bacharel; andaço este, que a lermos por Montesquieu, grassava n'aquelles tempos grandissimamente entre os portuguezes, pela veneração que de todos grangeava.

Nariz cavalgado por um par de cangalhas, no dizer do malicioso francez, por força que era um nariz sabio, credor do maior respeito, torre de sciencia, e promontorio de prodigioso engenho. Ora a proboscide do bacharel se taes epithetos não existissem, os inventaria.

— Não ignoram Vmcs., meu tio e senhores parentes, como tem corrido os tempos na esperança traidora d'um remedio que não chega e talvez nunca chegará, pois não é de hoje que estão no costume em Lisbôa de nos esquecerem quando carecemos de defender nossa liberdade e patria, mas havendo algum dote ou qualquer outro subsidio, sem fallar das fintas ordinarias, então sim, é de ver quão promptos se lembram, e os rendimentos ternos amistosos com que o fazem.

— Tem carradas de razão, André de Figueredo! disse o sargento-mór Bezerra.

— E' tempo já que venhamos á uma congruencia feliz para os negocios de Pernambuco, ameaçado de completa ruina pela soberba e

aleivosia dos mercadores do Recife. E como o lembrar é para todos, emquanto que o avisar só cabe a poucos, e esses de muito conselho e experiencia, pareceu-me communicar-vos o que entendo sobre estas cousas, em que andam empenhados o nosso brio de pernambucanos, tão pizados n'estes ultimos tempos, e o respeito a uma patria illustre, que não havemos de consentir se torne feitoria de mascates.

— Qual é pois vosso alvitre, capitão André de Figueredo? disse o velho Cavalcante já de todo derreado contra o espaldar. Dai-nos á saber; contanto que não seja algum partido extremo.

— Para o sujeitar ao voto do tio e de todos os senhores e parentes, que ministros melhores não podem ter os negocios de Pernambuco, o trouxe eu; e não é outro sinão o de rompermos de uma vez em defeza da patria e da liberdade pernambucana, intimando com antecedencia ao governador esta resolução, para o caso de que prefira elle arripiar do máo caminho, e enxotar de ao redor de si a sucia dos mascates. E fio-vos eu, que em tendo a cousa por certa, elle o fará. Si porém persistir no seu erro, recambiemol-o a Lisboa com um manifesto a El-Rei em o qual lhe exporemos nossos aggravos e as

razões maiores que nos levaram á forçosa necessidade de despedirmos d'esta terra, o máo ministro que lhe pôz por governador. O manifesto senhores e parentes aqui o tenho já; fel-o á rogo meu, nosso amigo o licenciado David de Albuquerque.

Abriu então André de Figueredo o rolo de papel que tinha fechado na mão esquerda emquanto fallava; e mostrou em roda o manuscripto, do qual se preparava á dar leitura aos circumstantes.

N'esse momento o bacharel Uchoa que ouvia ao capitão com um sentido grave e attento, enfrestou por cima das vidraças um olhar significativo á D. Lourença, e temperando ao de leve a garganta, propôz-se a dar seu voto:

— Senhores meus e respeitaveis parentes, aqui reunidos á sombra do veneravel chefe de nossa familia; disse o bacharel fazendo com a cabeça a venia do costume ao capitão-mór, que já então se achava em perfeita diagonal. Ninguem que tenha meditado as cousas do governo, como ellas merecem, desconhecerá a verdade de quanto expôz nosso primo capitão André de Figueredo; e a urgencia do mal que pede remedio prompto, pois si lhe tardarmos com elle, é perder logo toda esperança de cura.

Foi este o exordio da arenga que o bacharel trazia preparada para o caso. Pelo Cosme Borralho, que era da sua roda, tivera elle noticia e communicação do manifesto,. encommendado por André de Figueredo ao licenciado David de Albuquerque. Atinando desde logo com o pensamento do primo, e não lhe soffrendo a vaidade, levasse outro nos conselhos da familia, as lampas que pretendia sómente para si; tratou de pôr cobro ao que julgava uma usurpação.

N'esse proposito entendeu-se com D. Lourença, que era nos ultimos tempos a alma viva do capitão-mór, seus olhos e seus ouvidos.

Soberba, imperiosa, rendia-se comtudo a matrona pernambucana á admiração e encomios de que a trazia constantemente incensada Felipe Uchoa, sem que entrasse n'esse rendimento o mais remoto vislumbre de ternura. Tal encanto achava D. Lourença em sentir-se adulada pelo mancebo apontado como o grande luminar da familia; que rarissimo era recusar-lhe sua condescendencia.

D'esta vez o caso parecia arduo pois cifrava-se em induzir D. Lourença á contrariar um plano do proprio irmão, e o de mais estimação. Mas tão ao vivo lhe representou Uchoa, os perigos com que o traço imprudente de André de Fi-

guerêdo ameaçava a elle primeiro, e a todos os seus; que nem hesitou a matrona, e tomou a seu cargo preparar o capitão-mór.

Depois do introito, formalisara-se de novo o bacharel. Dando ao vulto mais outra camada de gravidade, começou a cortar o ar ante si com o impulso e retracção do braço, como si preparasse um escoadouro á exhuberancia de sua palavra. Sahiu então uma dessas arrancadas de eloquencia, nas quaes se estão mostrando os puchos da memoria para dar a luz as idéas, e o enfaixamento das pobres creaturinhas mal nascidas.

Serviu de thema ao bacharel a resenha dos acontecimentos, que se tinham succedido desde a posse do governador Sebastião de Castro; e isso com pormenores de fatigar, e minudencias futeis que nada faziam ao caso; mas entendia lá para si o bacharel, que fazia prova de engenho profundo e investigador, catando semelhantes argueiros para sopral-os nos olhos dos outros.

— Tal é o estado a que chegaram as cousas em Pernambuco, e quanto mais grave a não ser nossa prudencia e moderação! Em tão grande estreiteza havemos de ficar indifferentes e entregar á peior azar a sorte nossa, e da patria? Por nenhum modo; carecemos de voltar o

rosto, e empenhar quanto póde e vale a nobreza pernambucana, para repôr as cousas no seu assento e trazer a bom termo as differenças que tamanho damno causam. Mas o meio de o alcançar?...

N'esse momento á porta de entrada fronteira ao sofá, appareceu o vulto do Lizardo, e cresceu pela casa a dentro. Ao que se via, o poeta da familia não estava nos seus eixos; alguma lhe acontecera que o trazia espantadiço. Avançava, não com sua habitual macieza, mas inteiriçado, aos trancos, á guiza de maninello de papelão empurrado pela mão do titereiro.

Era este, nem mais nem menos do que o garoto do Nuno, o qual levado da bréca, e dicidido, fazia finca-pé mettendo os braços aos hombros do Lizardo e aos boleos introduzia em casa do capitão-mór o nosso rimador, apezar da visivel repugnancia que a este inspirava n'aquella noite o tecto protector e hospedeiro.

Desta sorte tangido pelo caixeiro, atravessou Lizardo a casa do sofá, e sumiu-se na casa do jantar, sem que as personagens reunidas em torno do capitão-mór, fizessem grande reparo no incidente.

A todo o momento estavam entrando as pessoas de trato e conversação da casa, e o Lizardo era bem conhecido a titulo de commensal

e trovista. Quanto ao Nuno, agachado por detraz do camarada, não se lhe via do sofá nem mesmo as pernas a mover-se por baixo do gabão do outro. Esgotada, portanto, a pausa que o bacharel com geito collocara deante de sua interrogação para avultar-lhe a força e o peso, proseguiu na sua oração:

— « *Quomodo?*... Por que modo, ou porque modos? Somos entrados no labyrintho mais intrincado das consciencias que são os modos, os traços, as artes, as invenções de negociar, de intrometter, de insinuar, de persuadir, de negar, de annullar, de provar, de desviar, de encontrar, de preferir, de prevalecer; finalmente de conseguir para si, ou alcançar para outrem tudo quanto deixamos dito. »

« São do nosso Padre Antonio Vieira tão discretas palavras, em que muito se póde aprender para o nosso caso. Si affrontarmos com as armas á D. Sebastião, carregamos com todas as culpas, porque em summa é governador d'esta terra, n'ella posto por El-Rei, nosso Senhor, como seu Capitão General; e é bem de ver que na pessoa d'elle desacatamos a magestade que o elegeu.

— Em tal caso cruzemos os braços, e entreguemos d'uma vez o pescoço á canga dos mascates; interrompeu André de Figueredo.

Felipe Uchoa sorriu :

— Aqui é que se ha mister todo o artificio e subtileza de engenho, com que estes modos se fiam, e estas negociações se tecem. Já não temos que esperar sinão de nossas armas e força é que venhamos ás mãos? E note-se que não o affirmo eu, sinão que apenas o concedo por supposição. Pois ainda n'esse caso extremo, achemos traça de sermos nós os provocados; de sorte que antes pareça que fomos coagidos da dura necessidade de deffender nossa vida e liberdade, do que levados de animosidade contra o governador. Este é meu voto; e assim tenha eu a fortuna de o ver aceito, que não me pouparei a pô-lo logo por obra, de sorte que saiamos quanto antes de tão difficil conjunctura.

Terminada a arenga do bacharel, D. Lourença, que se debruçara como para melhor ouvir, mas principalmente com o fim de esconder o vulto do capitão-mór, disfarçadamente acordou-o puchando-o pela barba, pois já resomnava. Desperto, o velho ergueu a cabeça, para dizer com voz tropega :

— Bem fallado, Filipe Uchoa. E' o que temos de melhor a fazer.

Depois d'esta approvação, si alguem pretendia oppôr-se com outras razões ao alvitre

do bacharel, desistiu do proposito. A ultima palavra acabava de ser proferida; e o conselho de familia estava encerrado por aquella noite.

Ergueram-se todos da meza já despida, e espalharam-se pela casa; emquanto D. Lourença corria os reposteiros de sarja vermelha, que cerravam o sofá, transformando-o em pequena recamera, onde costumava o capitão-mór dormir o primeiro somno.

N'essa occasião ouviu-se grande reboliço na casa de jantar.

CAPITULO XIV.

COMO D. SEVERA ACHOU TÃO A PONTO O PAGEM DE QUE NECESSITAVA PARA ESTREAR-SE NA CAVALLARIA ANDANTE.

Quando á tarde o ajudante Negreiros apartou-se do governador, tomando pela rua da Moeda, houve quem lhe bispasse a manobra.

Viam-se pela ribeira, proximos á jusante da maré, giráos cobertos de palha, onde costumavam os pescadores guardar as canoas; e tambem jangadas suspensas de um lado por espeques. Ahi, atraz de uma d'essas anteparas se mettera o Nuno, com receio de que o avistasse de longe a comitiva do governador, e lhe pozesse o ajudante no encalço aos lacaios e guardas de a cavallo.

Succedeu esconder-se o rapaz a geito de ou-

vir as palavras que trocaram o ajudante e o governador, ao passarem rente com a palhoça onde se agachara.

Desde que desappareceu a comitiva, surdiu o mascatinho sarapantado, e lobrigou o Negreiros que apeava-se na calçada da logea. Alli n'aquella hora se ia decidir de sua sorte; e sabendo do empenho que punha o mercador em agradar a D. Sebastião, tinha já como cousa assentada, a remessa para Lisboa.

No primeiro navio que se fizesse de vela para aquelle porto, lá ia elle encommendado á algum tio da outra banda; e tão cedo não veria a sua Martha, nem de tão longe a poderia disputar aos que se atrevessem a pretende-la.

Logo, sem mais detença, cuidou em evitar o golpe; e o unico meio que tinha era desapparecer da casa, e de modo que lhe não podesse o pai seguir a pista e agarra-lo.

— Não me pilham!... disse o mascatinho ao concluir a sua breve reflexão. Vamos rondando do lado do quintal, a vêr si posso apanhar-me dentro de casa, e arranjar a trouxa. Depois raspo-me; e passem lá muito bem.

Era precavido o rapaz, no que mostrava á despontar entre os arreganhos marciaes, o sangue mascate. Como podia ter necessidade de

ganhar o sertão, lembrou-se que precisava da roupa, mas sobre tudo de armas, sem as quaes não o tomariam por homem de guerra, o que era todo o seu desejo.

Ao avisinhar-se dos fundos da casa, escondido entre o matapasto, deu com o Lizardo encostado á parede da tacaniça, perto da gelosia, e não lhe custou adevinhar o que alli fazia o amigo.

Emquanto afinava-se o trovista para recitar a sua decima, o esperto do Nuno penetrou na casa paterna, pelo quintal, onde só encontrou a Bemvinda, que estava cochilando ao borralho, em companhia dos dois gatos da casa.

Barafustou o rapaz a correr pelo corredor, até um compartimento que ficava nos fundos da loja, e lhe servia de armazem ou arca de Noé. Ahi cuidou logo de escolher o mais fornido chifarote que suspendeu a ilharga pelo talabarte; poz a bandoleira uma clavina; metteu no cinturão um par de pistolas francezas e uma adaga flamenga; e na cabeça uma velha cervilheira, que alli rolava d'envolta com outros cacaréos.

Assim reduzido a um cabide d'armas, tratou o garoto de entrouxar duas ou tres mudas de roupa, que tirou do armario das que já vinham em obra do Reino; feito o que foi-se

pondo ao fresco sem mais demora, pois no meio dos seus aprestos, vinha-lhe á rajadas lá da entrada da loja um certo rumor de vozes, que o tinham alerta.

Desconfiava o rapaz e não sem motivo, que esse susurro provinha da pratica do pai e do ajudante, naturalmente sentados á calçada da logea. Por maior que fosse a curiosidade de saber o que estavam os dois tramando contra sua liberdade, o medo de que o viesse encontrar o pai, armado em guerra dos pés até a cabeça, tirou-lhe todo o gosto da escuta, e lhe amolou os calcanhares.

Ao toque de *ave-maria* já estava o Nuno outra vez escondido no matapasto, em frente a rotula, e á ruminar uma lembrança, que lhe acodira. Era nada menos do que sahir ao encontro do ajudante, na volta d'este, chamal-o a desafio, e ali mesmo metter-lhe na pelle duas boas cutilladas, para ensina-lo a não se intrometter com a vida alheia.

Quando tinha assentado levar por diante a traça e já a trazia bem concertada, sahiu-lhe o negocio burlado; pois o Negreiros com a pressa de tornar á D. Sebastião, portador de boas novas, apenas saltou na sella fincou esporas no ginete, e lançou-o a todo o galope. Ninguem o julgaria capaz de tal façanha, acha-

cado como era de varias queixas, que todas lhe provinham dos destemperos de boca. Que heroismos porém não inspira a bujulação?

Assim frustada sua esperança de vingar-se no ajudante, se deixou ficar o Nuno occulto no matapasto, á espreita do nosso poeta Lizardo, com quem contava para o plano que forjara.

Já haviam passado o Rev. João da Costa em companhia de Miguel Corrêa, e o Lizardo não se resolvia a apartar-se da rotula. Cansado de esperar, o Nuno que não primava pela paciencia, foi-se aproximando agachado entre o matapasto, e de repente surdiu em face do nosso poeta.

— Deffende-te villão! gritou o mascatinho engrossando a voz e puxando do chanfalho.

Ao ver-se atacado por uma panoplia, o Lizardo, que soffria do nervoso, ficou estatelado contra a parede, sem voz para proferir palavra; porém maior foi a sorpreza quando todo aquelle fero se trocou em gargalhada, e elle reconheceu sob a viseira o rosto brejeiro do Nuno.

— Sempre tens uns modos!... disse o nosso poeta arrufado.

— Com que então queria o Sr. Lizardo de Albertim que eu o deixasse muito de seu e socegado estar aqui de requebros e segredi-

nhos com a sonsa da senhora minha irmã, que aposto nos está escutando por detraz d'aquella rotula.

Ouvio-se um muxoxo entre as frestas.

— Pois engana-se, tornou o mascatinho entonando-se outra vez no seu recacho guerreiro. A' espada ou lança, a pé ou encarapitado, lhe mostrarei que... que você é um poeta das duzias.

— E você um espalha brazas!.. atalhou com impaciencia uma voz maviosa que vinha da rotula.

Voltou-se o Nuno para dar-lhe o troco; mas em vez do rostinho de alfenim que elle esperava encontrar, lobrigou atravez da rotula entreaberta as marrafas de uma respeitavel matrona, que se approximava da janella com uma curiosidade suspeita.

Essa matrona era nada menos do que a senhora Rosaura, mulher do mercador Miguel Vianna, e mãe do nosso Nuno.

Percebendo-lhe as pisadas, a menina dos olhos negros esgueirou-se da rotula o mais depressa que pôde. Vendo o que, o Lizardo teve o palpite de amollar as canellas, escamando-se a bom correr pelo campo fóra.

Pensou o Nuno que era esse o mais prudente alvitre, e apezar da durindana que lhe embaraçava as pernas e da cervilheira a dan-

çar-lhe na cachola, lá disparou pelo matapasto no encalço do Lizardo de quem não lhe fazia conta perder a pista.

Momentos depois caminhavam os dois amigos pelo isthmo, na direcção de Olinda.

Chegados á altura do Brum, parou o Lizardo, pensando que o Nuno desejaria separarse d'elle para tornar ao Recife. O mascatinho porém tinha lá sua traça, e foi despejando o caminho, sem dar-se por entendido.

— Olhe não fique tarde para você recolherse, Nuno! disse-lhe o nosso trovista.

— Não lhe dê cuidado, sô mofino!

Assim chegaram ás abas de Olinda, e o Lizardo ia despedir-se do companheiro, quando este perfilando-se disse-lhe com um tom que não admittia volta.

— Fique sabendo o Sr. Lizardo de Albertim que vai d'este passo levar-me á casa do capitão-mór João Cavalcante.

— Do... do capitão-mór?... murmurou o poeta gago de sorpreza.

— De que se espanta você?

— Pois, Nuno, o filho de um mascate do Recife...

— Que tem isso?... D. Francisco de Souza que é nobre e dos mais nobres não está com os mascates?

Embatucou o Lizardo com o exemplo, mas não se deu por vencido:

— E seu pai?

— Elle que se arranje! Não, que para Lisboa não me levam nem em postas.

— Que me diz, você, Nuno?

— A tramoia foi armada pelo manhoso do governador e mais o paparrotão do ajudante que o leve o demo! Mas hei de pregar-lhes um mono, que não imaginam.

— Então é ponto decidido?

— Com a breca!.. Eu cá não sou homem de voltar atraz! Dito e feito!...

Desembainhando o chifarote com um arreganho de Ferrabraz, o Nuno cresceu para o Lizardo gritando-lhe:

— Leve-me já á casa do capitão-mór sinão quer que o leve eu espetado na ponta d'esta espada!

Já abalado pela noticia do desterro que ameaçava o amigo, o nosso poeta rendeu se ante aquelle argumento perfurante.

Eis porque momentos antes o Lizardo atravessava a casa do sofá de um modo tão original, e surdira na casa da ceia, no meio da sorpreza geral dos convivas, que o viram entrar á guisa de boneco de engonço.

Passada a primeira sorpreza, as vistas se

fitaram no vulto de Nuno, que atado ao formidavel chanfalho e coberto pela enorme cervilheira, fazia uma figura grotesca. As risadas estrugiram pelo ambito da sala de envolta com o tinir da louça e dos crystaes.

Susteve Nuno impassivel e sem pestanejar o fogo rolante d'aquella estrepitosa gargalhada, ainda que por seu gosto preferia affrontar uma descarga de mosquetaria.

Afinal passado o frouxo de riso, veio a curiosidade de saber porque artes apparecera ali aquella estrombotica figura: e voltou-se a attenção para o Lizardo que aproveitando a hilaridade, tratava de esgueirar-se pela copa, onde contava achar os remanescentes da opipara ceia.

— Oh! Lizardo, não nos dirá onde foi desencavar este palerma?

— Querem ver que é algum fedelho dos flamengos que ahi ficou enterrado no mangue!

— Mais parece um bugio, armado em guerra!

— Ora qual! E' o Pansa do D. Quixote do nosso Lizardo! Pois não sabiam!

Emquanto assim os convivas trauteavam o nosso poeta, elle estava sobre espinhos; e não se animando a abrir a boca, encolhia-se de modo que parecia querer sumir-se dentro de si proprio.

Foi o Nuno, quem revestindo-se de sua natural petulancia poz termo ao supplicio do amigo.

— Querem saber quem eu sou; pois já lhes digo. Sou o filho do mercador Miguel Vianna!

— Do mascate!...

— O mais atrevido da sucia!

— Que veio cheirar aqui, sô mariola?

— Ora! Anda bisbilhotando para ir metter no bico dos labregos.

— E' espião, não tem que ver.

— Pois enganam-se, accudiu Nuno decidido. Deixei o Recife e o pai, porque sou por Olinda e quero combater com a nobreza, em pro de sua causa, que é a dos legitimos senhores de Pernambuco.

Acolheram os convivas estas palavras do Nuno com um silencio cheio de suspeitas, apezar de serem ellas proferidas em tom firme e sincero. Não assim D. Severa, que atravessando o aposento, veio ao encontro do mascatinho;

— Bravo, moço. Como se chama você?

— Nuno! respondeu o caixeiro.

— Nuno, d'ora avante pertence á minha casa. Faço-o meu pagem de estrado para o serviço especial da minha pessoa.

N'essa ocasião entrava na casa de jantar o

Felipe Uchoa; e consultado sobre o caso, approvou com um riso jambico a resolução de D. Severa.

— Não podiamos inventar melhor polé para o Miguel Vianna; respondeu elle.

Fim do primeiro volume.

NOTA.

Sahe tardio e já fóra de sazão este primeiro volume de uma obra que podia bem estar a esta hora no rol dos alcaïdes de livraria.

Tendo entrado nos prélos em 1871, como se vê do frontespicio, só agora 1873 vem a lume, e ainda assim desacompanhado do outro tomo, que lhe serve de parelha.

A culpa é do author e elle a confessa contricto.

Poderia allegar em seu favor que logo depois de remettido á typographia o original, teve necessidade de ir a Baependy, fazer uso das aguas de Cachambú, que lhe eram aconselhadas.

Nem venha o leitor com a sua contrariedade, lembrando que nesse decurso escrevia elle o *Til*, para o folhetim da *Republica*.

É o *Til* desses livros que se compoem com a material proprio, fornecido pela imaginação e pela

reminiscencia; e que portanto se podem escrever em viagem, sobre a perna, ou n'um canto da mesa de jantar.

Não succede o mesmo com um romance historico, e ainda mais em nosso paiz onde as fontes do passado nos ficaram tão escassas, senão muitas vezes exhaustas.

Para descrever a nossa sociedade colonial é necessario reconstrui-la pelo mesmo processo de que usam os naturalistas com os animaes anti-diluvianos. De um osso, elles recompõe a carcassa, guiados pela analogia e pela sciencia.

O escriptor que no Brasil tenta o romance historico, hade commetter antes de tudo essa ardua tarefa de recompor com os fragmentos catados nos velhos chronistas, a colonia portugueza da America, tal como ella existiu, a separar-se de dia em dia da mãe patria, e já preparando o futuro imperio.

Imagine o leitor a copia de livros de que tem de cercar-se o author; o isolamento a que deve sujeitar seu espirito afim de identifica-lo com esses orgãos do passado; a leitura incessante que lhe é necessaria para saturar-se da antiguidade, que se exala dos velhos alfarrabios.

Isto não se faz em viagem, e ainda menos em viagem de terra, pelos caminhos que temos, e com as possilgas que as vezes servem de pouso ahi por esse interior.

Bem saudades levava eu dos meus personagens da *Guerra dos Mascates*, com os quaes me habituara a

tratar, e a quem já conhecia tão bem, que os distinguia de longe pelo gesto ou pelo andar.

Quando de volta de Cachambú, de novo os procurei, já não eram os conhecidos que eu tinha deixado; e custou-me a entrar de novo em sua convivencia.

Este inconveniente eu o noto todas as vezes que interrompo alguma obra. Si ella ganha pela reflexão; perde muita da energia e abundancia que tem o primeiro arrojo da concepção.

A idéa de um livro para aquelles que o escrevem de inspiração, brota de uma ebulição do pensamento, como a planta do germen que fermenta no solo.

Essa ebulição traz comsigo toda a seiva do livro, como no torrão em que vem o broto ha o sal da terra, que deve formar o lenho, as folhas e a flôr da arvore.

Uma vez apagada a effervescencia d'alma, sem que o livro esteja concluido, é muito difficil reproduzir o phenomeno; e nunca elle volta com a mesma exhuberancia e o brilho da primeira expansão.

Malfadada nasceu esta chronica, pois quando o author se julgava tornado a ella, arrancou-o a enfermidade para leva-lo outra vez em triste perigrinação, mas desta vez pelos arrabaldes da cidade.

Cá ficaram as provas á rever, e os materiaes do segundo volume, outra vez fechados na pasta á espera de uma folga, que só veio deccorrido um anno, e depois de profundos desgostos.

Acodirá o leitor com o *Garatuja*, que ha poucos dias foi dado á estampa?

O *Garatuja* estava feito; faltava-lhe apenas a fórma. A cidade colonial de S. Sebastião, eu tenho-a tantas vezes estudado e discorrido por ella; que já a conheço melhor do que a cidade imperial em que habitamos.

Foi para mim um anodyno ao tedio da molestia, essa chronica despretenciosa, escripta sem esforço, nem cuidado, com o maior desalinho. Outra sorte desejava eu para a *Guerra dos Mascates*, que todavia sahe máo grado, tanto, sinão mais, descuidada, na composição, como na revisão.

Era minha intenção acompanhar este volume de notas, com referencia a parte historica da obra, mas sobre faltar-me o tempo, careço da paciencia para esse trabalho tão fastidioso, quanto em geral desdenhado.

A *Guerra dos Mascates* é talvez dos factos da nossa historia colonial aquelle de que nos ficaram mais copiosos subsidios. Temos á cerca dessa grotesca revolução, o informe dos dois partidos, os quaes, como sempre acontece, exageraram cada um por sua conta.

Dos personagens, que a historia memorou, o principal é sem duvida Sebastião de Castro Caldas, governador e capitão general de Pernambuco, posto ao qual foi promovido depois que deixou o governo da capitania do Rio de Janeiro onde serviu entre os annos de 1695 a 1697.

De seu caracter, como dos factos que referem os chronistas, não carecemos de occupar-nos aqui, pois melhor se verão do texto da obra, especialmente do segundo volume, onde a acção se desenvolve.

Foi este governador muito calumniado, em seu tempo, acabando por lhe faltarem os amigos, e deffensores, em qualquer dos partidos; até mesmo n'aquelle á quem por ultimo se entregára. É a sorte dos caracteres dubios e perplexos, que dirigindo todo seu esforço a manter-se em equilibrio entre as idéas e os homens, quando uma vez falseam, não acham esteio e despenham-se.

Copiando-lhe o vulto historico, além de vingar sua memoria contra a injustiça e o aleive dos coevos, erigi em vera effigie, para exemplo dos posteros, a estatua dessa politica sorna, tibia, sorrateira e esconsa que a maneira da carcoma róe e corrompe a alma do povo.

Quanto aos outros personagens, tanto os que vieram a tona da historia, como os outros que a onda dos acontecimentos submergiu, não são mais do que os manequins da chronica, semelhantes as figuras de pau e cera em que os alfaiates e cabellereiros põe á mostra na vidraça roupas e penteados.

Si o leitor malicioso quizer divertir-se experimentando carapuças, o author desde já protesta contra semelhante abuso, e pelos prejuizos, perdas e damnos que d'ahi possam provir á seu livro, o mais innocente de quantos já foram postos em lettra de fôrma, desde que se inventou esse genio do bem e do mal chamado imprensa.

12 de maio de 1873.

ERRATA.

VII	6	o girio de	o girio do
XVI	10	escrivão	sacristão
XVII	7	sobre a guerra	da guerra
4	17	farpante	farfante
7	15	entrelaçado	entrelaçada
14	5	do pensamento	o pensamento de
15	13	papillotes	papelotes
18	19	retrocedessem-se	retrocedessem
21	epigraphe	BILE	BILIS
25	20	mulher	melhor
	»	esse	essa
27	17	no mesmo tempo	ao mesmo tempo
»	18	colhem	calhem
46	1	estrambotica	estrombotica
48	22	Sr... Vianna	Sr. Miguel Vianna
52	21	rescendencia	rescendia
61	9	duas rimas	suas rimas
66	24	a mão	na mão
76	19	estatalado	estatelado
83	17	o estimulava	os estimulava
96	7	o seu governador	o senhor govérnador
104	12	estatalado	estatelado
111	15	pel	pelo
»	24	João de Cavalcante	João Cavalcante
116	1	uma só	um só
126	16	rainha	terra
138	12	lugares	lugar
150	26	aos tempos	os tempos
157	22	os rendimentos ternos	os rendimentos e termos
158	6	o nosso brio	nossos brios

INDICE.